

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS

JORGETÂNIA DA SILVA FERREIRA

MEMORIAL ACADÊMICO:
Uma Educadora Popular na Universidade Pública

UBERLÂNDIA – MG
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS

JORGETÂNIA DA SILVA FERREIRA

MEMORIAL ACADÊMICO:

Uma Educadora Popular na Universidade Pública

Memorial descritivo apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a promoção à Classe de Professora Titular da Carreira do Magistério Superior, de acordo com a Portaria do MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013, regulamentada pela Resolução nº 3/2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia, de 09 de junho de 2017.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F383m Ferreira, Jorgetânia da Silva,
2023 Memorial acadêmico [recurso eletrônico] :uma educadora popular na
 universidade pública / Jorgetânia da Silva Ferreira. - 2023.

 Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) -
Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História.

 Modo de acesso: Internet.

 Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2023.8062>

 Inclui bibliografia.

 1. Professores universitários. I. Universidade Federal de Uberlândia.
Instituto de História. II. Título.

CDU:378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário - CRB-6/3408

UBERLÂNDIA – MG

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS

MEMORIAL ACADÊMICO:
Uma Educadora Popular na Universidade Pública

COMISSÃO ESPECIAL DE AVALIAÇÃO

Prof. Dr. Newton Dângelo – UFU

Presidente

Profª Dra. Cristina Scheibe Wolff – UFSC

TITULAR

Profª Dra. Claudia de Jesus Maia – UNIMONTES

TITULAR

Profª Dra. Regma Maria dos Santos – UFCAT

TITULAR

Prof. Dr. Roberto Leher – UFRJ

TITULAR

Prof. Dr. Guilherme Amaral Luz – UFU

SUPLENTE

UBERLÂNDIA – MG
2023

Agradecimentos:

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Agradeço à família, amizades, colegas de trabalho e militância.

De todas as preciosidades, fico com o “Ensinar”, de Adélia Prado:

Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo. Não é.

A coisa mais fina do mundo é o sentimento.

Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,

ela falou comigo:

“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.

Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.

Não me falou em amor.

Essa palavra de luxo.

Dedicatória

À Júlie, Marquinhos e Guilherme. Com amor.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. Primeiro tempo: infância e adolescência (até os 17)	9
3. Segundo tempo: a vinda para Uberlândia e a formação acadêmica em nível de graduação e pós graduação.....	19
3.1. Projeto Pré-Vestibular Alternativo / Pré-Vestibular Alternativo Popular Paulo Freire.....	32
3.2. Me tornei Professora!	34
3.3. Educação Popular na UFU e o GEPECPOP - Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares da Faculdade de Educação - FACED /UFU.....	36
4. Terceiro tempo: sou professora efetiva da Universidade Federal de Uberlândia (2007-2023)	38
4.1. Coordenação do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.....	52
4.2. Movimento Docente e Presidência da ADUFU - Seção Sindical dos Docentes da UFU.....	63
4.3. Gênero em disputa: as lutas feministas e o apoio à luta LGBTQIAPN+	81
4.4. Curso de Extensão e Livro sobre o Golpe de 2016.....	89
4.5. A vida com a pandemia e o Movimento Mães pela Vacina.....	91
4.6. Programa de Promoção da Educação em Culturas Populares em parceria com a Universidade- Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC-UFU)	93
4.6.1. Documentário Mulheres Incríveis.....	94
4.6.2. Publicação de livros.....	113
4.6.2.1 Feminismo das Maiorias	114
4.6.2.2 Resistência Técnica Administrativa em Educação.....	117
4.6.2.3 Soberania e Segurança Alimentar: alimentos que nascem na periferia pelas mãos de agricultoras urbanas do entorno de Belo Horizonte	118
4.6.2.4 Manual da Internacionalista Recatada.....	120
4.7. Comunicação Popular: Mídia Ninja e Esquerda Online.....	122
4.8. Lá vem mulher: coragem pra lutar e amor pra cuidar.....	125
5. Considerações Finais: E agora, Jorgê?	142
6. Referências Bibliográficas	147

Introdução

Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz
doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
(Cora Coralina)

Escrevo com alegria esse memorial para ascender ao último nível da carreira do Magistério Superior. Além de cumprir os requisitos, a escrita do memorial oportuniza olhar para trás, rever o caminho desse longo percurso que me levou à docência e a esse lugar privilegiado na sociedade brasileira. Explico-me. É um privilégio, para uma pessoa que vem de onde eu venho poder falar de mim e por meio deste memorial. Já tenho escrito pelas exigências políticas, já tenho procurado me ver no trabalho de análise, mas agora vou me escrever por exigência acadêmica e profissional. Essa mulher, que circula entre vários espaços, como em geral são os/as humanos/as, falará não o vivido mas o que me lembro, o que posso dizer desses tempos, recortando as histórias que considero mais significativas e que ajudam a dar sentido a essa história.

“Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história” (Hannah Arendt). Na psicanálise a fala é o princípio da cura. De certa maneira posso falar muitas coisas e estou relativamente em paz com minha história. Percurso de muitas lutas, dificuldades, conquistas, vitórias e derrotas. Espero que apesar das dores e alegrias que o recordar nos traz eu possa ser mais forte e mais feliz quando terminar a escrita e apresentação do memorial.

Este memorial tem como objetivo apresentar e refletir sobre minha trajetória acadêmica, profissional e política, cumprindo o requisito parcial para a progressão na Carreira do Magistério Superior para o Cargo de Titular.

A trajetória acadêmica é parte importante da minha vida. Fui me formando em toda a vida, nos espaços formais de educação e nos outros espaços como família, igreja, grupos de jovens, partidos, sindicatos, movimento de mulheres, etc. Apresento

também minha trajetória profissional. Acredito que o trabalho é uma importante dimensão da vida. Mesmo com todas as dificuldades que enfrentei, as experiências laborais são uma parte importante do que sou. O trabalho não é só a forma como garantimos a nossa existência concreta mas é também uma forma de inserção no mundo. Apesar das mudanças no mundo do trabalho, da precarização das condições e dos ataques aos direitos trabalhistas, não acredito no fim do trabalho. Ele vai continuar sendo dimensão importante da existência humana, forma de pertencimento e constituinte da nossa identidade. Apresento também as experiências na militância política e eleitoral. Essas experiências foram impulsionadas pela visão de mundo e, assim, nesse memorial escrevo sobre o que a memória e os seus registros me permitem desse tempo da vida. Memórias de uma mulher, mãe, amiga, professora da UFU, doutora em História, intelectual orgânica da nossa classe, militante política que no ano de 2024 completará 50 anos.

Esse trabalho está organizado em cinco partes: introdução, três capítulos (que chamo de tempo) e considerações finais. No primeiro tempo reflito sobre minha trajetória até os dezessete anos: nascimento na roça, vida escolar iniciada aos sete anos até a conclusão do ensino médio, o encontro com a literatura e a inserção no grupo de jovens. O segundo tempo rememora minha trajetória de vida a partir da mudança da minha cidade de nascimento, Monte Alegre de Minas, para Uberlândia para trabalhar, em momento delicado da vida familiar. Nessa parte, falo sobre o ingresso, permanência e conclusão do Curso de História da UFU, a pós graduação em nível de mestrado e doutorado na PUC-SP, os caminhos da pesquisa e o início da vida profissional como professora, primeiro como substituta e depois nas universidades particulares que vai até setembro de 2007. Tem importância nesse período a militância em um cursinho popular. O terceiro tempo aborda as experiências vividas a partir do momento em que me torno professora efetiva na UFU, primeiro no *Campus do Pontal*, em Ituiutaba, e a partir de 2009, no *Campus Santa Mônica*, em Uberlândia. Nessa parte do memorial descrevo disciplinas ministradas, projetos realizados, atividades de ensino, pesquisa e extensão. Abordo minha participação no movimento docente, minha inserção na política partidária e minha participação na imprensa alternativa. No segundo e terceiro tempo vou apresentando as publicações mais significativas, resultados dos envolvimento

acadêmicos e políticos. Por último apresento as considerações finais, com minha percepção desse processo e busco apontar caminhos do que está por vir.

2. Primeiro tempo: infância e adolescência (até os 17)

Quando nasci, minha família morava na roça, no município de Monte Alegre de Minas. Sempre achei que era próximo ao Rio Tijuco, mas recentemente minha mãe disse que o rio se chama Bebedouro. A fazenda onde morávamos era de uma irmã do meu pai, a tia Cecília e o tio Geraldo, para quem meu pai trabalhava. Minha mãe também trabalhava, mas naquele tempo ainda não tínhamos avançado para reconhecer o que as mulheres faziam como trabalho, por isso só o homem era contratado e contado. Não que hoje já percebemos tudo mas naquela época era ainda mais invisível. Assim, até os sete anos morei na roça, em algumas fazendas, nesse esquema de trabalho contratado do meu pai e invisível e não pago da minha mãe.

Quando eu tinha 4 anos minha irmã Josistelma começou a estudar. Morávamos nessa época na Fazenda do Oripe. Lembro bem dessa época porque foi marcante para mim. O sentimento deve ter sido a inveja uma vez que minha irmã ganhou uma pasta preta com chave e tudo para começar a estudar. “Olhando” para essa pasta hoje ela não era nem muito adequada para uma criança. Talvez fosse mais útil a um advogado. Mas, para mim era um objeto encantador, com sua chave, cadernos novos e demais apetrechos escolares. Quis muito ir para a escola na mesma época que a minha irmã, mas não foi possível. O ano era 1979 e o ensino obrigatório começava aos sete anos nas escolas públicas. Me lembro que lutei para ir junto com ela. Após algumas ameaças eu desisti. Quando chegou a minha vez de ir para a escola eu não queria mais ir. E também a tal da pasta não veio para mim. Foi nessa época que mudamos para a cidade.

Estudei até a quarta série na Escola Estadual de Monte Alegre de Minas, no prédio destinado aos primeiros anos do ensino fundamental. Minhas memórias da escola não são muito boas. Vim direto da roça para a escola. Cabelos compridos, crespos, maltratados, magricela, pobre e com roupas diferentes da maioria porque minha mãe era evangélica dos costumes (vestidos longos, nada de calça, bermuda, etc). Na minha família eu era chamada de Tânia, Taina ou Taninha. Foi só na escola que tive que enfrentar meu nome estranho: Jorgetânia. Para quem me lê, se for dar nome aos/às filhas sugiro nomes fáceis, comuns. Facilita a vida da criança. (risos).



A primeira foto é um print de uma foto coletiva, de um casamento. As outras duas são festas familiares, na primeira o aniversário da minha irmã Meire (ela é a quinta filha), eu estou atrás dela com o braço levantado. A outra é do aniversário da minha irmã Corina. Eu estou atrás dela também.

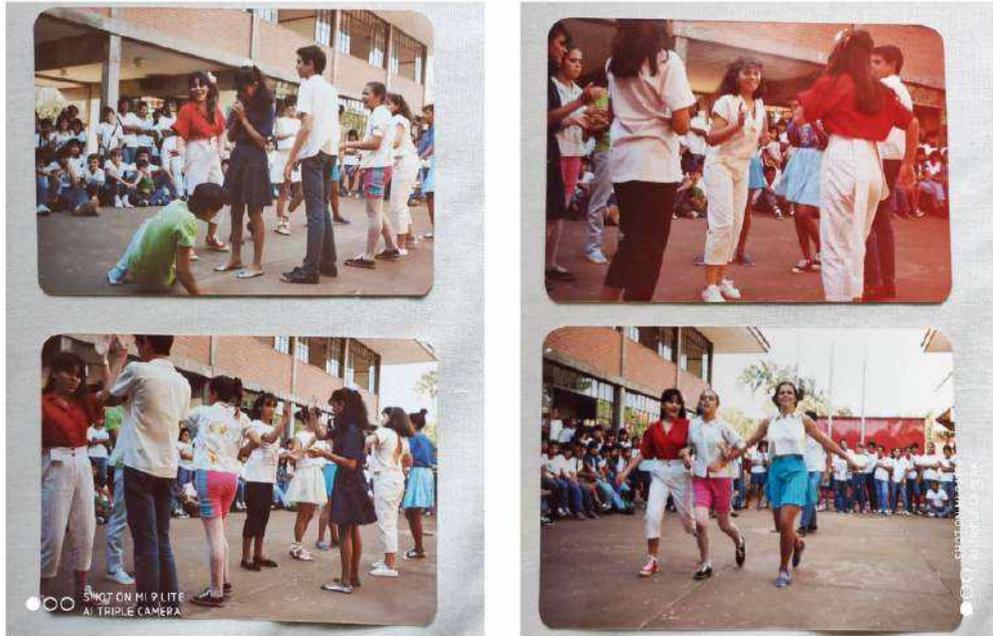
Na escola, enfrentei dificuldades. Sentia tonturas, dor de cabeça. Talvez fosse só dificuldade de adaptação mesmo, mas os conhecimentos que dispúnhamos para aquela situação ainda eram limitados. Eu era bem franzina e me sentia mal. Então quase todos os dias eu tinha que voltar para casa antes da hora com dor de cabeça. Minha mãe, muito sábia, resolveu a situação como pode. Me levou ao médico, me deu um lombrigueiro e avisou que a próxima vez que minha cabeça doesse eu levaria uma surra. Adaptei. Não precisei apanhar. Eu também não era boba.

Além das dificuldades do começo lembro de uma coisa boa. O cheiro do álcool nos desenhos que a professora Ana Maria carimbava no caderno da gente. Era muito legal. Ela carimbava e a gente coloria. Era um bom jeito de aprender. Ao final do primeiro ano fui levada à sala da diretora para provar que sabia ler. Lembro do medo dessa atividade. Fui aprovada. Segui sendo boa aluna. Nunca fui reprovada. No máximo umas recuperações no ensino médio. Me fiz assim. Bastava ser pobre, evangélica, roceira como elemento para me excluïrem. Me tornei estudiosa, certamente por precisão.

Essa coisa de lembrar é interessante. Quanto mais a gente lembra, mais lembrança a gente tem. Lembrei de uma colega da escola que sempre comprava um quibe e uma coca cola no recreio. Ela ia com o dinheiro separadinho para esse momento. Eu ficava só secando o quibe dela e às vezes ela oferecia uma mordida. As escolas públicas nos anos de 1980 não serviam lanches gostosos. Tinha uma sopa que vinha pronta, do governo federal, um leite em pó saborizado mas não era saboroso, não tinha nada muito bom, a não ser em dias festivos. As lutas pelo financiamento da educação pública, de forma estável e suficiente tem contribuído para alguns avanços na educação e a melhoria na merenda foi uma delas. O governo Bolsonaro dificultou bastante o acesso ao lanche bom, mas estamos no governo do presidente Lula que também valorizou os lanches bons nas escolas e eu espero que eles fiquem cada vez melhores para que seja um lugar de boas memórias para as crianças, jovens e adultos/as e de contribuição para o fim da fome em um país que no momento, conta com 33 milhões de pessoas passando fome e a maior parte da população em situação de insegurança alimentar.

Dos anos iniciais destaco ainda o fato de que mesmo sendo uma escola com ensino tradicional, centrado na leitura e na escrita, pouco inclusiva, ela funcionou para o objetivo da alfabetização o que me leva a concordar com Paulo Freire quando afirma que o melhor jeito de ensinar é aquele em que o/a docente se sente mais preparado. Nenhuma inovação educacional será boa se ela não for apropriada pelo corpo docente. Para as inovações é preciso preparo, condições. Na falta, o melhor método é o que o/a docente se sente seguro. Assim, a metodologia que tive acesso como estudante em toda a educação básica foi uma metodologia tradicional, com exposição pela professora, uso do quadro, giz, tarefas e avaliações.

Quando completávamos os quatro anos do 1º grau (hoje ensino fundamental) a gente ia estudar no chamado Colégio, escola com o mesmo nome mas em outro prédio, voltado para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio, naquela época chamado de 1º e 2º grau. Nesse momento, ao invés de uma professora tínhamos várias e acho que fiquei ainda mais perdida na escola.



Fotos de atividades da Educação Física na Escola Estadual de Monte Alegre de Minas Eu sou a moça de short rosa com azul e camisa branca, com flores.

Um fato que me marcou foi quando quebrei a perna. Era um dia de pamonhada na casa da minha tia Lena. Ela morava bem próximo à minha casa. Eu estava brincando com a meninada e fui andar na bicicleta do meu tio José Branco. Era uma bicicleta grande, e eu caí com ela sobre a minha perna. Lembro que doía muito, mas a minha irmã mais velha pedia para eu não contar para a nossa mãe, para não apanharmos. Escondemos o quanto pudemos mas como eu não conseguia andar tivemos que contar. Depois de alguns dias fui levada ao médico na cidade de Uberlândia e tive que engessar a perna inteira. Lembro do meu pai ter que me carregar porque eu não conseguia andar. Apesar dos apuros e das dores, esse foi um fato excepcional de meu pai me carregar. Em minha casa a gente não tinha muita proximidade física entre adultos e crianças e também não havia demonstrações explícitas de carinho.

Eu não sei a relação direta entre quebrar a perna e a literatura, mas na minha memória ficou relacionado. Nesses tempos eu comecei a ler muito e li boa parte das obras da biblioteca da escola. Li muita literatura brasileira, títulos como A Moreninha, O Guarani, Senhora e muitos outros. Lembro inclusive de ler escondido, quando a obra era proibida ou competia com as tarefas domésticas, na minha casa. Ter me

encontrado na literatura foi muito importante na minha vida. A menina magricela, de família numerosa, perdida no meio da vida dura da pobreza e da falta de informações passou a viajar longe, por meio das obras que lia. A literatura me ajudou a viver e a sonhar. Além disso, me fez uma estudante mais competente, contribuindo para melhorar minha escrita e meu desempenho escolar. Eu conheci os livros através dos livros didáticos. Foram os primeiros da minha vida. Valorizo e os considero importantes. Não tive livros infantis e nem tive livros na adolescência. Só a partir do ingresso na universidade passei a adquirir meus primeiros livros. Eu vejo muito valor no livro físico. Gosto do prazer da leitura no papel, gosto do prazer de receber um livro novo ou usado, de deixar as marcas da minha leitura nos livros. Frente às novas tecnologias e equipamentos que dão acesso às obras eu continuo preferindo o modelo antigo. Gosto de fazer referência a essa minha aproximação com a literatura e de como foi um elemento constituidor da minha existência em função da importância que esse fato tem na minha vida, as oportunidades que os livros me deram. Os tempos mudaram e o livro, que já não era popular nos anos de 1980, tem se tornado mais impopular ainda. Sobre ele pesa o preço e os tempos. Tempos em que prevalece a rapidez e excesso de informações, tornando tudo que não é veloz em algo obsoleto. O livro não é veloz. Ele tem seus encantos, mas chega devagarinho, pede uma certa exclusividade, concentração, um ir e vir. No contexto atual concorre com as redes sociais em que a brevidade e rapidez são suas marcas características. Eu sei que falando assim eu pareço uma velha, saudosa de outros tempos. Eu sou uma velha, mas alertada por Raymond Williams¹ não quero ter uma visão idealizada do passado, como “antigamente é que era bom”. Não, antigamente não era bom, também naqueles tempos havia muita desigualdade e opressão. Os livros também não chegavam para a maioria, especialmente em um país em que o direito à educação escolar só se ampliou no século XX e no que ganhou de quantidade, perdeu em qualidade à medida em que as classes populares adentraram às instituições educacionais. Mesmo assim considero estratégico pensar os livros e os tempos no contexto atual porque a lógica das redes sociais prevalecendo na nossa formação, dificultando e mesmo impedindo a nossa concentração e profundidade de informações, me parece bastante prejudicial à nossa formação e,

¹ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

inclusive, à nossa saúde física e mental. Nesse sentido, o livro pode ser um aliado, especialmente na educação formal para a construção de outras lógicas e outras formas de lidar com o tempo, em que o sujeito possa estar mais pleno.

Eu não me lembro com quantos anos comecei a trabalhar. Sou a segunda filha de sete filhos/as de Terezinha Maria Silva Ferreira e José Arantes Ferreira: Josistelma da Silva Ferreira, Jorgetânia da Silva Ferreira, Rosa Maria Ferreira, Corina Ilda da Silva Ferreira, Merialda da Silva Ferreira, José Arantes Ferreira Júnior, João Thieres da Silva Ferreira. Com tantas irmãs e irmãos, sendo a segunda mais velha, trabalho doméstico, em casa sempre fiz. Tinha sempre uma mamadeira para lavar, uma roupa para lavar ou os “trem”, como a gente chamava as vasilhas. A partir dos oito anos já fazia serviços domésticos para as vizinhas, em troca de um dinheiro miúdo ou comida. Minha mãe dizia para a gente ir “ajudar” a fulana e lá íamos nós.

Parando aqui para refletir sobre esse tempo conclui que sempre fui uma pessoa inquieta e desejosa de construir uma vida melhor para quem me cercava. Assim, além do trabalho doméstico trabalhei na roça, como vendedora de roupas e no Hotel Avenida, na cozinha e arrumação dos quartos, entre outros trabalhos. Aprendi a costurar e também passei a costurar para a família e até para vender. Já naquela época criei uma marca com meu nome. Achava bem bonito ver meu nome desenhado nas roupas, feito pela France, uma artista da cidade. Nada vingou muito, era sempre a estratégia miúda de resolver o problema do momento, sempre em busca de garantir uma vida melhor para minha família. Era mais no campo das táticas, como aprendi mais a frente com o historiador Michel de Certeau².

O trabalho na roça me rendeu uma experiência que julgo interessante compartilhar. Quando comecei a trabalhar na roça, especialmente em períodos de férias escolares, tomei gosto por esse trabalho. Levantar de madrugada, levar uma marmitta, ir de ônibus com os companheiros me parecia uma janela de liberdade. Eu me orgulhava de receber o pagamento como um “homem”. Para a colheita do café, uma menina magricela servia bem aos interesses dos patrões. Por isso tive vontade de permanecer nesse trabalho e abandonar os estudos, mas minha mãe foi firme e não deixou. Apesar da necessidade, minha mãe não aceitou que eu deixasse a

²CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

escola para ganhar dinheiro. Nesse sentido, uma referência fundamental para que eu continuasse meus estudos foi sem dúvida, minha mãe, que me salvou mais uma vez. Ela, a literatura, meu primeiro grupo de jovens, a JUFRAN - Juventude Franciscana Montealegrense e as amigadas.

No ensino médio eu tive algumas notas ruins. Eu fui para o noturno. Foi uma decisão por querer trabalhar e também não ver sentido de fazer colegial no turno da manhã. Naquele tempo eu ainda não tinha nenhuma perspectiva de fazer faculdade. Não conhecia ninguém que tinha terminado o ensino médio e ido para a universidade. Acho que, também por esse motivo, posso me considerar uma pessoa com uma marca de rebeldia. Lembrei que ao término do ensino fundamental era hora de escolher novos caminhos. Havia duas possibilidades mais óbvias: fazer o colegial pela manhã ou curso técnico à noite. O curso existente à noite, que eu me lembre era o curso Técnico em Contabilidade. Lembro que naquele momento houve uma discussão sobre a criação do curso Técnico Normal, para ser professora. Teve uma situação para votar para ter o curso Técnico Normal à noite e eu ter uma polêmica na sala porque eu queria votar para ter mas eu não queria cursar e a votação, na verdade era um levantamento para ver quem queria fazer o curso Normal. Eu não queria. Não queria ser professora, não queria esse lugar prescrito para as mulheres. Fui fazer contabilidade.

Um outro caminho que que vislumbrei foi fazer o curso Técnico em Agropecuária em Uberlândia. Essa possibilidade me animou sobremaneira, uma vez que eu não queria ficar no lugar que eu considerava tradicional, o lugar de menina, porque certamente não via vantagem em ganhar menos, ser menos respeitada, etc. Minha mãe concordou. Lembro de irmos a Uberlândia fazer minha inscrição, eu e minha mãe. Qual não foi minha decepção ao descobrir que eu não podia cursar Técnico em Agropecuária, naquela época, porque o curso, mesmo sendo para meninos e meninas, o alojamento gratuito na escola, que ficava na zona rural de Uberlândia, era apenas para meninos! Voltamos para Monte Alegre e fui fazer o curso técnico em contabilidade no período noturno. Durante o dia batalhava em trabalhos variados para ajudar no sustento da família. Isso ocorreu em 1988. Em 2022 estive na antiga Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia, que hoje tem o nome de Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM. Já era a terceira ou quarta vez que eu fazia palestra no mesmo Campus (Fazenda) e foi a primeira vez que me

lembrei de contar que tinha tentado estudar naquela escola mas tinha sido impedida por causa do alojamento restrito aos meninos e minha família não tinha como me manter na cidade. Qual não foi minha surpresa quando descobri que, de tantas lutas e de tantos avanços na igualdade de gênero, nas políticas públicas o alojamento continua exclusivo para os meninos. E as meninas pobres, “se quiserem”, precisam se deslocar para o campus, na zona rural, e se não puderem se manter na cidade, simplesmente continuam não tendo como estudar lá. E os meninos que estudam no IFTM Fazenda tem privilégio de não ter que pagar para morar, não ter que pagar descolamento (busão), não ter que gastar horas de ida e volta com o deslocamento. Poderia ser um direito mas no caso é privilégio para os homens. E muita gente ainda nega que gênero existe e é um fator muito presente nas nossas vidas, buscando limitar as oportunidades das meninas e das mulheres.

Fazer o curso técnico em contabilidade não me serviu para muita coisa, mas foi o meu ensino médio. Dessa época lembro de uma única expulsão da vida por estar cantando na sala de aula antes da chegada do professor e não perceber sua presença. Acho que era o professor de Química, professor Ismar. Não foi tão caótico quanto eu imaginei em casa e seguimos. Eu estudava com meu tio Francisco, irmão de minha mãe, que tem quase a mesma idade que eu. Tio Francisco, o Chiquinho, era muito popular na turma, gostava de dançar e era bem querido. Era com ele que eu cantava antes do professor chegar, um clássico da música sertaneja que era o que mais conhecíamos. Nesse tempo, eu senti o gosto de pertencer a uma turma, ter uma comunidade, não só a turma da escola mas também a turma do grupo de jovens. A partir dos quinze anos eu passei a ter a alegria de pertencer a um grupo, celebrar os aniversários, entre outras alegrias. Ao término do ensino médio houve toda preparação para a formatura e foi um marco na minha vida. Fui ao baile sozinha porque minha família nuclear não frequentava bailes por ser evangélica dos costumes, como já dito. Mas minha mãe me ajudou, compramos o tecido para o vestido em Uberlândia. Eu que já não frequentava a igreja mas continuava usando as roupas conforme as exigências da igreja, para não contrariar demais minha mãe. A grande ocasião exigia um vestido especial e quem fez esse vestido foi a prima Livinha, esposa do primo Antônio. Minha mãe ainda guarda esse vestido até hoje.

Desse tempo me marcou muito o fato de não ter podido ir à viagem para o sul do país. Minha mãe não deixou. Primeiro tentamos resolver o problema financeiro.

Lembro das amigas da turma querendo organizar uma rifa para me ajudar. Mas não tive autorização e acabei desistindo de viajar, aceitando a decisão de minha mãe. A viagem coincidiu com o vestibular da UFU e eu decidi prestar. Acabei arranjando uma boa desculpa para não viajar. Mas era desculpa porque se eu pudesse escolher teria ido conhecer a praia. Ficou para depois. Conheci e gostei, quando já era estudante da UFU, em uma viagem para um Encontro de Estudantes de História no Rio de Janeiro em 1994.

Quando terminei o ensino médio, aos dezessete anos, foi um tempo de mudanças profundas na minha vida. Foi aquele momento que a gente se pergunta: e agora? Ninguém da minha família materna tinha ingressado em uma universidade e eu não convivia com pessoas da família paterna que tinham essa experiência. Ou seja, na minha família eu fui a primeira a ingressar na universidade. Eu vislumbrei essa possibilidade a partir do grupo de jovens, aquele lugar feliz que eu frequentava semanalmente, tendo passado a frequentar as missas, ainda com as vestes com o padrão da igreja evangélica. Foi no grupo de jovens que eu tomei ciência da possibilidade de ser estudante de uma universidade pública, na verdade de ser estudante da UFU, que era a única que eu considerava possível. A ideia de que eu podia estudar em uma universidade foi se apresentando a mim a partir de uma outra desigualdade de gênero que eu vivi. Como eu contei eu frequentava um grupo de jovens da Igreja Católica em Monte Alegre, a JUFRAN, O padre da nossa Paróquia, um frade franciscano, Frei Beniamino, italiano, recebia algumas ajudas na Itália para suas obras. Nessa época ele conseguiu financiamento para custear os estudos de alguns jovens de nossa Paróquia. tratava-se de algo bastante significativo: casa alugada no centro de Uberlândia, alimentação e mensalidade em boas escolas particulares financiadas por esse recurso. Não passava pela cabeça do Frei Beniamino enviar meninas para estudar. Assim, mais uma vez, a desigualdade de gênero não permitiu que eu fosse incluída, mesmo sendo uma participante ativa da JUFRAN, e ser financiada por meio de um recurso de ajuda internacional. Amigos próximos do grupo de jovens foram escolhidos para virem para Uberlândia. Saber que gente pobre como eu podia estudar me fez pensar que eu também poderia. Assim, uma janela se abriu, quando essa porta se fechou.

Neste tempo minha família passava por um problema muito difícil porque meu pai, que era trabalhador rural “bóia fria” estava doente, não podia trabalhar e não

tinha nenhuma proteção social. Éramos sete irmãos/irmãs. Meu irmão mais novo, o João Thieres, nasceu quando eu já tinha quinze anos. Frente às dificuldades financeiras da família, começamos a pensar na possibilidade de mudança, já que em Monte Alegre era mais difícil conseguir emprego. Comecei trabalhando numa creche comunitária no Bairro Marta Helena. Fiquei só um mês. Consegui um trabalho com melhor remuneração nas Lojas Americanas e fui trabalhar dentro da Loja, em uma empresa de crédito pessoal chamada Facilita. Com algumas preocupações minha mãe autorizou, uma vez que a nossa situação era muito difícil. Além de ganhar dinheiro, eu ganhei liberdade e eu tinha esse desejo. Ainda não tinha completado dezoito anos quando me tornei migrante em Uberlândia.

A mudança para Uberlândia me permitiu também dar mais um passo no rompimento com os costumes da igreja de minha mãe. O uniforme utilizado na empresa era calça jeans e blusa branca. Ao descobrir qual era o uniforme minha mãe perguntou se não era melhor desistir do emprego. Aí já era tarde. Usei minha primeira calça jeans próximo de completar dezoito anos. Com a mudança e o novo emprego eu passo a contar a segunda parte dessa história.

2. Segundo tempo: a vinda para Uberlândia e a formação acadêmica em nível de graduação e pós graduação

Há obras que nos mostram a sala de visitas da História, com os retratos emoldurados nas paredes, os móveis de estilo e um belo arranjo para ser visto. Mas há pesquisas que vão ao fundo das casas, às cozinhas e oficinas, que esgaravatam os terrenos baldios, onde se lançam detritos, àqueles lugares onde se movem as figuras menores e furtivas. Aí nesses telheiros e porões, nestas brenhas domésticas, essas sombras se escondem, tapam o rosto com as mãos e fogem. (Ecléa Bosi).

Mudei para Uberlândia com muita coragem. Tinha um propósito que era alimentar minha família. Ganhava em torno de 1 salário-mínimo e $\frac{1}{2}$, que para aquela época e meu contexto, era um ótimo salário. No meio do mês eu podia fazer um vale de compras na loja, de até 40%. Era uma alegria enorme fazer uma compra bem grande de alimentos e mandar para Monte Alegre. Meu primo Antônio, que trabalhava na UFU, tinha uma caminhonete e passava nas Lojas Americanas para levar minhas compras. Vivíamos na luta para atender nossas necessidades e o início dessa possibilidade foi de muitas alegrias. Além do básico, dava para enviar um doce da preferência de papai, um mimo para as crianças, quase sempre em forma de comida. Os apertos que passamos com o golpe contra a presidenta Dilma, as durezas dos governos Temer e Bolsonaro, a pandemia e o crescimento da miséria e da fome, o arrocho sobre nós servidores/as públicos me fez lembrar dos desafios de alimentar uma família. Certamente compõe o projeto do capital manter a classe trabalhadora em constante luta por suas necessidades básicas, apertada com a garantia da sobrevivência e vulnerável, sem poder recusar as precárias condições de trabalho existentes. Não é à toa que tem crescido as denúncias de trabalhos análogos à escravidão. Para não dizer o crescimento da escravidão moderna, compatível com o modo de produção capitalista na contemporaneidade.

Estamos no ano de 1992, ano das movimentações pelo Fora Collor. Em Uberlândia, nessa época, além da luta pelo Fora Collor também ocorria a luta pela posse de Nestor Barbosa para reitor da Universidade Federal de Uberlândia, afinal, reitor eleito, reitor empossado”. Do meu local de trabalho, no centro da cidade, eu via passar a marcha dos cara pintada, junto com protesto pela posse de Nestor. Esses movimentos foram vitoriosos e ao término da longa greve na UFU pela posse de Nestor eu ingressei na universidade no Curso de Graduação em História. Era final de março de 1993, e ainda hoje, trinta anos depois, ainda lutamos pelo fim da lista tríplice, para que não fique a cargo de qualquer governo definir quem será o reitor das Universidades públicas federais. A experiência com os governos Temer e Bolsonaro mostraram o perigo dessa lei. O ANDES – Sindicato Nacional dos e das Docentes das Instituições de Ensino Superior tem lutado por alterações nessa legislação.

Antes de ingressar no curso de História eu fiz um vestibular para o curso de Direito mas não passei. Ter sido boa aluna em Monte Alegre, não me preparou suficientemente para concorrer, em boas condições para o curso de Direito da UFU. Como não passei fui fazer cursinho no Colégio Objetivo, no Centro de Uberlândia. Era sair das Lojas Americanas e me dirigir ao Colégio Objetivo, no centro da Cidade, na avenida XV de Novembro. Então, a rebelde conheceu um professor de História que ensinava com entusiasmo e acabei mudando minha opção de curso. Fui fazer História e consegui minha aprovação no vestibular em 1993.

Já cheguei em Uberlândia militante com vínculos com pessoas de movimentos, que já conhecia anteriormente, especialmente aqueles e aquelas das comunidades religiosas com influência da Teologia da Libertação. Minhas influências principais nesse período foram Olenir, Guilherme, Marcos Erlan, Adriana, Claudinha, Cláudio Eduardo, Sebastião Elias, Frei Rodrigo, Marcelo Resende, Soene, Sandra...

Na universidade eu me considerava boa aluna. O engajamento político não me impedia de frequentar as aulas e ler os textos. Textos bem difíceis para uma formação anterior frágil. Hoje quando meus alunos e alunas se queixam das dificuldades de compreensão dos textos em sala de aula, eu conto para eles e elas que também tive essa mesma dificuldade, quando era graduanda e que a partir da prática de leitura foi possível conseguir melhores resultados.

Após o ingresso na universidade e com a militância política crescendo foi ficando incompatível o trabalho com o empréstimo de dinheiro na Facilita, nas Lojas Americanas. Aos poucos fui me desengajando do trabalho e minha inserção política, especialmente minha vinculação com as lutas pela terra levou à minha demissão naquele trabalho. A partir daí consegui um estágio remunerado na Prefeitura Municipal de Uberlândia, no PMEIA – Programa Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos. Meu trabalho era ir de casa em casa, captando pessoas para a alfabetização. Foi um trabalho que gostei de fazer, junto com meu amigo e colega de turma Aguinaldo Rodrigues Gomes, que é meu amigo querido até hoje. Ainda na graduação, em 1995, me casei Igino Marcos, com quem fui casada até 2009 e é o pai de minha filha Julie, que nasceu em 1996 e de meu filho Marcos Rafael, que nasceu em 2002.

Na graduação, minha referência mais importante foi a professora Dra. Coraly Gará Caetano. Ela era coordenadora do curso quando ingressei e foi minha professora no primeiro período. Como já cheguei engajada politicamente e ela também era desse campo progressista, fui convidada por ela para participar de um projeto de pesquisa que investigava a experiência dos trabalhadores na cidade de Uberlândia. Nessa época eu ainda não flexionava o gênero. Estávamos atentas às desigualdades de classe, mas não conhecia o debate de gênero, raça, deficiências, geração.

Além de acompanhar as aulas, ler os textos, trabalhar e participar da militância política, era comum minha participação em eventos da área de História que foram muito importantes na minha formação. O Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História tinha uma atuação marcante e realizava eventos junto com docentes da rede básica de ensino. Em um desses eventos tive o prazer de ficar no mesmo grupo do professor Antônio de Almeida e publicamos um artigo, como resultado das discussões de nosso grupo. Essa continuará sendo uma das marcas da minha atuação. Inserção política e produção coletiva.

Foi nesse contexto que escolhi meus caminhos de pesquisa. No bojo desse projeto de investigação acerca das experiências sociais dos trabalhadores e trabalhadoras, com colegas pesquisando as experiências sociais de carroceiros, ambulantes, carregadores de mercadoria, eu me propus a pesquisar a experiência das trabalhadoras domésticas. E foi com esse tema que eu me tornei bolsista de

iniciação científica em 1995, no projeto "Experiências dos Trabalhadores na Constituição das Relações Sociais no Espaço Urbano - Uberlândia - 1950/1996", sob a coordenação da Dra. Coraly Gará Caetano, do Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia. Entre várias possibilidades de pesquisa optei por estudar as experiências das trabalhadoras domésticas. Considerava essas mulheres as mais exploradas, a profissão menos valorizada, enfim compartilhava com a sociedade a visão negativa sobre a profissão da trabalhadora doméstica, profissão de mulheres, pobres, a maioria negras. Eu tinha trabalhado como doméstica desde a infância e a partir das dificuldades encontradas no trabalho e por esse ser o lugar destinado às meninas e mulheres pobres eu queria estudar essas experiências e tinha como objetivo explicitar as durezas da vida dessas mulheres.

Ingressar no Projeto de Pesquisa, a convite da professora Coraly, foi bastante importante. Novamente tive uma coletividade, um novo grupo. Embasados pela historiografia social inglesa, especialmente os estudos de Eduard Palmer Thompson e Raymond Williams, estávamos dispostos/as a buscar recuperar as experiências dos/as trabalhadores/as na cidade de Uberlândia. Para uma militante política, para uma jovem pobre, migrante estudar essas experiências, buscar recuperar a história vista do ponto de vista dos "debaixo" fazia muito sentido. Eu mergulhei nesse projeto e se tornou algo permanente em minha vida. Foi um período importante na minha formação e recordo-me de lermos e debatermos a obra do Thompson em 3 volumes: "A formação da classe operária inglesa"³, o livro "A Miséria da Teoria ou um planetário de erros"⁴, também do Thompson, textos Raymond Williams, especialmente refletindo sobre cultura.

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do "obsoleto" tear manual, o artesão "utópico" e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada.

³ THOMPSON, Eduard Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. 3 vol. Trad. Denise Bottmam. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

⁴ THOMPSON, Eduard Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S/A, 1981.

Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência. (THOMPSON, 2004, p. 13.)

Eram ideias fortes como essa de Thompson que nos mobilizava a buscar compreender as experiências dos/as trabalhadores/as, buscando perceber os sentidos que davam para sua existência. Para tanto a metodologia utilizada priorizava a história oral, não apenas como método de pesquisa que permitia conhecer a história dos grupos sociais historicamente sem acesso à escrita e sem muitos registros, mas pela potência de compreender os sentidos e significados que os sujeitos davam à sua própria existência. Nesse caminho, além dos autores ingleses tínhamos como referência a professora Déa Ribeiro Fenelon, Janaina Amado, Alessandro Portelli, Yara Aun Khoury, entre outros/as.

Depois de quase trinta anos do início dessa experiência, os termos, as teorias, o caminho continuam fazendo muito sentido para mim, aliás de forma mais completa do que lá no começo porque ainda não compreendia, por exemplo, contra quem se davam os embates sobre os diferentes caminhos teóricos. Ainda assim, essa escolha me entusiasmou e mobilizou a seguir. O que atraía era a construção do conhecimento histórico que considerava aquilo que eu era como significativo para a produção historiográfica: a inclusão dos “debaixo” como algo necessário e engajado com a perspectiva da transformação social, rumo a uma sociedade socialista. Os desafios, os limites, a necessidade de relacionar a história dos debaixo com contextos sociais mais amplos, como já alertava o próprio Thompson, ao trabalhar o conceito de classe como algo relacional ainda não era algo que estava em meu horizonte.

O texto de Jim Sharpe “A História vista de baixo” é uma referência importante na minha formação, já na época da graduação.

A história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós-nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar. Mas também, com o passar dos anos, vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar aquela história política da corrente principal que é ainda o cânone aceito nos estudos históricos britânicos. (SHARPE: 1992, p. 27)

Tendo essa referência teórica, participando desse projeto coletivo, comecei a estudar as experiências das trabalhadoras domésticas. Ia para pontos de ônibus, pedia contatos de amigos/as, para localizar mulheres que tinham como profissão o trabalho doméstico. Diferente das minhas hipóteses iniciais, de que só trabalhava de doméstica quem não tinha outra opção, as mulheres entrevistadas buscavam falar sobre o sentido de suas vidas, as escolhas que faziam e aos poucos, fui compreendendo que faziam escolhas ainda que não de forma totalmente livre. Penso que esse foi um processo demorado e importante na minha vida.

A participação na pesquisa propiciou a elaboração de monografia de fim curso intitulada "Trabalhadoras Domésticas: Múltiplas Faces do Cotidiano - Uberlândia 1970/1997" , defendida em 1997, a qual denuncia as difíceis condições de vida das trabalhadoras domésticas, relatadas nas entrevistas orais realizadas.

Além de realizar a pesquisa, centrada na história de vida das mulheres trabalhadoras, eu me vinculava à luta política dessas mulheres, acompanhando as suas movimentações. Assim, fui aliada da luta da Associação de Diaristas de Uberlândia, da Associação de Colaboradoras do Lar de Monte Carmelo, da Federação Nacional de Trabalhadoras Domésticas – Fenatrad. Participava de alguns eventos, tanto de formação, quanto de arrecadação de recursos financeiros para suas lutas e estive presente no Encontro Nacional de Enfrentamento ao Trabalho Infantil Doméstico, em Brasília. Foi grande momento de articulação pelo fim do trabalho infantil, em 2003.



Foto 1 e 2: Encontro Nacional de Enfrentamento ao Trabalho Infantil Doméstico. Foto 3: Encontro de organização das trabalhadoras domésticas em Uberlândia Foto 4: Encontro da Associação de Colaboradoras do Lar em Monte Carmelo. Na segunda foto à direita, entre outras autoridades, temos a líder das trabalhadoras domésticas Creuza Oliveira, que será Doutora Honoris Causas pela Universidade Federal da Bahia, pelo trabalho organizativo junto à categoria de trabalhadoras domésticas.

Como estudante da UFU eu também encontrei uma comunidade. Fui liderança estudantil no meu curso, tendo assumido a coordenação geral do Diretório Acadêmico do Curso de História. Nessa época atuava junto com Wilminha, Chavier, Jakes, Aguinaldo, Edimilson, Carmem, Luci. Apesar de militante ativa e tendo que assumir compromissos profissionais, sem possibilidade de contar com ajuda financeira familiar, ainda assim eu priorizei ser boa aluna. Tinha vergonha de sair no

meio das aulas para as articulações políticas e me sentia na obrigação de ler os textos para participar das aulas. Assim tive uma vida de estudante na universidade bastante agitada, com inserção no movimento estudantil, iniciação científica, participação na militância partidária no PT (Partido dos Trabalhadores) e apoio a movimentos sociais. No meio do curso me casei com Igino Marcos (1995) e no ano seguinte me tornei mãe da minha filhinha amada Julie. O término do curso ocorreu de modo combinado com a maternidade. Por conta desse conjunto de envolvimento e com o desejo de ser boa aluna eu intuí que não seria possível ser do Diretório Central dos Estudantes, tendo restringido minha atuação no movimento estudantil ao curso de História e função de direção só no Diretório Acadêmico do curso.



Nascimento da Julie e primeiros tempos.



Fotos da minha formatura em 1997.

Quando entrei na universidade não conhecia pessoas que tinham curso superior e passei a conviver com muitas delas. Com o término do curso e com a inserção no projeto de iniciação científica com a professora Coraly uma nova porta se abriu para mim, a possibilidade de fazer mestrado na PUC-SP. O vínculo do programa de História da PUC com a UFU era bem forte. Fiz o processo seletivo para o mestrado e fui aprovada em meados de 1997. O mestrado foi um enorme desafio. Eu já conhecia um pouco São Paulo, por ser a cidade de origem do Igino, meu ex-marido, e sua mãe Cida, suas irmãs e outros familiares morarem lá. Penso que essa experiência de já ter ido na cidade e ter apoio familiar foi importante para eu ter coragem de ir para São Paulo prestar a prova e depois de aprovada começar a cursar as disciplinas.

Eu tinha 23 anos, era casada, minha filha tinha nove meses e eu estava amamentando quando comecei a viajar semanalmente para São Paulo, ficando três ou quatro noites fora de casa, sendo que duas delas eram dentro do ônibus de ida e volta para a capital paulista. Não recomendo. Foi muito doloroso o processo de desmame da minha filha.

Enquanto escrevo converso com minha filha sobre esse processo. Choro ao lembrar do choro no ônibus, dos peitos pedrados pelo leite, do frio em São Paulo, da falta de grana, da falta de roupas adequadas para aquele inverno. Ela me conforta e diz que está tudo bem, que foi esse o caminho que me fez chegar até aqui. Tenta me aliviar da culpa que sinto de não ter ficado com ela como hoje acho que é importante quando ela era criança.

Evidentemente não foram só dores esses tempos. A PUC-SP é uma universidade muito importante não só para a área de História, mas uma referência na resistência e na produção de conhecimentos comprometidos com a transformação social. Eu tinha muita alegria de chegar na PUC-SP, ali na rua Monte Alegre (coincidentemente o nome da minha cidade), em Perdizes (que é o nome da cidade em que minha mãe nasceu). Depois da longa viagem Uberlândia-São Paulo, entre nove e dez horas em média, um metrô da Rodoviária a Estação da Sé e uma baldeação para Barra Funda, uma caminhada ou mais um ônibus, eu chegava na PUC-SP. Uma ida ao banheiro e um café era a preparação para chegar à aula e fazer dois turnos de estudos. Apesar das durezas, com as quais eu já estava bastante acostumada, eu fui muito feliz sendo estudante da PUC. Gostava muito das aulas, apesar de difíceis, aproveitava a biblioteca para levantar bibliografia sobre meu tema de pesquisa, lia os murais para ficar informada sobre o que ocorria na PUC. Buscava aproveitar ao máximo a experiência de estudar nessa importante universidade. Mas minha experiência era muito restrita ao estudo. Fazia tudo que era preciso. Nesse tempo de PUC não estiquei nem uma vez minha estada em São Paulo, afinal era muito difícil sair de casa e deixar a família nos dias que era obrigatório.

Estudar no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP foi uma parte muito importante da minha vida e formação. Fui para a PUC me propondo a aprofundar o estudo acerca das experiências das trabalhadoras domésticas, sob a orientação da professora Dra. Heloísa de Faria Cruz. Além da orientação qualificada, competente e atenciosa, tive o privilégio de cursar disciplinas e/ou conviver com Marina Maluf, Maria Antonieta Antonacci, Maria Odila Dias, Déa Fenelon, Yara Aun Khoury. A partir dessa convivência pude aprofundar meus estudos, na mesma perspectiva teórica. Lembro-me de um primeiro abalo nas minhas certezas, numa conversa com a professora Maria Antonieta Antonacci e ela me dizendo que não havia garantias na construção de uma sociedade socialista. Inesquecível. Cheguei na PUC jovem, com muita coragem e muita certeza de que podíamos mudar o mundo. Decorridos mais de 25 anos, com tantos acontecimentos na conjuntura nacional e na vida pessoal, sinto mais forte o peso das estruturas que dificultam as transformações sociais. Como mãe e professora, como militante política mantenho um fio de esperança nas mudanças e uma aposta na coletividade, apesar dos percalços e das pedras dos caminhos.

Defendi minha dissertação em 2000 com o título: “Memória, História e Trabalho: as experiências das trabalhadoras domésticas na cidade de Uberlândia/MG

1970/1999”⁵. O trabalho procurou mostrar como as mulheres entrevistadas construíram sua própria história, nos contextos em que nasceram, procurando romper com a pobreza, a fome, as dificuldades em conseguir empregos, os processos de migração pelos quais a maioria passou, as situações familiares, bem como condições, direitos e conflitos na relação de trabalho doméstico, sob o ponto de vista de mulheres que tinham em comum o fato de serem ou terem sido domésticas. O balanço do debate sobre o trabalho doméstico no pensamento acadêmico pode ser encontrado no artigo que produzi ao final do mestrado, com o título: “Do silêncio ao preconceito: a (des)caracterização do emprego doméstico no pensamento acadêmico”, pela Revista *História & Perspectivas*.⁶ Em 2001 ingressei no doutorado, também na PUC-SP, com o objetivo de estudar o trabalho doméstico remunerado e também o trabalho de donas de casa de tempo integral, das mulheres “do lar” e donas de casa em tempo parcial, que trabalham fora e têm responsabilidades na família. Buscava analisar as experiências de trabalhadoras domésticas como donas de casa e as relações no âmbito doméstico, especialmente a relação entre trabalhadoras domésticas e suas patroas. Ao longo dos cinco anos de doutoramento pude compreender melhor a ideia da dominação como parte de um processo relacional. A compreensão de que as transformações do trabalho doméstico estão relacionadas a contextos sociais mais amplos e de que as questões que temos sobre o passado são questões que nos colocamos a partir da realidade social, era a perspectiva do projeto de doutoramento elaborado no ano de 2000. A pesquisa foi pensada levando em conta o contexto da luta dos(as) trabalhadores(as) pela sobrevivência:

Nesse momento em que vivemos, no qual predomina o pensamento neoliberal e onde a globalização e as novas tecnologias ameaçam profissões, saberes e modos de vidas, cabe também à História refletir sobre os problemas do presente, buscando encontrar nas ações humanas, as explicações para os acontecimentos, e na cultura as possibilidades de mudança... a produção historiográfica deve evitar esforços no sentido de desnaturalizar a história mostrando diferentes formas como as

⁵ FERREIRA, Jorgetânia da Silva. **Memória, História e Trabalho**: as experiências das trabalhadoras domésticas na cidade de Uberlândia/MG 1970/1999. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2000. (Dissertação de Mestrado)

⁶ FERREIRA, Jorgetânia da Silva “Do silêncio ao preconceito: a (des)caracterização do emprego doméstico no pensamento acadêmico”, pela Revista **História & Perspectivas**. Uberlândia, Edufu, n. 23, jul-dez, 2000.

pessoas organizaram e organizam suas vidas, diferentes projetos vencidos no passado, que poderiam ter propiciado um presente diferente. Essa perspectiva traz para o campo da história as diferentes possibilidades de futuro (Projeto de Doutorado, 2000).

A pesquisa de doutorado foi bastante significativa e penso que uma de suas grandes qualidades é o de trazer para o debate acadêmico as vozes dessas mulheres que tinham o trabalho doméstico, seja o remunerado ou o trabalho de dona de casa como central em suas vidas. Tínhamos à época poucos estudos históricos sobre o tema e meu diálogo era principalmente com estudos da área de assistência social, psicologia social e sociologia.

Durante o doutorado fiquei grávida do meu segundo filho, Marquinhos. Eu viajava grávida para São Paulo. Enfrentei algumas dificuldades, chegando a desmaiar na Estação da Sé, após a viagem de Uberlândia para São Paulo. Nesse dia eu estava acompanhada de um colega do doutorado, Luiz Carlos do Carmo, que me socorreu.



Amamentando e viajando com meu filhote Marcos Rafael. Ele, em julho, completa 21 anos.

Um fato interessante sobre a defesa do meu doutorado em 2006 foi uma fala da professora Iara Aun Khoury, que compunha a banca. Ela, que lendo meu trabalho, teve vontade de comprar uma toalha nova de mesa e ampliar os vínculos com sua família. Eu considerei relevante que meu trabalho pudesse tocá-la, de alguma maneira.

Retomando esse percurso de pesquisa avalio que foi um rico processo porque articulou aspectos da minha experiência de vida com os estudos sobre as mulheres e o tema do trabalho doméstico, que foi por muito tempo um tabu. As mulheres que podiam estudar eram mulheres que, em geral, contratavam o trabalho doméstico remunerado. Como o trabalho doméstico tem sido considerado historicamente obrigação das mulheres, o fato das feministas contratarem outras mulheres para realizar esse serviço acabou ficando como um tema mal resolvido e pouco falado por muito tempo.

Lembro-me de quando mulheres feministas, principalmente as brancas com privilégios de classe, debatiam se deveriam ou não contratar ajuda para trabalhos domésticos, tentando criar uma maneira de não participar da subordinação e da desumanização de mulheres menos favorecidas. Algumas daquelas mulheres foram bem-sucedidas em criar uma ligação positiva entre elas e as mulheres que contratavam, de forma que pudesse haver avanço mútuo em um contexto de maior de desigualdade. Em vez de abandonar o conceito de sororidade, porque não poderiam alcançar um estado utópico, criaram uma verdadeira sororidade, tal que levasse em consideração as necessidades de todas as envolvidas. Esse foi o trabalho árduo de solidariedade feminista entre mulheres. Infelizmente, quando o oportunismo dentro do feminismo se intensificou, quando as conquistas feministas se tornaram lugar-comum e passaram a ser vistas como pressupostos garantidos, várias mulheres não quiseram se dedicar ao trabalho de criar e sustentar solidariedade. (hooks, 2019: 37).

Bell hooks nos ajuda a compreender o trabalho doméstico, como parte da organização capitalista e machista. Reconhecer essa desigual distribuição do trabalho doméstico como parte constituinte da sociedade em que vivemos me parece bastante importante. Dessa maneira podemos sair da esfera individual, de uma relativa culpa pessoal, inclusive nos setores médios, como é o meu caso, para pensá-lo como constituinte da sociedade que vivemos, com necessidade de saídas coletivas.⁷

Quando iniciei meus estudos ainda era comum que trabalhadoras domésticas afirmassem que não queriam ter carteira assinada como doméstica para não sujá-la, pois poderia significar interdição para outros trabalhos. Lembro de uma entrevistada que fez

⁷ Para aprofundamento dos conflitos nas funções de trabalho e maternas ver importante estudo: CAMARGO, H.M. *Empregada é a mãe - das dinâmicas da maternagem para uma maternagem dinâmica*; 1992; 0 f; Dissertação (Mestrado em Psicologia (Psicologia Social)) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

essa afirmação e ficou grávida logo depois e sem nenhuma proteção. Essa ideia também era confortável para empregadores/as porque fazia com que não tivessem que arcar com os custos da formalização do trabalho. Nesse tempo de estudos vimos surgir outra perspectiva em relação ao trabalho doméstico, com maior aceitação desse trabalho como opção possível à muitas mulheres, nas condições existentes. A ideia de proximidade entre trabalhadora e famílias empregadoras ainda existe mas está menos aceita. Não, a trabalhadora doméstica não “é quase da família” e os movimentos das trabalhadoras domésticas buscaram explicitar isso. De trabalho pouco protegido pela legislação, sob argumento de que não gera lucro, o trabalho doméstico passa a ter a mesma proteção de outras categorias de trabalhadores/as, com a PEC das Domésticas, que tramitou por muitos anos na Câmara Federal e só foi aprovada em 2013. Apesar do avanço dessa lei a eficácia foi limitada pela Reforma Trabalhista de 2017, que flexibilizou direitos e foi duro ataque aos direitos de toda classe trabalhadora. Com ausência de políticas públicas para a garantia dos cuidados, e com a concentração do trabalho doméstico nas mãos das mulheres, a solução encontrada pelas classes médias e altas é o emprego de mulheres como trabalhadoras domésticas. Isso faz com que o emprego doméstico mantenha-se como um dos principais campos de emprego, sendo a maior ocupação das mulheres no Brasil, com quase 7 milhões de mulheres, a maioria na informalidade, sem direitos garantidos.

Nesses anos o debate sobre o trabalho doméstico e cuidados foi ampliado e fico satisfeita de ter escolhido esse caminho e contribuir com essa discussão, que tem uma importância central na sociedade brasileira.

3.1. Projeto Pré-Vestibular Alternativo / Pré-Vestibular Alternativo Popular Paulo Freire

Ao término do curso de graduação em História e ingresso no mestrado, comecei um trabalho militante bastante importante na minha trajetória que foi a construção de um Projeto Pré-Vestibular Alternativo, projeto no qual permaneci contribuindo por dez anos. Nos idos de 1997, um grupo de pessoas, a maioria oriundas das organizações de juventude, especialmente da Pastoral de Juventude e Juventude Operária Católica, organizamos um pré-vestibular que teve início no Bairro Planalto, em Uberlândia, passando por vários espaços na cidade, como escolas

municipais e estaduais, sala da reitoria da UFU, no centro da cidade, Campus da Educação Física da UFU e finalmente, por um período mais demorado, no Campus Santa Mônica da UFU. Durante dez anos oferecemos aulas para estudantes de baixa renda, como estímulo para ingresso na universidade pública. Nos primeiros tempos organizamos as aulas aos sábados à tarde, mas logo transformamos em um cursinho popular, com aulas todos os dias durante a semana, de segunda à sexta-feira, no período noturno. Com a eleição do professor Arquimedes Diógenes Ciloni para a reitoria da UFU em 2000, passamos a contar com o apoio da reitoria para o funcionamento do cursinho, especialmente por intervenção da diretora de Extensão naqueles anos, a professora Gercina Santana Novais. Assim, não só o cursinho Paulo Freire, que eu fazia parte, mas outros cursinhos populares na cidade passaram a contar com o apoio da UFU, como o Futuro Pré-Vestibular Alternativo e o Raízes.

Esse cursinho popular oportunizou o ingresso na universidade pública de centenas de estudantes. Foi uma experiência de uma década. Nos anos 2000, com as políticas dos governos Lula e a expansão da universidade pública a demanda por esse trabalho diminuiu e resolvemos encerrar as atividades. Era bastante dispendioso manter o cursinho funcionando. No início só com voluntários(as) e com o tempo tivemos uma secretária. Minha querida irmã Rosa, falecida em 2012, foi secretária e também a querida Mavi Consuelo. Mavi foi ex-aluna do Cursinho. Hoje é professora na rede municipal, mestra em educação e doutoranda em também em educação pelo Programa de Pós-Graduação – PPGED da UFU. Já na origem consideramos fundamental o recorte de gênero, raça, deficiências e orientação sexual. Além de contribuir com o ingresso na universidade, esse projeto social contribuía com o fortalecimento dos/as sujeitos/as envolvidos/as. Foi oficina de formação de novas sociabilidades, espaço de convivência, amorosidade. Às vezes a pessoa não entrava na UFU mas conseguia sair de um relacionamento abusivo e até mesmo ver que estava em um relacionamento abusivo, fazia um concurso, ou mesmo se decidia por um curso técnico. O fundamental era animar as pessoas a buscar possibilidades para sua própria história.

3. 2. Me tornei Professora!

Eu que relutei em ser professora, que não quis fazer o curso Normal no Ensino Médio fui envolvida pelo conteúdo crítico da área de História e quando menos esperava tinha virado professora. Quando concluí a graduação, em 1997, fiz um processo seletivo para trabalhar na UFG- Universidade Federal de Goiás em Catalão, hoje UFCAT - Universidade Federal de Catalão. Trabalhei pouco tempo lá porque teve uma greve e logo fiz uma outra seleção para trabalhar na UFU, Faculdade de Educação, no Dpope – Departamento de Princípios e Organização da Prática Educativa, onde permaneci por dois anos (1998 a 2000). Os primeiros tempos como professora não foram fáceis. Ter sido aluna da Olenir foi muito importante. Ter uma amiga professora na UFU foi de novo uma abertura para pensar que eu também poderia ser. Penso que esse é um elemento importante para pensarmos a inserção de grupos populares em espaços historicamente elitistas. Tem todo um letramento para nos inserirmos na universidade, primeiro como estudantes e, no meu caso, depois como professora. É preciso contar com apoio para apreender os processos e ter condições de participar das seleções, concursos, tanto do ponto de vista do conhecimento teórico, das formas de apresentação, bem como um preparo emocional. Tive a sorte de contar com pessoas que me ajudaram nesse caminho. Além de Olenir, a professora Luzia Márcia da UFCAT, professor Antônio de Almeida, professora Dalva Maria de Oliveira, professor Luiz Avelino são referências, entre muitas outras nessa caminhada.

Quando cheguei na UFU, como professora substituta era uma prática muito comum, as salas mais difíceis ficarem para quem estava chegando e, no meu caso, além de estar chegando na Universidade, também me encontrava em início de carreira. Iniciar no Curso de Educação Física foi desafiador. As aulas eram pela manhã, duas vezes na semana, logo após as aulas de natação. Lembro do meu estranhamento de ver aqueles/as estudantes com as roupas da prática, molhados/as, à vontade frente a uma professora que nem enxergava seu miúdo corpo. Foram dois anos de muitas aprendizagens, trabalhando Didática nas Licenciaturas e Metodologia do Ensino de História e Geografia na Pedagogia. Tempos de muitas aprendizagens e articulações como professora substituta da UFU.

Ao término desse período na UFU eu fui trabalhar em universidades particulares, ingresso que ocorreu com o auxílio de amigos/as professores/as. Para o

ingresso na Unitri- Centro Universitário do Triângulo, foi fundamental o auxílio do professor Luíz César, hoje meu colega do Curso de Direito da UFU. No início dos anos 2000 a Unitri teve um boom em suas matrículas e eu fui trabalhar Metodologia Científica no Curso de Direito. Lembro que tinha mais de dez turmas de Direito, por período. Foi um momento importante da minha carreira profissional, tinha uma boa remuneração e eu tinha muitas horas-aula. Na Unitri eu iniciei minha vida sindical. Ao chegar fui convidada por colegas para participar da constituição de uma associação docente que ia se transformar em seção sindical. Certamente não me chamaram à toa porque eu gosto de participar, mas, diferentemente de outras pessoas participantes que calculavam qual seria o impacto desse ato, fui pela causa. Após a constituição da ADUNITRI – Associação dos Docentes da Unitri – seção sindical do Andes toda a diretoria foi demitida. Eu demorei um pouco mais para ser demitida por conta da gravidez de meu segundo filho, Marcos Rafael. Fizemos vários movimentos para tentar reverter a decisão, mas não obtivemos êxito. Nessa época presidia o ANDES o professor Roberto Leher, que veio a Uberlândia contribuir com nosso movimento. Como não conseguimos reverter a demissão a associação acabou por ter vida curta. No período que permaneci na Unitri acabei ficando mais isolada porque colegas tinham receio de falar comigo e serem confundidos/as com sindicalistas.

Além da Unitri trabalhei na Universidade Luterana em Itumbiara. Ir para Itumbiara à noite, de van, junto com outros/as colegas docentes, em condições de insegurança na estrada me fez fazer o meu primeiro seguro de vida. Eu pensava: vou morrer e deixar minha família em má situação. Não morri, mas era arriscado porque voltávamos depois das aulas noturnas e o motorista corria muito. A universidade tinha boas condições físicas, mas o trabalho docente era muito controlado pela coordenação. Os anos na iniciativa privada foram relativamente poucos (até 2007 quando ingressei na UFU como professora efetiva) mas nesse período assumi diversas disciplinas porque trabalhava em vários cursos. Só na Faculdade Católica tinha curso de História.

Enquanto no Curso de Direito, pelos altos preços das mensalidades eu era professora de pessoas dos setores médios, tive uma experiência como professora nos Cursos de Normal Superior e Pedagogia na Unipac- Universidade Presidente Antônio Carlos, Uberlândia que o público era de baixa renda. Salas lotadas, cursos

noturnos, estudantes que retomavam os estudos depois de muito tempo para buscar ingresso profissional ou serem promovidos/as na carreira, no caso de professoras da educação infantil ou anos iniciais do ensino fundamental. Trabalho bastante desafiador.

Nos anos de 2006 e 2007 tive uma experiência profissional muito importante como professora na Faculdade Católica de Uberlândia. Ministrei diversas disciplinas no Curso de História e também disciplinas no Curso de Serviço Social e Pedagogia. O curso de História tinha poucos estudantes e favorecia um trabalho mais próximo junto a cada estudante. Naquela época havia da parte da direção da faculdade um incentivo para os trabalhos comunitários e eu pude realizar na Faculdade Católica um trabalho que articulava meus estudos com o trabalho de extensão. Propus e passamos a realizar o projeto Mulheres Ativas, com cursos de formação para trabalhadoras domésticas, que incluíam troca de conhecimentos sobre a realização do trabalho doméstico com formação em direitos humanos, trabalhistas, saúde física e mental. Realizamos os cursos tanto no espaço da Faculdade quanto em espaços cedidos pelas igrejas. Os resultados do meu trabalho eram muito satisfatórios e por isso foi difícil deixar esse emprego quando fui convocada pelo concurso da UFU para o Campus do Pontal. Ter aceito o cargo foi a decisão profissional mais importante da minha vida e eu me alegro de tê-la tomado por que foi dessa maneira que pude constituir uma carreira profissional estável no serviço público federal.

3.3. Educação Popular na UFU e o GEPECPOP - Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares da Faculdade de Educação - FACED /UFU

No período de 2000 a 2008 tivemos à frente da administração superior da Universidade Federal de Uberlândia o professor Arquimedes Diógenes Ciloni, professor do campo progressista, que teve atuação destacada nacionalmente, chegando à presidência da Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior - Andifes ao final de sua gestão. Seu vice era o professor Antônio de Almeida, professor do Instituto de História, a Pró Reitoria de Extensão, Culturas e Assuntos Estudantis tinha o professor Gabriel Munhoz Palafox como Pró-Reitor e a professora Gercina Santana Novais como Diretora de Extensão.

E foi sob a liderança da professora Gercina, que vimos florescer a extensão na UFU. Com o término da gestão e tendo assumido na sequência uma gestão conservadora, os setores extensionistas que trabalhavam na perspectiva da educação popular se articularam no Gepecpop - Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares da Faculdade de Educação - FACED sob liderança da professora Gercina e professor Benerval. O grupo teve uma contribuição importante na universidade, realizando eventos de grande magnitude e de expressiva participação popular. Contando com dezenas de membros, docentes e estudantes da UFU, participantes dos movimentos sociais e populares, o grupo buscava explicitar a produção das desigualdades de oportunidades no interior das escolas públicas e dos espaços sociais, priorizando a região Leste da cidade de Uberlândia, local de realização de nossas ações e investigações sobre Educação e Culturas Populares. Os resultados desse trabalho foram apresentados em eventos, artigos e livros. O próprio grupo organizou dois livros, dos quais eu tive o prazer de participar.⁸

O livro “Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções”, resultado de pesquisas e estudos fomentados pelos diálogos com escolas, movimentos sociais e com a Ong Ação Moradia. Participei como colaboradora do grupo desde o seu nascimento em 2009 e como coordenadora de uma linha de pesquisa. Os resultados da pesquisa que desenvolvemos foi publicada neste livro, no segundo capítulo “Mulheres, trabalho, educação e movimentos sociais”, em coautoria com Olenir Maria Mendes e Wilma Ferreira de Jesus. Buscamos compreender a atuação das lideranças femininas dessa região Leste de Uberlândia, com objetivo de dar visibilidade à trajetória de mulheres consideradas lideranças pela população da região, bem como analisar o impacto dessa inserção na vida cotidiana dessas mulheres e da comunidade na qual estavam inseridas. Esse trabalho nos permitiu afirmar que dar visibilidade ao trabalho das mulheres, trabalhadoras, pertencentes às classes populares representa uma opção acadêmica e política transformadora.

⁸ Santos, B. P.; Cristiane Coppe de Oliveira, C.C.; Mendes, O.M.. (Org.). Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções.. 1ªed.UBERLÂNDIA: EDUFU, 2015

4. Terceiro tempo: sou professora efetiva da Universidade Federal de Uberlândia (2007-2023)

Quando fui convocada para ocupar a vaga no Concurso Público em 2007 no Campus do Pontal em Ituiutaba, não vislumbrei imediatamente a importância desse cargo na minha vida. Naquele momento eu ganhava melhor sendo assessora parlamentar do deputado Gilmar Machado, era Diretora de Extensão na Faculdade Católica de Uberlândia e tinha muito prazer no trabalho que vinha realizando. Significava que eu teria que ganhar menos, trabalhar em outra cidade, despedir da vida que levava naquele momento, onde ocupava funções prestigiadas e que eu gostava. Não foi um processo fácil, mas eu o aceitei como mais uma coisa que eu tinha que fazer na minha vida. Naquela época, dadas as minhas dificuldades em assumir esse lugar, não me mudei com a família para Ituiutaba e fiquei na estrada, indo e vindo, passando uma parte da semana em Ituiutaba e outra em Uberlândia. Olhando pelo retrovisor eu penso que essa seria uma coisa que eu mudaria se tivesse oportunidade porque se eu tivesse levado filho e filha para Ituiutaba naquele momento eu poderia ter começado uma nova vida por lá.

Meu início na UFU como professora efetiva foi no Campus do Pontal, na cidade de Ituiutaba. O *campus* era resultado das lutas da comunidade da região pela presença da universidade pública nesse local e das políticas públicas de expansão da universidade, numa fase anterior ao Reuni – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (2007). Cheguei no primeiro concurso para o Campus do Pontal, mas na segunda chamada, tendo ficado em 4º lugar nesse concurso, fui chamada no segundo ano de funcionamento do Campus, ainda de forma bastante precária, nos espaços alugados em instituições privadas. Da minha permanência em Ituiutaba destaco a convivência com os/as estudantes, o trabalho de campo realizado para as cidades históricas de Ouro Preto e Mariana, junto com o colega de curso Professor Cairo Katrib, a participação na banca do concurso para provimento de vagas de professores/as efetivos em 2008 (uma banca bastante trabalhosa por ter mais de trinta candidatos/as para a prova didática). Destaco também a movimentação que fizemos na cidade e região para conseguirmos mais estudantes para o Campus, uma vez que enfrentávamos à época, dificuldades para o preenchimento de vagas. Assim, desenvolvemos ações para divulgar o campus, com realização de cartazes, atos e palestras em outras

idades, visando divulgar e fortalecer o Campus do Pontal e o curso de História. Pessoas importantes nesse momento da minha vida foram a professora Leila Bittar, primeira diretora do Campus, pessoa competente, amável e lutadora, que compunha a equipe do reitor professor Arquimedes e a professora Dalva Maria de Oliveira, primeira coordenadora do Curso de História do Campus do Pontal, uma das idealizadoras do Campus e pessoa fundamental para que sua existência se concretizasse. Durante esse período me tornei coordenadora do projeto “Apoio a Projetos para Estudantes de Ensino Médio - Curso Paulo Freire”, vinculado ao “Projeto liderança juvenil: asas da juventude”. O projeto se direcionava a jovens de escolas públicas de Uberlândia, que se encontravam matriculados em escolas do ensino médio e tinha como propósito formar lideranças juvenis e possibilitar o acesso às políticas educativas e culturais implementadas. As principais ações desenvolvidas por estudantes bolsistas junto à juventude foram encontros, palestras, cursos e minicursos, oficinas, vídeos e debates de formação. Também organizamos um curso alternativo de preparação para o vestibular. Trabalhamos a partir de três eixos temáticos: cidadania e participação política; sexualidade e expressão corporal; e cidadania digital e inclusão social. Por meio desse projeto procuramos criar espaços de vivências solidárias e de cidadania, com incentivo à participação dos e das jovens. Nesse projeto orientei estudantes de graduação com bolsas de extensão e pudemos realizar atividades em Ituiutaba, Monte Alegre e Uberlândia.



Foto de participantes da atividade do Projeto Asas da Juventude.

Fiquei apenas dois anos lotada no Campus do Pontal porque em 2009 fiz um novo concurso público e fui convocada para assumir a vaga no Curso de História, no Campus Santa Mônica da UFU, curso que eu tinha estudado de 1993 a 1997. Apesar do pouco tempo no Campus do Pontal, a experiência marcou minha vida porque tenho muita identidade com o Campus, que fica a 60 km da minha cidade de nascimento, Monte Alegre de Minas. Gostava de ser professora no Campus, naqueles primeiros tempos, onde havia no corpo docente um sentido de coletividade, vontade de construir um projeto educacional consistente e com impacto na vida dos/as estudantes. Os/as estudantes eram oriundos da região e também de outras partes do Brasil. Me identificava com suas histórias e procurava desenvolver meu trabalho da melhor maneira para que tivessem oportunidades de superação das dificuldades e que o curso fosse significativo em suas vidas. Devido à baixa procura pelo curso de História, acabamos por definir pela extinção do curso diurno e pela criação do Curso de Serviço Social. Tive o prazer de participar da comissão de estudo para a implantação do Curso de Serviço Social no Campus do Pontal e penso

que foi uma decisão acertada, apesar dos impactos na carga de trabalho do curso de História, por que o Serviço Social foi criado com vagas cedidas pelo curso de História, inicialmente.

Em julho de 2009, mês que marcou minha separação, depois de um casamento de quatorze anos e com um filho de sete anos e uma filha de doze eu passei no concurso para assumir uma vaga no Campus Santa Mônica. Ter sido aprovada e convocada para assumir a vaga foi providencial nesse momento porque estava morando só com o filho e a filha e trabalhar em outra cidade era um complicador naquele momento. Assim, assumi com entusiasmo a vaga no Instituto de História da UFU, trabalhando e morando na mesma cidade, em boas condições de trabalho. Fui recebida de forma gentil pela então Diretora do Instituto Professora Dra. Luciene Lehmkuhl.

Tendo trabalhado na iniciativa privada, por três turnos todos os dias, durante grande parte da minha vida, feito mestrado e doutorado trabalhando e viajando para São Paulo, sendo mãe e militante, o trabalho na universidade pública, em regime de dedicação exclusiva me pareceu um trabalho fácil de ser realizado. Nesses anos como professora do INHIS a carga horária didática tem sido de oito horas-aulas, só aumentada quando necessário substituir alguma licença de colegas. Minha experiência anterior, na iniciativa privada, era de uma carga horária infinitamente maior e de muitas disciplinas. Nessa nova realidade a carga horária foi e tem sido bem menor, o que sem dúvida contribui enormemente com a possibilidade de realização de um trabalho de qualidade. Ministrei muitas disciplinas nesses quatorze anos como professora efetiva no Campus Santa Mônica, conforme dados obtidos no portal docente da UFU.

1. História e Cultura Popular
2. Teorias e Métodos da História I
3. Direitos Humanos, Educação e Democracia
4. História Econômica e Social do Brasil
5. Introdução à História
6. História, Educação e Políticas Públicas
7. Estudos Alternativos em Política e Imaginário
8. História e Movimentos Sociais

9. Estágio Supervisionado IV
10. História e Cultura no Brasil Contemporâneo
11. Seminário de Práticas Educativas
12. Projeto Integrado de Práticas Educativas II
13. Seminário de Pesquisa em Política e Imaginário
14. Estágio Supervisionado I
15. Historiografia Brasileira
16. Estágio Supervisionado II
17. Tópicos Especiais 2 em História do Brasil
18. História do Brasil III
19. Tópicos Especiais I em História do Brasil
20. Prática de Ensino em História II

Ministrar muitas disciplinas dificulta o aprofundamento uma vez que temos novas bibliografias a cada curso. Por outro lado, permite ampliar os conhecimentos e aprendizagens. A nossa resolução de distribuição de disciplinas estabelece um tempo mínimo e máximo de permanência nas disciplinas obrigatórias da graduação e tem prioridade na escolha, docentes com maior tempo de casa, maior tempo de doutoramento, a posição na carreira, entre outros aspectos, sendo o tempo o elemento mais importante. Como todos/as os/as docentes no início da carreira, não tive escolha na distribuição de disciplinas e fui ministrar aulas no Curso de Relações Internacionais. No início, por falta de escolha, porém, ao longo de minha trajetória, voltei ao curso algumas vezes por opção, assim como no curso de Jornalismo. Em geral, turmas grandes, no período da tarde, logo após o almoço. Esses cursos têm um público diferente dos cursos de História em termos de renda e formação. São exigentes com os/as docentes, estão acostumados a uma maior carga de leitura, uma vez que o ingresso na universidade já lhes exigiu uma maratona de estudos. No início encontrei dificuldade com uma turma, já que muitos estudantes tinham tido muitas oportunidades educacionais e faziam muitos testes para saber se eu sabia os conteúdos. A saída foi estudar mais e com o tempo fui ganhando mais segurança

No Instituto de História, como é comum em toda universidade, a professora e professor iniciante assume as tarefas e disciplinas que os/as mais experientes não

desejam assumir e as situações mais difíceis e exigentes. Essa é uma lógica que continua prevalecendo na universidade, bem como nas escolas de educação básica e que é um grande erro porque as tarefas mais difíceis deveriam ser assumidas pelo time mais preparado. Além desse problema, avalio que o professor e a professora, em geral, têm encontrado poucos espaços coletivos para refletir sobre o seu fazer docente e as dificuldades e potencialidades do dia a dia e essa ausência é mais sentida no início da profissão. Eu tive a sorte de contar com o apoio da direção do INHIS nos momentos em que precisei, com a professora Luciene Lehmukel, professor Florisvaldo Ribeiro Júnior, professor Marcelo Lapuente e nos últimos anos, a professora Mara Andréa Angelotti. Também pude desenvolver projetos coletivos com vários professores/as, inclusive ministrar disciplina junto com a professora Maria Andréa e professor Gilberto Noronha. Penso que essas experiências de trabalho coletivo nos fortalecem e nos dão novos parâmetros de construção da docência universitária.

Nesses anos no INHIS participei de algumas comissões e emiti alguns pareceres. Vou destacar a análise e o parecer que fiz para a criação, no âmbito do Instituto de História do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Ensino de História – o PROFHISTÓRIA. O Instituto já contava com o mestrado acadêmico, mas considerei uma iniciativa muito importante a adesão ao PROFHISTÓRIA, conforme consta no meu parecer, aprovado em 21 de março de 2019, no Conselho do Instituto:

Consideramos esse elemento fundamental, uma vez que já está bastante difundido na literatura da área de História as inúmeras dificuldades que os/as professores/as, em efetivo exercício na educação básica, têm para continuarem seus estudos, uma vez que as exigências do trabalho cotidiano nas redes de educação têm dificultado o cumprimento das exigências do mestrado acadêmico. Da parte dos programas de pós-graduação observa-se também um distanciamento dos temas do cotidiano do trabalho docente, não compondo a centralidade das linhas de pesquisa dos programas. No caso da UFU essa não é uma realidade muito diferente. Em que pese iniciativas no sentido de alterar essa questão, o mestrado profissional pode constituir ferramenta importante para atender essa demanda de forma mais rápida, sem com isso deixar de promover os debates sobre a aproximação dos mestrados acadêmicos com o cotidiano do trabalho docente nas escolas, especialmente as redes públicas. Nesse sentido a possibilidade de um mestrado voltado para docentes de História em efetivo exercício constitui

importante ação, que fortalecerá os vínculos entre a universidade e as escolas, por meio do diálogo entre docentes da educação superior e da educação básica. (FERREIRA, 2019)

Ao me colocar a tarefa de escrever esse memorial fiquei pensando como eu sou como professora, na tarefa que somos mais reconhecidas como exercendo a profissão docente, que é muito mais ampla do que estar à frente da sala de aula mas que, muitas vezes, tem muita coisa que não é visto como importante na universidade e mesmo socialmente.

Pensando sobre isso avalio que sou uma professora que gosta de gente, que gosta das e dos estudantes e que tem uma perspectiva inclusiva. A importância do afeto na educação vem sendo discutida na literatura sobre formação de professores/as, que mostram que a aprendizagem se vincula com as representações que docentes têm sobre os/as estudantes e a visão que os/as estudantes têm sobre os/as docentes. Se por um período foi necessário buscar separar o papel do/a docente das funções familiares e de afeto, o desenvolvimento posterior tem demonstrado que não é incompatível o trabalho docente profissional e o afeto. Refletir como nos vinculamos aos/às estudantes é fundamental porque a crença de que tratamos todos/as os estudantes da mesma forma pode mascarar os preconceitos, exclusões e violências. É preciso as dimensões de classe, raça/etnia, deficiências, orientação sexual, identidade de gênero, religiosidade, ruralidades, territórios, geração, ao invés de favorecer que se ensine bem a todos/as,

Querer bem aos/às estudantes, é um dos saberes necessários à prática docente, conforme nos ensinou e inspirou Paulo Freire:

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. (...) É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. (FREIRE, 1996, p. 72)

A afetividade, uma marca do meu trabalho com estudantes, não se dá sem contradições. Estar próxima a eles e elas, buscar compreender suas dificuldades, o que certamente favorece para que eles e elas também compreendam melhor as minhas dificuldades, também pode ser elemento que torna o empenho nas disciplinas que ministro menor do que em disciplinas que o/a professor/a corresponde à representação que eles/as têm sobre o bom professor, que muitas vezes é o modelo criticado por Paulo Freire. Mesmo sabendo disso, busco desenvolver meu trabalho de forma a que todas/todos/todes tenham condições de prosseguir nos estudos, que busquem se apropriar dos conhecimentos socialmente acumulados e que esses conhecimentos sejam significativos em suas vidas. Quero ser uma professora que faça a diferença na vida dos e das estudantes, tenho sido da confiança deles e delas e espero desenvolver meu trabalho para ser melhor professora do que sou. Nesse sentido, um aspecto que julgo importante aprofundar são os estudos sobre a avaliação, que na UFU tem um importante grupo de pesquisa o GEPAE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Avaliação Educacional, liderado pela professora Olenir Maria Mendes. Estou convencida que a avaliação pode dar uma contribuição muito importante no processo de ensino aprendizagem e, apesar de ser mais exigente em termos de trabalho, vou procurar aprender e praticar a avaliação formativa.

Na minha formação tive uma experiência muito marcante de formação com a professora Esther Grossi, lá no início do governo Lula (2003) em que ela apresentou o filme “Nenhum a Menos”. O filme conta a história de uma professora substituta, uma adolescente que receberá um prêmio se não perder nenhum aluno no período em que o professor se ausentar. Quando um aluno deixa de ir à escola em função de problemas no trabalho, ela vai desenvolver uma luta para recuperar esse estudante para as aulas, primeiro pelo prêmio e depois pelo envolvimento com o estudante. O filme me inspirou muito e tento levar essa inspiração para meu trabalho. Se um/uma estudante se ausenta eu vou atrás para saber o que se passa. Se não entregar a avaliação faço contato, pergunto as razões, ofereço um novo prazo é uma alternativa. Sou uma professora companheira dos/as estudantes, que busca compreender suas necessidades, que acredita que eles/as precisam se apropriar dos conhecimentos historicamente acumulados para que tenham melhores condições de vida. Nessa mesma formação com Esther Grossi me convenci do que era dito: “nasceu gente, é

inteligente e pode aprender”. Juntando esses saberes com a formação em educação popular me fiz uma professora amorosa, que busca ensinar para todos/todas/todes e fazer da sala de aula um espaço de construção de conhecimentos e produção de sujeitos ativos e conscientes. É evidente que isso não se dá sem conflitos e contradições porque numa sociedade que valoriza, defende e acredita na meritocracia e tem na avaliação um instrumento de dominação e poder, ter uma relação diferente com as notas me traz alguns problemas também. Sempre falo que os/as estudantes adoram a prova, porque foram ensinados/as sobre sua importância. Assim, normalmente utilizo a prova como instrumento de avaliação, para beneficiar os cursos de atenção que os/as estudantes dão às mesmas. Ao mesmo tempo que utilizo esse instrumento convencional, não o utilizo para punir estudantes. Leio as provas, construo os feedbacks por meio dos comentários e ofereço aos/às estudantes a oportunidade de refazer seus textos, sempre que necessário. Mesmo antes da utilização da Inteligência Artificial (ChatGPT e outros) já vínhamos nos preocupando com os plágios. Não por uma dimensão moral/pessoal mas pelo fato de que quem não consegue produzir suas próprias reflexões, a partir do estudo de outras obras, também continuará com dificuldade de mudar sua própria vida e de seu entorno e ter êxito profissional. Por isso sempre insisto para que os/as estudantes busquem a elaboração de textos pessoais, a partir do diálogo com os/as autores/as. As experiências são variadas, com mais ou menos êxito a cada semestre. O êxito é maior quanto mais cuidadoso o trabalho, quando o acompanhamento ocorre mais a miúdo, com possibilidades de as/os estudantes se expressarem durante todo o curso. Esse processo não se dá sem luta. Às vezes preparamos uma exposição e não temos com quem dialogar, nas turmas muito pequenas a falta de um ou dois estudantes causa grande impacto, nas turmas grandes, raras no curso de História, embora não falte participação fica mais difícil acompanhar o desenvolvimento de cada um/a dos/as estudantes. Costumo utilizar o Seminário, como técnica de ensino compartilhado, em geral com sucesso, com os/as estudantes realizando ótima pesquisa e exposição das ideias e, às vezes, com maus resultados, especialmente quando há a concentração do trabalho em uma única pessoa ou trabalho muito fragmentado, dificultando o engajamento da turma com a exposição e conteúdo.

A partir da expansão do uso das redes sociais o termo engajamento se tornou popular e pode nos ajudar a pensar nos desafios que é animar a turma a participar

das atividades propostas. Esse é sempre um desafio para quem deseja ser docente, construir uma educação libertadora, para a qual a imbricação dos/as estudantes nas atividades é absolutamente necessária. Sempre procurei envolver os/as estudantes nas atividades, seja pela variação da metodologia, a previsão de participação nas atividades em sala, a valorização dessas atividades com atribuição de nota, o uso de recursos audiovisuais.

Demorei a ter acesso às expressões artísticas e sei que a cultura é um direito fundamental. Por isso é prática comum nos cursos que eu ministro a exibição de um filme, a audição de uma música, a indicação de uma peça ou filme em exibição na cidade. Como relatei no início deste memorial, eu fui salva pela literatura na juventude e as artes continuam me/nos salvando, à medida que abrem possibilidades de imaginar um mundo diferente do que existe. Apesar de vivermos nos tempos de reprodutibilidade técnica, com referência ao texto de Walter Benjamin⁹, ainda assim a obra de arte continua produzindo sensações estéticas transformadoras. Eu sou muito marcada por shows, espetáculos, livros, músicas, poemas e filmes que atravessam a minha existência. E como gosto e acredito na importância das artes e do vínculo essencial com a educação, as diferentes expressões artísticas estão presentes em meus cursos. Já fui com minhas turmas ao cinema, ao teatro, a museus e centros de documentação. Penso que a aprendizagem se beneficia muito das aulas fora da sala de aula. No retorno às aulas presenciais, ainda durante a pandemia, ministrei a disciplina História e Movimentos Sociais. Frente às durezas daquele tempo propus que fossemos conhecer as experiências das cozinhas comunitárias em Uberlândia. Nossas aulas eram pela manhã. Nos encontrávamos na UFU e juntos/as, no meu carro, de mais uma estudante e de Uber, íamos para as cozinhas, conhecer, conversar e cozinhar. Nessa atividade conseguimos articular os conhecimentos teóricos sobre movimentos sociais com essas experiências de organização comunitária, especialmente articuladas por mulheres. Foi uma experiência muito satisfatória, na minha avaliação e de estudantes. Em tempos de desencanto, pandemia, adoecimento mental, o envolvimento das e dos estudantes e da professora nessa atividade foi bastante significativo. Nesta atividade contamos com a presença de duas amigas Letícia França e Leandra.

⁹ BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.



Atividades na Cozinha Comunitária da Ocupação do Glória e na Cozinha Comunitária SOS Dom Almir, com estudantes da Disciplina “História e Movimentos Sociais”.

O mais permanente no meu trabalho com estudantes é a viagem. O público dos cursos de História é composto, em geral, por pessoas de baixa renda, que teve pouca oportunidade de fazer viagens, especialmente com objetivos acadêmicos e culturais. Tenho proposto trabalho de campo todos os anos, sendo exceção os anos pandêmicos. Gosto desse movimento de viajar junto com estudantes, desde o processo de escolha do local para onde iremos, o processo de preparação, a busca pelas condições para realizarmos a viagem, a viagem em si, a animação da ida, a euforia, os conflitos e a busca de soluções. Tem também os atrasos, próprios do trabalho em grupo, algumas tretas. Mas tudo compõe a experiência do trabalho coletivo, que me parece parte constituinte do/a educador/a e da vida em sociedade. Temos realizado viagens para São Paulo, Rio de Janeiro, Mariana, Ouro Preto, Tiradentes, Belo Horizonte, São João Del Rey, Petrópolis e Teresópolis. Estávamos em Mariana, na semana do desastre/crime ambiental do rompimento da barragem em 2015. Esse ano (2023), acrescentamos mais um destino e fomos para a cidade de Goiás, a primeira capital do Estado de Goiás e Pirenópolis. É muito diferente

ensinar e aprender sobre temas do Brasil conhecendo esses locais. Considero absolutamente fundamental que todas as pessoas tenham acesso ao Patrimônio Artístico, Cultural, Arquitetônico e Ambiental que o Brasil possui. Em alguns territórios as marcas de outros tempos estão preservadas e o conhecimento desses locais tem uma contribuição indispensável na formação dos/as estudantes de História. Eu conheci o mar aos vinte anos, já estudante da UFU, quando fui ao Rio de Janeiro, no Campus da Praia Vermelha da UFRJ para o ENEH – Encontro Nacional de Estudantes de História. Eu me lembro bem da emoção de ver o mar. Emoção quase do mesmo tamanho ao conhecer o patrimônio da cidade, especialmente as igrejas, com suas marcas de outros tempos e outros modos de organizar a vida.

Gosto de ver a emoção das e dos estudantes nesse momento. Fazemos imersão nos espaços das cidades, nos lugares de preservação e guarda da memória, nos centros de documentação, museus e teatros. Não fico preocupada com a crítica que vez ou outra aparece de que estamos fazendo turismo. Fazemos sim, embora seja pouco e considero elitista negar essa experiência aos/às estudantes. Não coloco os bares no roteiro, mas não ignoro que eles existem e eu mesma os frequento. Quando viajo com estudantes me torno mais fervorosa e rezo para que meus e minhas alunas se mantenham em segurança enquanto experimentam esse momento diferente em suas vidas. Eles e elas são ousados/as. Às vezes querem ir aos bares e às praias, na sequência, às vezes circulam de madrugada em lugares considerados perigosos. Não tento controlá-los, mas sei que há riscos. Há colegas que me consideram imprudente por seguir realizando esses trabalhos. Não desconsidero os riscos, mas estou disposta a corrê-los pelos resultados que temos obtido com esse trabalho. Incentivo os/as estudantes a se cuidarem coletivamente. Quando possível, eu organizo a viagem com outro/a colega, o que torna a tarefa mais prazerosa e segura para mim também. Na última (maio de 2023) pude dividir a organização do trabalho de campo com o professor Gilberto Noronha e foi uma experiência muito exitosa e feliz.

Mas a experiência mais extraordinária que vivi com as viagens ocorreu em 2017, quando ministrei a disciplina Projeto Integrado de Práticas Educativas II, para a turma do período diurno do curso de História. Como sempre, fiz a previsão da realização da viagem e quando terminei a aula de apresentação do plano a estudante Aleska me procurou para falar de seu desejo de ir à viagem. Aleska é uma pessoa

com deficiência, usa a cadeira de rodas para o seu deslocamento e me informou que no ano anterior sua turma tinha viajado e ela não tinha podido ir pela ausência de condições. De pronto respondi a ela que nós só iríamos se ela também pudesse ir e a partir daí fizemos uma luta com muitas batalhas para viabilizar a nossa ida, com a presença de Aleska. Descobrimos que a UFU não tinha (e infelizmente depois de seis anos continua não tendo) nenhum carro acessível e nem tem essa exigência em suas licitações. Depois de muitas conversas, brigas, confusões e negociações conseguimos que a UFU contratasse um carro especialmente para levar a Aleska. Mesmo assim, um carro inadequado porque não tinha como ela ir na cadeira dela e o grupo acabou assumindo riscos porque Aleska teve que ser carregada por pessoas inexperientes. A universidade autorizou levar uma pessoa para acompanhá-la e fizemos vaquinha para contratar uma enfermeira. Fui à casa da Aleska, conversar com a mãe, que consegue cuidar dela sozinha, diferente de nós que não temos essa experiência. A mãe concordou com sua ida e fomos para essa aula-viagem-aventura. Aleska, como os/as outros/as estudantes não queria viajar com a mãe e sua escolha foi respeitada. Passamos muitos apuros nesse processo. A turma foi solidária e unida para resolver as questões que apareciam e apoiar Aleska. Contamos com a colaboração do motorista, muito gentil e solícito, do empenho da Técnica Administrativa em Educação Luciana Lemos e de forma destacada das estudantes Maria Eduarda de Moraes e Jéssica Tiola. Aleska foi muito corajosa e apesar das dificuldades e das dores, que sentia, continuou firme. Foi uma experiência absolutamente marcante na minha vida. Briguei na reitoria que desestimulava a nossa ida. Pensava: se eu como professora da UFU, nesse lugar que sabemos que é de poder, não estou conseguindo ser ouvida, que dirá as pessoas com deficiência excluídas desse espaço. Conseguimos! Essa foi a melhor viagem, trabalho de campo que realizei. Todas foram boas, mas essa foi muito especial, inesquecível e emocionante. O sentimento de vitória e a ligação da turma se tornaram mais fortes. Eu me tornei amiga da Aleska e pelo menos duas vezes por ano vou à casa dela. Ela tem a idade da minha filha e é pisciana como eu. Sua força e alegria me alimentam. No Rio fomos a Museus, Parques, Jardim Botânico, Cristo Redentor. De tudo que vivemos a maior emoção foi o momento em que Aleska entrou no mar, com a ajuda dos bombeiros.



Viagens com estudantes para Petrópolis, Rio de Janeiro e cidade de Goiás (Go). A quarta foto tem a Aleska no centro, na nossa memorável viagem ao Rio de Janeiro. Foto com os bombeiros depois da entrada dela no mar, pela primeira vez.

4.1. Coordenação do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

Uma experiência muito importante em minha trajetória foi a coordenação de um subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – o PIBID Interdisciplinar “Educação Popular com ênfase em Educação de Jovens e Adultos”, que contava com dezesseis estudantes bolsistas sob minha orientação, de diversos cursos de História, Biologia, Geografia e Pedagogia, em escolas públicas estaduais e municipais de Uberlândia. Nosso trabalho se realizou na Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha, Escola Estadual Parque São Jorge e Escola Estadual Frei Egídio de Parisi. Desde a sua formulação, o objetivo do projeto era compreender, analisar as culturas populares presentes nos diferentes espaços educativos, como estratégia de inclusão de pessoas historicamente excluídas, tanto dos espaços escolares como da sociedade como um todo. E assim desenvolvemos essa experiência educativa de 2012 a 2017. É um desafio grande coordenar um grupo grande de estudantes, que não permaneceu o mesmo todo o período, sendo as mudanças na composição do grupo um fator que dificultava a consolidação do projeto. Os primeiros anos também foram mais potentes por que a partir de 2015 o próprio Programa passou por vários questionamentos e esvaziamento, resultado da política mais geral no país, com os ataques à presidenta Dilma Rousseff, o golpe vivido por ela em 2016 e o desmonte das políticas educacionais mais progressistas do período.

Foi importante retomar os registros do PIBID e constatar como tivemos experiências significativas no trabalho que realizamos. O término da experiência no PIBID foi difícil e tinha me esquecido das tantas experiências importantes vivenciadas, e a escrita do memorial me permitiu reviver esse caminho e gostar de muita coisa que vivi com os e as estudantes.

A carta – por Guilherme Vasconcelos

O PIBID me auxiliou a construir uma relação com a escola e com os sujeitos que a constituem que com certeza resultou em frutos não apenas para meu currículo, mas para meu próprio saber e trabalho, ali pude encontrar com as mais diversas pessoas e situações, pude perceber que mesmo você

planejando com todo o cuidado, algo inesperado pode surgir quando você menos espera. (...)

Minha coordenadora, Jorgetânia da Silva Ferreira apresentou uma palestra na escola, discutindo com esses alunos assuntos que constituíam a realidade desses alunos, afinal, como sujeitos históricos eles constroem constantemente a própria História. Enfim, com a palestra ela também escreveu uma carta para esses alunos, uma carta que tratava de pontos de sua vida e de como conseguiu chegar onde está, logo fora sugerida uma atividade com esses alunos para a próxima semana, de que eles escrevessem cartas a ela, falando sobre o que desejassem e claramente sem valer qualquer ponto para suas disciplinas, o mais interessante foi que muitos alunos escreveram uma carta a ela, mesmo sem interesse de notas e afins, mostrando e falando um pouco de suas vidas e realidade, por fim animada com todo aquela reação que obteve com sua palestra a Prof^a Jorgetânia escreveu uma resposta particular e individual para cada um dos alunos. Essa atividade e resultado mexeram muito comigo, é tão bonito ver que o empenho e desejo de trabalhar de uma professora pôde trazer tanto interesse aos alunos, e mais, foi uma atividade que mostrou profundo e respeito e preocupação com cada um daqueles indivíduos, dessa lição posso tirar o quanto é importante ver e dar a devida importância para cada sujeito participante do processo de ensino e aprendizagem, tratando todos com grande respeito e atenção, assim podemos ver um grande comprometimento desses alunos e até mesmo uma maior participação deles e dos que não participaram da atividade, pois muitos talvez se sintam desmotivados a escrever e participar de atividades coletivas por justamente no passado terem sido tratados com descaso e não se sentirem parte do grupo.

Dessa atividade pude tirar o quão forte é o poder do trabalho no ensino, esse trabalho que ousou dizer, vêm a nos humanizar, vai além do profissional, nós trabalhamos com pessoas e esse trabalho nos faz repensar as nossas ações e vidas nesse complexo social em que vivemos, destacando esse fator humanizante que disse acima, mostrando os nossos alunos como pessoas de verdade com muito a nos oferecer, e não apenas nomes e números em uma lista. (Guilherme Vasconcelos, 2013)

Porque encontrei esse relato fui atrás e localizei a carta que escrevi aos estudantes, em abril de 2013, que foi impressa em um papel especial e entregue a cada um/a dos/as participantes da atividade na escola:

Uberlândia, 01 de abril de 2013

Querido(a) estudante

Sou professora na UFU, do curso de História desde 2007. Sou a coordenadora do PIBID-EJA que atua aqui com vocês. Convidaram-me para falar sobre Gênero, que são as relações que construímos como humanos entre homens e mulheres.

Resolvi lhes escrever essa carta contando um pouco da minha vida e, a partir dela, refletir alguns assuntos.

Eu nasci em Monte Alegre de Minas-MG, em 5 de março de 1974. Minha mãe Terezinha e meu pai José trabalhavam em uma fazenda na beira do Rio Tejuco. Tanto minha mãe quanto meu pai tiravam leite, trabalhavam na roça, cuidavam dos animais. Na minha lembrança só minha mãe cuidava da casa e das filhas. Lavar louça na bica, cozinhar no fogão à lenha, lavar roupas, esses eram serviços só de mulheres.

Sou a segunda filha de 7. Primeiro nasceram 5 mulheres: Josistelma, Jorgetânia, Rosa Maria (ai,ai,ai, a Rosa faleceu o ano passado, vítima de câncer de mama), Corina Ilda, Merivalda. Depois nasceram os dois homens: Juninho e João Thieres.

Da infância... ah, não tenho saudades não. Fiquei na roça até os sete anos de idade. Do que me lembro é mais pra ruim do que pra "bão". Não tínhamos muito com quem brincar, tínhamos que trabalhar, muita criança pequena para ajudar a cuidar. De bom lembro do meu aniversário de 4 anos que ganhei um talco de um primo querido. De ruim lembro-me de ter feito uma árvore de natal com galhos secos de uma árvore e bolas verdes de juá e os filhos do dono da fazenda terem passado, de propósito, com uma bicicleta em cima. Muito triste.

Com sete anos fui para escola. Ai foi bem complicado. Eu era bem miúda, chamada mesmo de "lombriquinha". Meu cabelo era muito grande e crespo. Naquele tempo não comprávamos shampoo e condicionador não. Era sabão de bola mesmo, feito em casa. Minha mãe era de uma Igreja diferente: não era católica mas tinha uma santa e adotavam os costumes das igrejas evangélicas. Por causa da igreja minhas roupas eram bem diferentes da maioria, saias compridas, não podíamos assistir tv nem ouvir música, e tudo isso, acredito, dificultou ainda mais minha inserção na escola e na cidade.

Eu não me sentia bem na escola. Tinha dores de cabeça, tonturas. Só melhorei quando minha mãe me deu um remédio e falou que a próxima vez que eu sentisse mal na escola ia me bater. Sarei. Suportei a escola. Mas não achei que a escola me acolheu. Já que a situação não era fácil resolvi me destacar sendo boa aluna. Até hoje sou conhecida assim: esforçada, inteligente (hehehehe!)

Fui levando... Quando estava na 6ª série eu quebrei a perna. "Tava" rezando? Não, andando escondido na bicicleta do meu tio. Foi um horror. Demoramos para contar pra mãe com medo de apanhar. Minha irmã passava gelol e falava: anda. Mas não deu: tivemos que contar. Foi nesse ano, não sei até que ponto pelo fato de ficar 60 dias com a perna toda engessada, que eu tomei mais gosto ainda por leitura. Li tudo que tinha na biblioteca da escola. Não tenho dúvidas

quanto a importância disso na minha vida. Se pude ir em frente nos estudos foi porque, de certa forma, a literatura me salvou.

Teve outra coisa muito importante na minha vida: foi o ingresso em um grupo de jovens: a Jufran – Juventude Franciscana Montealegrense. Lá eu me senti querida, importante e foi onde comecei a pensar em mudar o mundo e minha própria vida e da minha família.

A Jufran era um grupo ligado à Igreja Católica. Nos reunimos no domingo após a missa. Nisso eu já não ia mais na Igreja da minha mãe. Fui a primeira a sair mas mantinha os costumes porque tinha respeito e senso de sobrevivência. Participei uns 3 anos deste grupo. Quando estava no terceiro colegial o padre arranhou uma ajuda na Itália para estudantes virem para Uberlândia estudar. Ele alugou e montou uma casa para 6 meninos bem no centro de Uberlândia. Eles tinham suas despesas pagas, inclusive escola particular. Essa experiência foi muito importante pra mim. Foi a partir dela que passei a pensar que eu também poderia fazer um curso superior. Na minha família materna fui a primeira a ingressar em uma universidade.

Vim para Uberlândia no final de 1991. Em Monte Alegre tinha sido doméstica, trabalhadora rural, vendedora de roupas, professora de costura... Nesse ano meu pai estava gravemente doente e não tínhamos renda. Ai minha mãe me deixou vir. Primeiro fiz um estágio para conseguir em prego na creche do bairro Marta Helena. Passei. Mas ai consegui um emprego de recepcionista nas Lojas Americanas. Fiquei chic. Ganhava bem (perto do que ganhava em Monte Alegre) e mandava muita comida para minha família.

Além de trabalhar passei a fazer cursinho. Esse era também um objetivo. Fiz um vestibular para Direito, sem êxito. Foi no cursinho que tomei mais gosto por História. Ai passei no vestibular e comecei a fazer História em março de 1993, há vinte anos. Continuei a participar de grupos de jovens em Uberlândia, agora mais envolvida com política, filiei no PT em 93 também e desde então construí um novo caminho para minha vida. Na universidade tive bolsa moradia, alimentação, bolsa de pesquisa e pude me manter em Uberlândia e continuar ajudando minha família.

Em 1995 me casei (fui casada 14 anos) e em 1996 tive minha primeira filha. Continuei estudando e no ano seguinte iniciei o mestrado na PUC-SP. Com nove meses deixei minha bebê aqui e ia toda semana estudar em São Paulo. Foi bom e difícil. Comecei a dar aulas nas faculdades. Primeiro em Catalão, depois substituta na UFU, Itumbiara, Unetri, Unipac, Católica... Em 2001 fui fazer doutorado. Em 2002 nasceu meu filhinho. Em 2003 fui trabalhar como assessora do deputado Gilmar Machado, hoje nosso prefeito e fiquei trabalhando com ele até 2007 quando ingressei na UFU.

O que posso dizer pra vocês é que lutei muito. Lutei no movimento estudantil, movimento de mulheres, no movimento dos professores(as), nos cursinhos populares. Sempre acreditando que com oportunidade nós podemos ir mais longe. Podemos ser melhores. Não foi fácil. Enfrentamos machismo, racismo, homofobia, capitalismo.

Mas o "mundo não é desse jeito" ele está desse jeito. (Paulo Freire). E acredito mesmo que podemos fazer um mundo melhor para nós e para todas as pessoas. Um mundo de oportunidades, de respeito. Que não haja violência... que haja respeito a todas as pessoas. Que não se bata, nas mulheres, nas crianças, nos idosos... Desejo construir um mundo em que tenhamos liberdade de escolher e ser respeitados/as nas nossas escolhas.

E assim vivo bem, cercada de muito afeto de amigos/as e familiares. Desejando sempre animar mais pessoas a lutarem por um mundo bom, justo, construindo um futuro de esperança e carinho.

Um abraço pra você.

Jorgetânia da Silva Ferreira

Professora, mãe, amiga, mulher de luta.

A carta é quase um memorial (risos) à medida que traz uma síntese da minha vida. O intuito, ao contar a minha história, era mostrar que a universidade pode ter espaço para trajetórias como as deles e delas, embora tenha nascido e vivido, digamos assim, para atender os interesses das elites.

A memória é mesmo um campo de batalhas e é importante termos os registros para que as experiências não se percam, especialmente em contexto em que temos uma exposição excessiva às informações, de forma acelerada. Foi emocionante para mim reler esse texto do Guilherme Vasconcelos e reler minha carta aos/às estudantes. Assim vamos construindo nossa história, não da forma como gostaríamos, mas nas condições existentes (MARX). E o que somos se relaciona com o vivido e o que contamos sobre o que vivemos.

No PIBID, assim como no Projeto Asas da Juventude e na minha prática como professora nos cursos de graduação, eu sempre busquei oportunizar às pessoas envolvidas vivências diferentes da sua realidade cotidiana.

Nesse sentido, os deslocamentos para conhecer a UFU, para estudantes das escolas públicas, foi uma prática permanente. Pela minha própria experiência como pessoa que não conhecia a universidade e nem pessoas que a frequentavam foi o ponto de partida para que eu compreendesse a importância de apresentar a universidade pública para os/as estudantes das escolas públicas. Eu sempre afirmava/afirmo, nos encontros com esse público, que a UFU tinha/tem uma vaga

para eles/as, relatando políticas públicas de assistência, para que tivessem conhecimento que mesmo sendo trabalhadores/as podiam vir para a UFU e acessar restaurante universitário, bolsa transporte, entre outras. Nas andanças pelas escolas públicas perguntávamos sempre se os e as estudantes sabiam que o ensino na UFU era público e gratuito e sempre tinha percentuais muito altos de pessoas que não sabiam que o ensino na UFU é gratuito.

No dia 07 de junho de 2013, juntamente com o apoio de toda equipe escolar, levamos os estudantes do 2º ano do ensino médio, do período noturno, para participarem do evento “Extensão e Cultura em Mostra” promovido pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX/UFU).

Durante o trajeto já iniciamos o trabalho com os/as estudantes, questionando se eles/as já conheciam a UFU, o que eles esperavam encontrar quando chegassem, entre outros questionamentos. Ouvimos diversas considerações como: “eu quero ver muitos calouros”, “quero adquirir conhecimento e ver as gatinhas”, “estou muito feliz, porque pelo menos uma vez eu vou poder falar que entrei na UFU”. Então fomos conversando com eles/as, sobre a nossa experiência na UFU, como era nossa rotina, o que tivemos que fazer ingressar no ensino superior, e a partir da fala dos estudantes, foi se efetivando uma rica troca de experiências.

Para o estudante **que disse que seria a única vez que poderia entrar na UFU**, explicamos que a Universidade é um espaço público, e que todos os cidadãos podem adentrar o recinto. Procuramos também e motivá-lo no que diz respeito as suas competências para ingressar no Ensino Superior Público por meio da preparação para os processos seletivos de ingresso na UFU, vestibular e ENEM/SISU. (Relatório Aline Diniz e Stéfany Rodrigues Tavares, bolsistas PIBID Escola Estadual do Parque São Jorge).



Estudantes da Escola Parque São Jorge em visita à UFU (2013) com equipe do PIBID.

Na experiência no Pibid destaco ainda a utilização das rodas de conversa como metodologia de ensino. Nos propusemos pesquisar junto aos/às estudantes das escolas participantes do Pibid Educação Popular-EJA, docentes e demais servidores/as, sobre problemas que afetam a escola, as temáticas mais relevantes e a partir dessa imersão na realidade escolar, buscar soluções conjuntas. Partimos do suposto de que educar pela pesquisa é a especificidade da educação escolar, sem a qual não se diferencia da educação que recebemos em outros espaços e instâncias sociais (DEMO, 1996)¹⁰. Com essa inspiração buscamos fazer da pesquisa atitude cotidiana e foi assim que nos orientamos para o desenvolvimento do projeto.

¹⁰ DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

Buscamos conhecer a realidade das escolas, as aspirações dos sujeitos, as culturas escolares, atentos/as às diferenças de gênero, raça/etnia, geração, origem; religiosidade; classe social; organização familiar; orientação sexual; etc. como condição para a construção de alternativas educativas a partir dos saberes/interesses/sonhos desses sujeitos. As rodas de conversas se constituíram como a principal estratégia de intervenção na Escola Municipal Afrânio Rodrigues e foram realizadas com estudantes do 6º ao 9º ano do período noturno da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Essa rica experiência foi relatada no XII Encontro Cearense de História da Educação e II Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação, em Fortaleza-Ceará, que participei junto com os/as bolsistas. A viagem para o evento constituiu uma grande conquista para o grupo, uma vez que foi a primeira vez que a maioria deles e delas tiveram oportunidade de viajar de avião e participar de um evento científico importante e conhecer o litoral nordestino. Conseguimos de forma inédita viabilizar a viagem com recursos do PIBID. Além de apresentar e publicar o trabalho nos anais do evento, publicamos sobre o mesmo tema no livro organizado pela coordenação do PIBID na UFU.¹¹

¹¹ FERREIRA, J. S.; GOMES, A. C. ; RODRIGUES, L. A. G. . Pibid de Educação Popular na UFU: os desafios da formação docente em um projeto interdisciplinar. In: Vale, D. R; MENDES, O.M; PEREIRA, W.F.. (Org.). **A Escola como campo de formação de professores: experiências significativas com o Programa de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID-UFU**. 1ªed.Florianópolis: BOOKESS, 2015, v. 01, p. 339-361. ISBN: 978-85-448-0045-4



Registros da nossa viagem a Fortaleza para apresentação de trabalho. Na terceira foto temos Ana Claudia, Maicon, Júnior, Aline e Stefany. Equipe de bolsistas do PIBID e coordenação.

Um outro aspecto que gostaria de destacar dessa experiência do Pibid se refere à construção do grupo. Vivenciamos tudo que a formação e a convivência em um grande grupo propiciam: disputas, solidariedades, brigas. Estudantes que se destacavam, tinham maior envolvimento com a tarefa e que se sentiam insatisfeitos/as com os/as que estudavam menos, lideranças estudantis questionadas por ocuparem muito espaço no grupo, são exemplos de problemas que surgem quando trabalhamos em grupo. Avalio que soubemos lidar com as divergências e as compreendemos como próprias de qualquer grupo. Encaramos a resolução desses conflitos, como tarefa pedagógica fundamental da formação de professores/as. E dos vários aspectos que essa experiência teve de positiva talvez esta tenha sido a mais importante. Esticamos ao máximo a reflexão sobre a necessidade de convivência de diferentes pessoas e pontos de vista. Fugimos das soluções simples de trocar estudantes de turno ou escola em função de conflitos entre eles/as ou com a supervisora. Temas polêmicos em geral tratados no grupo, com mais ou menos sofrimento. Quando necessário, conversas individuais. Apesar da demora nas soluções dos problemas sempre

encontramos um caminho de mediação das divergências, de forma a termos soluções negociadas, sujeitos se sentindo parte do processo e, superação de ideias prévias sobre colegas “eu achava que ele era exibido, mas descobri que é um cara legal”. E o desenvolvimento da compreensão da dimensão pública do nosso trabalho e por isso necessário a aprendizagem para lidar com as diferenças, afinal não escolhemos com quem trabalhamos e a quem ensinamos/aprendemos.

Por meio do trabalho coletivo não se busca necessariamente o consenso que harmoniza os discursos, negando as diferenças e silenciando as tensões, mas a ruptura com o silenciamento que vem sendo historicamente produzido. A solidariedade entrelaçada ao processo coletivo orienta as práticas e gera condições para a produção de significados partilhados, que criam bases para a reflexão e o diálogo. (ESTEBAN, 2007: p. 16)

Um dos elementos importantes na formação docente que nem sempre é discutido nos cursos de formação de professores/as é a inserção na escola. Observamos os/as estudantes do PIBID iniciando sua inserção na escola, muitas vezes esperançosos/as com a possibilidade de muitas realizações serem confrontados com práticas já bastante consolidadas, algumas que eles não concordavam e não compreendiam a razão de ser, que dificultavam impediam a realização de suas propostas. Não era incomum que os/as estudantes pibidianos/as fossem desestimulados a desenvolverem seus projetos e fossem vistos como sonhadores/as, que com o tempo iriam ver que não tem jeito de mudar a escola, entre outros argumentos. Nas reuniões buscamos compreender o que estava por trás dessas questões, convidando-os/as para a busca da compreensão da raiz dos problemas e busca de soluções construídas coletivamente, enraizadas na realidade social. Afinal não resolveria só realizarmos o que acreditávamos ser o certo se não fizesse sentido para a comunidade escolar, já que nossa permanência na escola era provisória. Enfatizamos a importância da construção de parcerias porque não adianta termos uma ideia que consideramos extraordinária se ela não tem com quem ou como ser viabilizada. Apesar de muitos acertos e entusiasmo do grupo, o projeto interdisciplinar se encerrou em 2014, em função de novas regras da CAPES (61/2013) . Continuei coordenando o subprojeto do PIBID na área de História até 2017.



Ato público em defesa do PIBID, na Praça Central de Uberlândia

É certo que o PIBID marcou de forma definitiva nossas vidas pessoais e profissionais. Como grupo que aprendeu a conviver, gostar de estar junto, desenvolver ações conjuntas, a lutar muito para superar os contra sonhos que os sonhos sempre encontram, como nos ensinou Paulo Freire.

É certo que mulheres e homens podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que “chegam” em sua geração. E não fundadas ou fundados em devaneios, falsos sonhos sem raízes, puras ilusões. O que não é porém possível é sequer pensar em transformar o mundo sem sonho, sem utopia e sem projeto. (...) A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta. (...) Possivelmente, um dos saberes fundamentais mais requeridos para o exercício de um tal testemunho é o que se expressa na certeza de que mudar é difícil mas é possível. É o que nos faz recusar qualquer posição fatalista que empresta a este ou àquele fator condicionante um poder determinante, diante do qual nada se pode fazer.” (FREIRE, 2000:55)

Em função de outras demandas que assumi, inclusive a licença para me candidatar em 2018, foi necessário deixar a coordenação do Pibid e continuei lutando pela manutenção do programa, tão atacado nos governos que vieram Temer e Bolsonaro.

4. 2. Movimento Docente e Presidência da ADUFU - Seção Sindical dos Docentes da UFU de 2013 a 2017

Minha atuação no movimento docente se deu logo no início do meu ingresso na UFU como professora efetiva. Em 2009 fui convidada a integrar uma chapa que concorreu às eleições denominada ADUFU pela Base e assumi o cargo de Diretora de Formação Sindical. Eram tempos de muito entusiasmo para o grupo que participava do movimento docente e da gestão da ADUFU. Fomos para o congresso de Belém em 2010 com uma grande delegação e aceitamos sediar o 30º Congresso do ANDES-SN em Uberlândia e eu fui indicada pela diretoria para compor a Comissão Organizadora Nacional do 30º Congresso, junto com minha querida amiga e companheira, a quem chamo carinhosamente de Líder, a professora Maria Alice Vieira. Era o meu primeiro Congresso do ANDES e eu já saí como organizadora do próximo evento e um evento muito importante que era a comemoração dos 30 anos do nosso sindicato. Entrei de corpo e alma nesse projeto, o que me demandou muito trabalho. Organizar um evento nacional do ANDES-SN não é uma tarefa fácil e eu assumi essa tarefa com muita seriedade. O evento foi um sucesso. Preparamos tudo nos mínimos detalhes, querendo receber docentes do Brasil todo no melhor estilo da hospitalidade mineira. Como a parte política do evento é de responsabilidade da direção nacional do ANDES-SN, cabia à comissão organizadora cuidar da infraestrutura, das condições para que o evento ocorresse e dos eventos culturais. Foi um grande processo. Além da infraestrutura assumi junto com o professor Antônio de Almeida e a professora Patrícia Trópia a pesquisa para a publicação de um pequeno livro sobre os 30 anos do ANDES que ficou assim intitulado: “ANDES-SN 30 anos: sindicato de base, democrático e de luta”¹². Foi um processo rico e trabalhoso mas avalio que conseguimos realizar um bom trabalho, com idas a Brasília, pesquisa nos arquivos do ANDES, conversas com a direção do sindicato. Como brinde, prática comum nos congressos de nosso sindicato, escrevemos um livro com aspectos da nossa História Regional e que terminava com uma receita. Foi um trabalho marcante e os e as participantes do congresso gostaram muito e contou com a participação de diversos professores e professoras. O livro se intitula “Prosas & Sabores” e foi organizado por mim, a professora Mônica Chaves Abdala e a

¹² ALMEIDA, A. & FERREIRA, J.S. & TRÓPIA, P. **ANDES-SN 30 anos: sindicato de base, democrático e de luta** Uberlândia: ANDES-SN, 2011.

professora Vera Lúcia Puga.¹³ Além de participar da organização do livro, contribui com um capítulo “Cozinhar, comer, comemorar: questões de gênero na cozinha” em que falo sobre a importância da cozinha para nosso estado, na trilha dos estudos da professora Mônica Abdala, que é uma referência importante nos estudos sobre alimentação, sobre o problema da desigual distribuição do trabalho doméstico concentrado nas mulheres, especialmente nas mulheres pobres, velhas, negras e termino com uma receita que eu fazia todos os anos para minha família que era o pernil. Depois minha filha se tornou vegetariana e eu também me tornei uma lutadora para não comer carne, com mais ou menos êxito em diferentes momentos e parei de fazer esse prato importante na cozinha mineira.¹⁴

Apesar de todo cuidado que tivemos como comissão organizadora, sendo o 30º um enorme sucesso de organização, sempre lembrado positivamente pelos/as participantes, houve uma divisão na delegação da ADUFU, com consequências políticas e pessoais. Ao término do congresso adoeci e não consegui concluir o mandato na ADUFU. Tive que ficar um semestre afastada do trabalho na UFU. Um dos elementos da depressão e pânico que vivi nos meses seguintes se relaciona com o trauma vivido no movimento docente no âmbito da UFU.

Ao adoecer, ainda sem essa percepção de que se tratava de doença, me afastei do convívio social e foi pela percepção de minhas amigas Olenir Maria Mendes e Wilma Ferreira de Jesus que sentiram minha ausência e foram cuidar de mim que pude encontrar tratamento para as dores que eu vivia. Já fazia terapia há muitos anos e com ajuda médica, apoio de amigas/os, familiares, direção e colegas do Instituto de História foi possível voltar às atividades no segundo semestre de 2011.

Esse ano foi sem dúvida um ano muito duro para mim. Além dos rompimentos políticos, quebra de confiança, adoecimento, exatamente no tempo em que ocorria o congresso do ANDES, minha irmã Rosa, mais nova que eu, foi diagnosticada com câncer de mama. Eu estava tão mal nesse tempo que minha irmã com câncer que foi me visitar. Com o diagnóstico minha irmã passou por cirurgias, quimioterapia e radioterapia. No final de 2011 estávamos bem e parecia que nossa vida voltaria ao

¹³ FERREIRA, J.F. & ABDALA, M. C. & PUGA, V. L. **Prosas & Sabores**. Uberlândia: Composer, 2011.

¹⁴ FERREIRA, J.F. Cozinhar, comer, comemorar: questões de gênero na cozinha. FERREIRA, J.F. & ABDALA, M. C. & PUGA, V. L. **Prosas & Sabores**. Uberlândia: Composer, 2011.

normal. Inclusive organizei uma festa para minha filha, que naquele ano completava 15 anos. Infelizmente o câncer de minha irmã foi muito agressivo. Em janeiro de 2012 eu viajei feliz para o congresso do ANDES, que ocorreu em Manaus e fiquei uns dias a mais conhecendo a cidade e seus rios. Fui ao encontro das águas, no meio da floresta, nadar naquelas águas e me senti muito feliz. Ao retornar cheia de produtos daquela terra maravilhosa minha irmã não estava bem. Tinha um zunido no ouvido e queixava-se de tonturas. O primeiro diagnóstico era de labirintite e pensamos que poderia ser consequência de alguma medicação. Marcamos neurologista e depois de realizados exames o médico pediu para ela sair da sala e disse que minha irmã Rosa tinha tido metástase cerebral e que tinha 3 meses de vida. Ouvi essa notícia junto com o marido de minha irmã. Voltei para casa, me deitei na minha cama e pensei em como conviver com essa realidade. O que se seguiu foi dramático. A cada dia minha irmã perdia um sentido. Primeiro deixou de ouvir, depois de ver, passou a usar sondas, não conseguia comer. Rosa morreu em 6 de maio de 2012, quando sua filha Geovana tinha 5 anos e seu filho Guilherme tinha 10 anos. Foi muita tristeza mas pude estar intensamente com ela nesses meses dias de vida. Estreitamos nosso vínculo e nosso amor e ela me pediu para tomar conta de seu filho Guilherme. Tenho procurado honrar essa tarefa que minha irmã me confiou. Ele hoje é um jovem lindo, que cursa Zootecnia no Instituto Federal do Triângulo Mineiro em Uberaba.



A primeira foto é de minha irmã Rosa e consta da lembrança da Missa de 7 dias. Na outra eu com Marquinhos, Julie e Guilherme.

Pra fugir da dor foi me concentrei nas tarefas do movimento docente. Dias depois do falecimento da Rosa eu fui para a instalação do comando nacional da greve pela carreira docente do ANDES-SN (2012). Foi um movimento muito marcante e eu participei ativamente das ações grevistas, em Brasília e Uberlândia. Essa greve durou 4 meses e foi um grande processo de formação para mim e para toda uma geração de docentes das Universidades Federais e Institutos.

A partir do primeiro congresso do ANDES-SN, passei a ser presença constante nos eventos nacionais. A ADUFU tinha um costume de enviar delegação completa nos Congressos, inclusive com observadores/as, evento que ocorre uma vez ao ano e é instância máxima de decisão do sindicato. Sou uma pessoa que acredita na luta coletiva e considero o ANDES-SN um instrumento muito importante da classe trabalhadora. Independente das diretorias ou de minha posição em relação a elas, sempre trabalhei pela preservação de nosso sindicato. A metodologia de trabalho do ANDES-SN é bastante democrática. A direção não tem autonomia para realizar nenhum evento que não tenha sido aprovado em suas instâncias superiores. Nos congressos são decididos os rumos do sindicato, a partir de textos de resolução que toda a base teve conhecimento previamente pelos cadernos de textos. Por meio dos grupos de trabalho, nos eventos nacionais, todo professor e professora podem participar dos debates em pé de igualdade e as decisões são aprovadas por maioria, após amplo debate. Nosso sindicato tem suas dificuldades, desafios e é preciso enfrentá-los. Mas o ANDES-SN é patrimônio dos docentes e da classe trabalhadora e tenho trabalhado para fortalecê-lo.



Fotos de atividades variadas do ANDES. A primeira é da festa que fizemos para receber a delegação no 30º Congresso em Uberlândia. As duas primeiras da última linha se referem às eleições do ANDES, em 2023.

No ano de 2013 concorri à direção da ADUFU e fui eleita presidenta. Em 2015 fui reeleita e dirigi a ADUFU por quatro anos, com gestões reconhecidas como exitosas.

Dirigi a Seção Sindical dos Docentes da UFU - ADUFU, Seção Sindical do ANDES - Sindicato Nacional dos Docentes de Instituições de Ensino Superior, em tempos muito desafiadores. Assumi a presidência em setembro de 2013, em uma eleição de chapa única e nossa chapa foi reeleita em 2017, também com chapa única e com manutenção da maioria da composição anterior. Começamos no ano de 2013, após jornadas de junho e não tínhamos ideia dos inúmeros desafios que viveríamos

na sequência. Assumir a direção da ADUFU me demandava uma carga enorme de trabalho, que era reconhecido pelo Conselho do Instituto de História com a liberação de metade da minha carga horária didática, assim como havia ocorrido com os professores do Instituto que exerceram a presidência do sindicato anteriormente e fizeram a solicitação.

Primeira gestão “**Resistência do princípio ao fim**”

Presidente: Jorgetânia da Silva Ferreira (INHIS)

Vice Presidente: Paulo Cesar Peres de Andrade (INFIS)

Secretária Geral:

Lúcia Helena de Paula Menezes (ESEBA)

1ª Secretária: Iara Maria Mora Longhini (FACED)

1º Tesoureiro: Rosana Ono (FOUFU)

2º Tesoureiro: Antônio Carlos Freire Sampaio (IGE/UFU)

Secretário de Formação Sindical: Filipe Almeida do Prado Mendonça (IE)

Secretária Cultural: Fátima Antunes da Silva (Iaska) (IARTE)

1º Suplente: João Carlos de Oliveira (ESTES)

2º Suplente: Sarita Medina da Silva (FACED)

RESISTÊNCIA DO PRINCÍPIO AO FIM

Compreendemos a ADUFU, seção sindical do ANDES – Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, como patrimônio dos docentes da UFU. Isto se dá por sua história de lutas e conquistas para a nossa categoria, pela democratização de nossa universidade e por ser instrumento da luta de trabalhadores(as) por um mundo de justiça, igualdade e por uma universidade pública de qualidade voltada para os interesses da maioria da população, especialmente a mais pobre e excluída.

Nossa proposta é Resistência do princípio ao fim porque temos clareza das dificuldades que estão postas para o movimento docente em tempos em que prevalece a lógica concorrencial e neoliberal, inclusive no interior da universidade, lógica ditada pelas agências de fomento, pelo governo federal e muitas vezes assimilada sem problematização, como se fosse o único caminho possível.

RESISTÊNCIA

- ✓ à retirada de direitos de docentes ativos e aposentados; ao uso do recurso público no setor privado;
- ✓ à desvalorização do trabalho docente das universidades e a precarização da carreira;
- ✓ à hierarquização e desigualdade no interior da própria universidade (campi, unidades fora de sede e unidades especiais);
- ✓ à falta de condições de trabalho;
- ✓ ao adoecimento pelo trabalho.

Propomos-nos a desenvolver um trabalho coletivo, cooperativo, respeitoso, na busca da garantia da pluralidade de pensamento e respeito às deliberações das instâncias de decisão do sindicato.



AÇÕES PROPOSTAS

- ✓ Fortalecer os canais de comunicação da ADUFU com docentes, de forma rápida e direta no que concerne aos temas das pautas nacional e local;
- ✓ Participar de ações em defesa da educação pública, de qualidade, democrática, laica, voltada para os interesses da maioria da população;
- ✓ Fortalecer os grupos de trabalho como espaço privilegiado de produção de reflexões aprofundadas;
- ✓ Lutar pela implementação do projeto de carreira do ANDES;
- ✓ Defender o ANDES-SN, como nosso sindicato e participar de suas instâncias de forma crítica;
- ✓ Desenvolver política cultural que propicie a convivência entre docentes para além do espaço de trabalho;
- ✓ Fortalecer espaços de formação sindical, especialmente voltados para docentes que ingressaram nos últimos anos;
- ✓ Desenvolver trabalho conjunto com Sintet e DCE.
- ✓ Desenvolver ações conjuntas com Movimentos Sociais em defesa de direitos humanos sociais e ambientais.

A segunda gestão na ADUFU se intitulou “Fortalecer as lutas” e teve pouca mudança na composição.

CHAPA FORTALECER AS LUTAS!

Presidenta: Jorgetina da Silva Ferreira (INSP)	2ª Tesoureira: Antônio Carlos Ferreira Sampaio (GIG/UFU)
Vice Presidente: Filipe Almeida do Prado Mendonça (B)	Secretário de Formação Sindical: Paulo César Peres de Andrade (INSP)
Secretária Geral: Ídila Helena de Paula Moraes (pessoal - ESMA)	Secretária Cultural: Cláudia Maria Mendes (FACEC)
1ª Secretária: Ismar Maria Moraes Longhini (FACEC)	Suplente: Nilson Pereira Júnior (FAMEC)
2ª Tesoureira: Rosana Ocho (ADUFU)	Suplente: Nádia Conceição Ferreira (aposentada - ESTES)

HORÁRIOS E LOCAIS DE VOTAÇÃO

✓ Campus Santa Mônica Saguão do Bloco 3Q Horário: 9h às 21h	✓ Esiba Sala 1N 341 Horário: 9h às 17h
✓ Campus Umuarama Bloco 4K (em frente ao áudio visual) Horário: 9h às 20h	✓ Faculdade de Ciências Integradas do Pontal Unidade I Horário: 9h às 21h
✓ Educação Física Portaria da Educação Física Horário: 9h às 12h e 14h às 17h	✓ Pátio de Minas Horário: 9h às 19h

Monte Carmelo

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA!

ELEIÇÃO 2015

01 de Setembro de 2015

PARTICIPE! VOTE SIM!

Dirigir a ADUFU, seção sindical dos e das docentes da UFU foi uma das atividades mais importantes da minha vida. A ADUFU tem bastante credibilidade junto aos movimentos sociais na cidade e fizemos gestões marcadas pelo

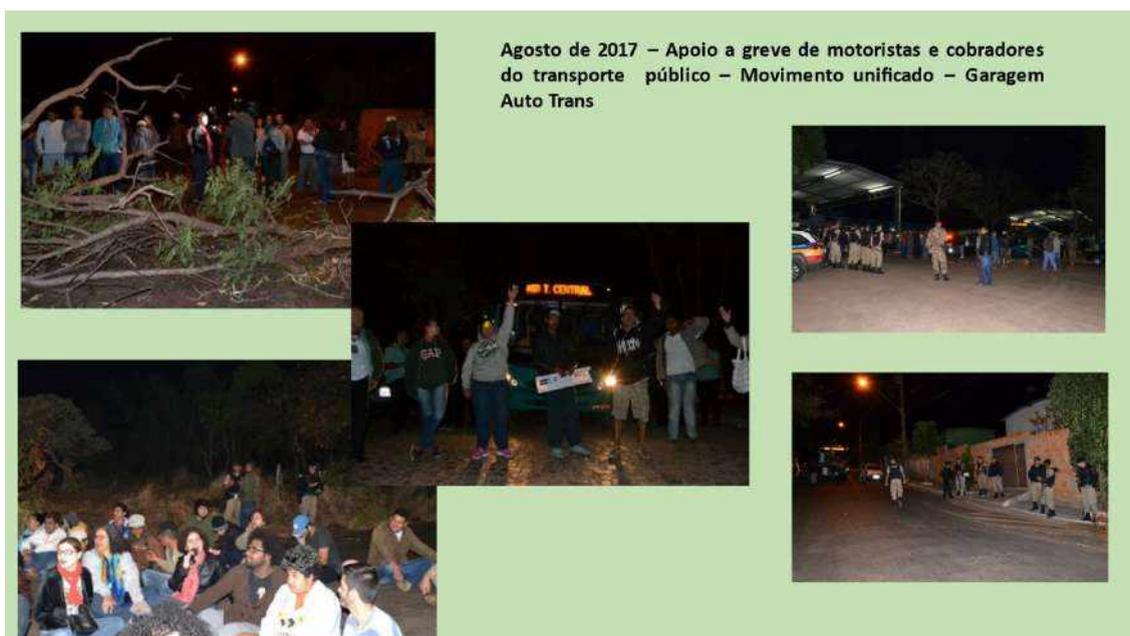
envolvimento da categoria, amplos setores da sociedade e dezenas de movimentos sociais. Durante os quatro anos em que estive presidenta da ADUFU dividia meu tempo entre as demandas sindicais em Uberlândia e região e a representação da ADUFU nos espaços nacionais do ANDES-SN. Construimos a nova sede do sindicato, inauguramos em grande estilo, realizamos atividades culturais e de formação política, botecos e conseguimos colocar a ADUFU como casa de referência das lutas em Uberlândia na região.

Já em 2014, quando a conjuntura política se fechava, participamos ativamente no segundo turno pela eleição de Dilma e em 2015 fomos a primeira seção sindical do ANDES-SN a denunciar a ameaça de *impeachment* contra a presidenta Dilma Rousseff, que nomeamos de golpe em documento ainda em 2015, nas contribuições que fizemos ao congresso do ANDES-SN, do ano seguinte. 2016 foi um ano muito exigente para a direção da ADUFU e para mim, em particular. Lutamos contra a ameaça de golpe e uma vez efetivado passamos a lutar contra as medidas do governo golpista de Michel Temer. Ajudamos a fortalecer a luta contra a PEC 241 e o Novo Ensino Médio e fomos polo de apoio das greves das e dos estudantes do ensino médio, com suas importantes ocupações nas escolas. A ADUFU foi a primeira universidade no Brasil a aprovar greve contra a PEC 241 e passamos a atuar pela aprovação da greve no setor das federais. Ao mesmo tempo que fazíamos a disputa em articulação com movimentos sociais, fora da universidade, esses foram tempos de crescimento da participação da categoria nas atividades do sindicato em suas múltiplas atividades. O contexto golpista e conservador fazia crescer a pressão interna pelo controle do trabalho de docentes, sendo a Escola Básica de Educação – ESEBA-UFU o local em que o confronto de projetos se tornou mais explícito. Junto com o corpo docente da Eseba, enfrentamos a busca do cerceamento do trabalho docente, quando crescia o movimento conservador autodenominado “escola sem partido”, que sabemos é uma perspectiva autoritária de educação, limitadora das possibilidades de estudantes e do próprio processo de ensino e aprendizagem. É impossível relatar tudo que vivemos nesses anos na ADUFU. Foram anos muito intensos.



Greve na praça organizado pelo diretoria da Adufu – Dezembro de 2016

Destaco as madrugadas na ADUFU, a preparação dos enfrentamentos mais diretos como fechamento de rodovias, a parada do transporte público, tudo planejado na sede da ADUFU. Para tentar diminuir o vazamento das informações e garantir a nossa segurança, nossos celulares eram recolhidos na entrada das reuniões, entre outras estratégias.





9 de Dezembro de 2016 – Greve na praça Ismene Mendes



6 de dezembro de 2017- Praça Ismene Mendes

Se por um lado a conjuntura se fechava, com golpe contra a presidenta Dilma Rousseff e governo golpista de Temer, por outro lado nossas articulações cresciam e foi assim o enfrentamento da PEC 241, da reforma do Ensino Médio, da Reforma Trabalhista e da Previdência. Nesse contexto os setores do PT se colocaram na luta junto com os setores que já vinham organizando as lutas, especialmente no âmbito da universidade e a mobilização foi crescente. Uma das características das nossas gestões foi agregar muitas organizações. Assim, alguns materiais eram assinados por mais de 60 organizações, entre partidos do campo popular, movimentos sociais e

populares do campo e da cidade, centrais sindicais e muitos sindicatos, tendo a ADUFU e SINTET-UFU como um grande guarda-chuva das lutas.

Pela proximidade de Uberlândia e Brasília e nosso compromisso político, colocando os recursos do sindicato a serviço da resistência, foi possível enviar dezenas de ônibus por ocasião das greves de 2017. ADUFU teve um papel fundamental nessas lutas. Na presidência pude contar com todo grupo e nas idas a Brasília meu vice-presidente, o professor Filipe Mendonça, que não era golpista e nem decorativo, cumpriu um papel fundamental de coordenação de nossas caravanas.



Atividade contra as políticas de Temer. Fizemos um caixão e velamos na universidade e saímos em marcha pela cidade.

.Outro aspecto marcante das nossas gestões (2013-2017) foi a construção da nova sede. Em nossa primeira gestão acolhemos uma reivindicação de nossa base e decidimos, após incontáveis reuniões e assembleias, pela elaboração de projeto arquitetônico e construção da nova uma sede, a partir da derrubada da casa anterior. Mudamos a ADUFU para uma casa alugada e construímos uma bonita e funcional sede para a ADUFU. Derrubar a antiga casa foi bem difícil porque a ADUFU funcionava nessa casa há muitos anos e tínhamos muitas memórias do local. Além disso, pessoalmente eu achava difícil derrubar. Nunca tinha construído uma casa antes e receava que acontecesse alguma coisa e não conseguíssemos erguer uma nova sede. Me preocupava também a segurança dos/as trabalhadores da construção, enfim uma série de receios que uma situação nova em geral provoca. Apesar do medo, fomos com medo e com a coragem, que não são incompatíveis. Amparada pelas decisões coletivas, por uma direção executiva aliada e alinhada conseguimos dar um passo importante na estruturação do espaço da ADUFU com a construção da nova sede. E construir, mesmo com os limites do terreno, nos permitiu sonhar e realizar muitas coisas para a sede da ADUFU. Queríamos que a ADUFU fosse acolhedora, que tivesse espaço de vivências para os/as docentes, que eles e

elas pudessem estar na sede de forma confortável. Para tanto foi decidido pela criação de uma sala exclusiva para o professor e a professora estarem. Espaço de leitura, para assistir um filme ou ouvir música, de um papo com outros/as colegas de forma reservada. Outro espaço bastante importante que criamos foi o Espaço de Vivência das Crianças e Adolescentes. Essa preocupação já vinha desde a gestão da professora Adriany Ávilla, como presidenta da ADUFU com a separação de um espaço para as crianças e a compra de brinquedos. Com a construção da nova sede pudemos planejar, inclusive junto com esse público e sob a coordenação da professora Olenir Maria Mendes, à época, Secretária Cultural, esse tão importante espaço. Infelizmente esses espaços estão sempre em disputa. A sala como pensávamos para docentes foi desativada e o espaço das crianças e adolescentes tem sido pouco utilizado para a função imaginada, com tendência de ocupação como depósito. Mas a nossa luta pelos espaços de vivência permanece.

Inauguração Espaço Multimaginação
Crianças, adolescentes e jovens estiveram
presentes para inaugurar este espaço em
nossa nova sede da ADUFU-SS
20/08/2016



O projeto arquitetônico da sede da ADUFU foi desenvolvido pelo arquiteto Carlos Eduardo e ficamos muito felizes com o resultado. No centro do piso térreo construímos um jardim e ele homenageia a mais antiga e querida funcionária da ADUFU, a secretária Marluce Severino de Paula

A inauguração da nova sede ocorreu em agosto de 2016, tempo que o termômetro da política estava no “quente” com a votação final do impeachment que ocorreu em 31/08/2016. Ao mesmo tempo que lutamos contra o golpe contra a presidenta Dilma, fizemos uma enorme mobilização para a inauguração da nossa sede nova. Assumimos com coragem a realização de um show dentro da UFU,

depois de anos em que não ocorria evento dessa natureza, porque essas iniciativas vinham sendo inviabilizadas por interdições da Prefeitura Municipal e Ministério Público, além de dificuldades no interior da própria universidade. Empenhamos todos os esforços para realizar o evento, composto por Feira de Livros, com lançamentos de obras de docentes, Feira Gastronômica, Apresentação Cultural de um grupo de Congada e Show com Chico César. Nossa ousadia foi assinar contrato com Chico César sem ter alvará para a realização do evento. O alvará foi conseguido na véspera do show e teve caráter inédito, uma vez que não se conseguia alvará para realizar evento na UFU há muitos anos. E a alegria ocupou a UFU nesse evento, com quase cinco mil pessoas dentro da UFU em uma noite de poesia, música e protesto. Inesquecível. Nesse trabalho contamos com uma equipe grande de pessoas, sob a liderança do professor Haroldo Rezende, da Faculdade de Educação da UFU.



Imagens do evento com Chico César, organizado pela nossa gestão na ADUFU. (agosto/2016)

Além do show com Chico César, outro evento marcante nas comemorações da nova sede foi a atividade com o teólogo Leonardo Boffi. Imaginamos um evento para que ele pudesse falar da importância dos sonhos para a construção de outros mundos possíveis e conseguimos sua realização pela articulação da professora Olenir, com a mediação do Frei Sinivaldo. Assim no dia 20 de setembro de 2016, no Centro Esportivo Universitário do Campus Santa Mônica da UFU Leonardo Boff proferiu a palestra “Utopias Libertárias: ainda há espaço para a política?”, abordando

importantes questões da conjuntura política e econômica daquele contexto e terminou com uma sessão de autógrafos. O evento teve mais de três mil pessoas.



Registros do evento com Leonardo Boff na UFU. (Setembro de 2016)

Uma característica das nossas gestões na ADUFU foi o trabalho conjunto com o sindicato dos trabalhadores/as técnicos/as administrativos em educação - SINTET-UFU, à época sob a coordenação do companheiro Mário Guimarães Júnior. Muito do que realizamos em termos de lutas eram realizações conjuntas, o que fortaleceu bastante o nosso trabalho. Vou destacar algumas dessas comissões. Uma luta importante que fizemos foi na “Comissão multidisciplinar especial de

acompanhamento das ações vinculadas à área do Campus Glória. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Portaria reitor (r642)”. Essa comissão, que teve a constituição aprovada no Conselho Universitário (CONSUN) e nomeada pelo reitor, tinha o objetivo de buscar solução para o problema de uma grande área da UFU, no perímetro urbano ter sido ocupada por pessoas em luta por moradia. Em toda comissão importante na UFU exigimos a presença das entidades representativas da UFU e em muitos casos conseguimos participação nas comissões. Como movimento sindical nosso objetivo era buscar garantir o direito dos/as ocupantes, uma vez que se tratava de um direito fundamental e envolvia aproximadamente 15 mil pessoas, sendo uma das maiores ocupações do Brasil. Permaneci nessa comissão de 2014 a 2017, com a realização de inúmeras reuniões, relatórios, participação de reuniões no Conselho Universitário, atividades na ocupação, buscando evitar o despejo das pessoas que ocupavam a área. Nosso trabalho era pressionar para que não fossem tomadas medidas contrárias aos ocupantes. Setores conservadores da UFU exigiam a desocupação e decisões judiciais determinaram a desocupação. Trabalhamos muito para evitar a desocupação, alertando para os riscos da universidade sujar suas mãos de sangue, numa eventual desocupação violenta. O movimento das trabalhadoras e trabalhadores se fez vitorioso e a partir de muita luta e negociações foi encontrada uma solução negociada e essas famílias conseguiram seus lotes. Foi uma honra lutar também no âmbito institucional pela garantia desse direito.

Outra comissão muito importante que participei foi a “Comissão de revisão da Resolução 04/2014”, instituída pela portaria do reitor (585) que gerou Resolução 04/2017, que normatiza a progressão na carreira docente, no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia. Atuei de forma firme e decidida, representando a ADUFU, para que a resolução que regulamenta a avaliação de desempenho no que se refere à Progressão, à Promoção e à Aceleração da Promoção nas Carreiras de Magistérios Superior e de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Pessoal Docente da Universidade Federal de Uberlândia, via avaliação de desempenho, pudesse considerar os diferentes percursos dos/as docentes. Essa não foi uma batalha fácil, mas tivemos vitórias nessa luta. Conseguimos inserir nessa resolução um equilíbrio entre a pontuação das atividades de extensão, pesquisa, gestão e ensino. Prevalecia na universidade uma resolução que valorizava muito mais a pesquisa que a extensão e essa equidade foi uma conquista. Esse memorial que hoje defendo é regulamentado por essa resolução. À época lutamos para que todas as professoras e

professores pudessem acessar esse degrau da carreira, porque afinal não é um novo concurso e sim um passo a mais já no fim da carreira. Insistimos muito para que não fossem criados obstáculos adicionais para quem já havia se dedicado por toda uma vida à universidade. Lutamos muito para que a resolução sobre progressão e promoção na carreira docente não fizesse retroativamente exigências que não haviam sido estabelecidas no curso da carreira docente. Lutamos contra uma visão elitista sobre o que é o professor Titular porque essa concepção de Titular foi retirada de um contexto de concurso para um cargo específico para se tornar apenas mais um degrau na nossa carreira. Conseguimos inserir na resolução a necessidade de consideração dos diferentes percursos acadêmicos, conforme art. 1º, inciso IV:

- a) Apresentação e defesa pública, presencial ou à distância, de Memorial que deve considerar a trajetória profissional contemplando as atividades de ensino, gestão, extensão ou pesquisa, da carreira docente em conformidade com o artigo 6º da portaria 982 de 03 de outubro de 2013. A avaliação do Memorial deve considerar os diferentes percursos acadêmicos, respeitando a atuação nos graus de licenciatura e bacharelado e os diferentes perfis docentes; ou
- b) Apresentação e defesa pública de tese acadêmica inédita presencial ou à distância, elaborada e defendida especificamente para a finalidade dessa promoção.

Apesar das vitórias que tivemos no processo de elaboração e aprovação dessa resolução, lamentavelmente, nem todos os percursos acadêmicos foram respeitados e tivemos professores e professoras da UFU que cumpriram todos os requisitos e mesmo assim tiveram seus memoriais reprovados, com exigência de produção na pesquisa que não consta na resolução que fala de um conjunto, que pode ter ou não a pesquisa. Foi o caso do nosso ex-reitor, que foi reprovado apesar da enorme contribuição que deu à nossa universidade em sua primeira apresentação do memorial e depois foi aprovado. Embora esses casos de reprovação tenham ocorrido, parece ter ficado restrito aos meses iniciais.

Apesar de ser bom poder chegar ao topo da carreira é ruim não ter mais horizonte de progressão. Precisamos pensar em alterações na lei da carreira para que nós docentes possamos ter uma carreira com um caminho para todo o nosso percurso profissional, não ficando estanques por um longo período. Eu e

muitos/muitas colegas, tivemos nosso percurso profissional estendido, por força das contrarreformas da previdência. Como a carreira se encontra hoje, além de outros problemas, fará com que docentes cheguem ao topo antes dos 40 anos, significando um período ainda maior de estagnação. Como militante do movimento sindical, tendo sido eleita em 2023 como Tesoureira da Regional Leste do ANDES-SN buscarei contribuir para a luta pela carreira docente, conforme as decisões de nossa categoria.

Uma outra comissão que participei com empenho foi a “**Comissão de Estudos sobre o Ponto Eletrônico**”, instituída pela Portaria do Reitor número 926. maio de 2017. As tensões nessa comissão foram grandes porque se tratava de uma recomendação pela implantação do ponto eletrônico para Técnicos Administrativos em Educação e o meu papel como representante da ADUFU, aliada das lutas da categoria e do SINTET-UFU era mostrar os equívocos da utilização dessa ferramenta de controle. Buscava também alertar a categoria docente de que seríamos a próxima categoria a sofrer esse tipo de interferência sobre nosso trabalho. Usamos todos os tipos de recursos para protelar a decisão. Um desses recursos foi realizar com a comissão um debate teórico sobre o tempo. A referência bibliográfica foi o texto do historiador inglês Edward Palmer Thompson, questionando a busca do controle do tempo da classe trabalhadora. Argumentamos ainda que:

Numa vertente neoliberal que pensa a diminuição do papel do Estado e das políticas públicas, como meio de maior acúmulo para a iniciativa privada, os/as servidores/as são apresentados/as como preguiçosos, descomprometidos, maus/más trabalhadores/as. Sabemos que em todas as categorias existem os maus profissionais. Mas se levarmos em contas sérias pesquisas científicas e levantamentos no interior da própria UFU, poderemos concluir que a grande maioria dos/as servidores/as públicos exercem bem seu papel, garantindo a presença do Estado e suas políticas para a população, apesar da falta de estímulos e condições, muitas vezes às custas de sacrifícios e investimento pessoal, inclusive arcando com custos de políticas, gastando parte de seus rendimentos.

Sendo assim, se as denúncias não procedem, não procede também o encaminhamento que as acompanha de instalação do ponto eletrônico por essa razão. A forma de controle da frequência e assiduidade do trabalho dos/as servidores/as da

UFU deve ser pensada a partir da natureza do trabalho na própria universidade, visando sempre o interesse público e maior eficiência e transparência no trabalho que aqui desenvolvemos. Não acreditamos, e os documentos analisados nos indicam claramente isso, que o controle eletrônico do ponto vai garantir essa maior eficiência. Ao contrário. Esse modelo já está ultrapassado pelas recentes discussões sobre as dinâmicas do mercado de trabalho. O modelo fordista está ultrapassado. (Relatório da Comissão, 2017)

Apesar de toda luta do SINTET-UFU e dos esforços da comissão, o ponto eletrônico foi implantado na UFU, sem apreciação do relatório da comissão. Certamente não tem contribuído para o aprimoramento dos serviços prestados à população, mas para tolher o/a trabalhador/a técnico/a administrativo em educação.

Após minha saída da presidência da ADUFU continuei participando das lutas da categoria, sempre que possível.



Fórum pelos Direitos e Liberdades Democráticas. São Paulo, fevereiro de 2019.

4.3. Gênero em disputa: as lutas feministas e o apoio à luta de LGBTQIAPN+

Eu demorei para entrar no movimento feminista. Os temas que apareciam como sendo feminista não tinham ligação com a minha realidade. Via pessoas dizendo que as mulheres tinham problema por ter que levar o filho ao inglês, natação, etc e via isso como algo de outra classe. Minha inserção política se deu por meio de grupos de juventude, cursinhos populares, partidos políticos e movimento sindical. Eu via muitas contradições. No curso de graduação eu tinha uma professora feminista e ela trazia reflexões muito importantes sobre a luta das mulheres. Um dia ela disse que não podia participar de um evento fora de Uberlândia porque não teria quem cuidasse do marido e dos filhos dela. Eu achei estranha e contraditória aquela posição. Assumi que não queria defender nenhuma ideia diferente do eu vivia. Tentei buscar coerência entre o que fazia e o que falava, embora eu saiba que é uma busca, e ninguém consegue o tempo todo. O feminismo também foi se modificando e incluindo temas mais próximos à vida da mulher trabalhadora e penso que foi nesse encontro, com um feminismo popular que eu me identifiquei e passei a militar.

Estando na ADUFU, uma das movimentações que fortalecemos foi a luta das mulheres de Uberlândia e região. Houve um crescimento da articulação das mulheres, de diferentes movimentos sociais e a passamos a organizar coletivamente o 8 de março, com todas as organizações de mulheres que se dispunham a participar. Realizamos as reuniões na sede da ADUFU, sempre com um bom lanche e uma boa acolhida. Reunião exclusiva de mulheres, com os homens podendo ser apoio nos atos. Foi polêmico mas bancamos essa decisão. E vimos que era importante ter o espaço só nosso pelo costume dos homens estarem sempre no comando até nos atos das mulheres eles buscavam essa liderança. Tivemos problemas com a decisão de não aceitar os homens nas reuniões, mas vimos que era importante, até para proteger mulheres em situação de violência, tendo caso de homens, maridos violentos tentarem participar das nossas reuniões, o que impediria a mulher de poder se expressar. Tivemos problemas também porque teve homem de esquerda que não aceitava não poder falar nos atos do 8 de março. Mantivemos nossas decisões e temos vencido esse debate por aqui.

O 8M mais representativo que já organizamos em Uberlândia, na minha avaliação, foi o de 2017. Reunidas na ADUFU, para preparar o 8M e como tomamos

conhecimento que o nome da principal praça de Uberlândia, homenageia Tubal Vilela, ex-prefeito da cidade, que matou a sua esposa Rosalina Buccironi, quando ela estava grávida, decidimos que, como mulheres em luta, não aceitaríamos que a praça mais importante de Uberlândia tivesse o nome de um feminicida. Assim, nos organizamos e, em 8 de março de 2017, rebatizamos a praça com o nome de Ismene Mendes. Ismene Mendes foi uma militante política, formada pela UFU no curso de Direito, advogada do trabalhadores rurais e morta durante a ditadura militar.¹⁵ Rebatizar a praça foi um ato simbólico muito importante. Homenageamos Ismene Mendes e lutamos pelo reconhecimento de sua trajetória. Ao mesmo tempo, no ato simbólico falamos o nome de dezenas de mulheres vítimas de feminicídio. Foi muito impactante. Apesar da força do movimento, que fez até o Google Maps reconhecer o novo nome da praça por um determinado período, a denominação do local continua oficialmente com o nome do feminicida.



Atividade de rebatismo da Praça Central de Uberlândia em homenagem à Ismene Mendes. Tenho a honra de estar nessa segunda foto.(8 de março/2017)

¹⁵ Para saber mais sobre a história de Ismene Mendes ver: RODRIGUES, Esther Faria. Ismene Mendes, presente! FERREIRA, J.S. & CARVALHO, G. O.S. **Feminismo das maiorias**. (orgs.) São Paulo: Usina Editorial, 2022.

Em 2018 fiquei muito abalada com o assassinato de Marielle Franco, assim como toda militância de esquerda no Brasil. Realizamos no dia seguinte um ato público na UFU, bem significativo. Participamos e ajudamos a organizar um ato e a Missa de Sétimo Dia. No mês de março, nas comemorações do Dia Internacional da Mulher, o nosso movimento 8M viabilizou um muro com o rosto de Marielle Franco. A obra do artista Cleiton Custódio Ferreira foi feita e inaugurada com bastante participação mas lamentavelmente foi imediatamente vandalizada. Refizemos essa obra algumas vezes, sempre desfeita, em geral na mesma noite. Tentamos fazer a arte na frente da UFU, em avenida de grande movimentação, mas não conseguimos autorização da administração da universidade. E por isso, o Mural foi feito nos fundos da UFU.



Atividades em homenagem a Marielle Franco.

Em função dos constantes ataques à obra e à memória de Marielle Franco, solicitamos à UFU para que pudéssemos refazer a obra dentro da universidade. Não tivemos autorização. Um aspecto importante: o rosto de Marielle foi desenhado ao lado da imagem do artista de Uberlândia, Grande Othelo. A arte de Grande Othelo nunca foi vandalizada.

Movimento 8m Uberlândia: é pela vida das mulheres!

9 de março de 2022

Ao Magnífico Reitor da Universidade Federal de Uberlândia

Valder Steffen Júnior

Ao cumprimentá-lo, vimos, em nome do movimento de mulheres de Uberlândia, participantes do movimento feminista e articuladas no coletivo 8M Unificado, informar que, em reunião realizada em 28 de fevereiro, definimos pela reativação do Mural em memória de Marielle Franco na lateral da UFU no Campus Santa Mônica. A obra do artista visual Cleiton Custódio Ferreira, que inclusive é formado pela UFU, foi elaborada em março de 2018. Entendemos que Marielle continua tendo morta e enterrada toda vez que estragam o mural construído em sua homenagem, bem como quando não se apura quem são os mandantes deste assassinato. Não aceitamos que continue assim e exigimos justiça por Marielle.

Já refizemos esse mural várias vezes e refaremos quantas vezes for necessário. Gostaríamos de contar com o apoio da reitoria da UFU na proteção do mural.

Compreendemos que a preservação da memória de uma mulher é uma reparação a todas e, nesse sentido, a universidade pública cumpre um papel social que também é seu.

Lembrar para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça. Marielle Franco, Presente! Hoje e Sempre!

Saudações Feministas,

Jorgetânia da Silva Ferreira

Movimento 8M Uberlândia

Não tivemos autorização da universidade. Alegaram ser necessário tramitar no Conselho Diretor. Outras homenagens como essas existem dentro da UFU, sem essa tramitação e que poderia favorecer um partido, conforme parecer da procuradoria:

g) do ponto de vista jurídico, a regularidade do consentimento da autoridade máxima desta

Universidade, quanto à utilização do patrimônio público para a finalidade proposta nos autos, fica

condicionada à discussão prévia da temática no colegiado competente, qual seja, o Conselho Diretor da

UFU, para que, uma vez respaldada por seus membros, seja editada norma específica sobre a matéria;

h) diante da notória relevância do nome de Marielle Franco , o que advém de seu engajamento e representatividade na defesa dos direitos das minorias e de outras pautas correlatas, que, em tese, podem ser vinculadas à atuação de candidato, partido político ou coligação, entende-se que eventual anuência da Administração Superior, para a criação do mural proposto, também pode esbarrar na legislação eleitoral, sobretudo em ano eleitoral, diante da conduta vedada pelo citado art. 73, inciso I, da Lei n. 9.504/97; e,

i) o alerta acerca de eventual desacato à legislação eleitoral é feito no sentido de que não se pode descartar a possibilidade de caracterização da conduta vedada. Porém, nota-se que tal matéria afeta à área de atuação do Ministério Público Eleitoral, órgão pelo qual, caso seja constatada alguma irregularidade, a questão poderá ser encaminhada à esfera competente, ou seja, a Justiça Eleitoral.(PARECER n. 00238/2022/PF/UFU/PFFUFUB/PGF/AGU, p. 6)

Tendo em vista essa resposta e o fato de que eu era candidata a deputada estadual em 2022 não pude dar continuidade a essa luta. Mas retomaremos em breve, para que a história de Marielle Franco não seja esquecida. E seguiremos perguntando e exigindo resposta sobre quem mandou matar Marielle e Anderson.

Em 2017 organizamos o III Seminário Estado e Educação Regional, em preparação para o III Seminário Nacional, com forte participação de estudantes, técnicas e técnicos administrativos em educação e docentes, de todas as redes de ensino. Esse evento foi muito importante porque conseguimos reunir representações da classe para pensar junto nossos projetos e sonhos para a educação. Contamos com a presença de lideranças dos movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra - MST, o Movimento dos trabalhadores e Trabalhadoras Sem Teto – MTST, os sindicatos de professores e professoras da rede estadual, o SindUte, o Grupo de União e Consciência Negra – Grucon, movimentos secundaristas de estudantes e o Diretório Central dos e das estudantes – DCE e o SINTET-UFU.



No trabalho à frente da ADUFU desenvolvemos parcerias com coletivos estudantis, Sintet- UFU e muitos movimentos sociais e populares. Um movimento que apoiamos e trabalhamos conjuntamente foi o movimento LGBTQIAPN+, especialmente com o apoio financeiro às paradas do orgulho LGBTQIAPN+. Criamos também uma comissão e propusemos à administração superior da UFU que fosse criada uma disciplina sobre Gênero e Sexualidade, como existe em outras universidades. Infelizmente não prosperou ainda mas a semente está plantada.



Atividades em defesa dos direitos da população LGBTQIAPN+.

4.4. Curso de Extensão e Livro sobre o Golpe de 2016

Um projeto de extensão que ajudei a construir e participei com entusiasmo foi: “O golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil”, que foi organizado no início de 2018 na UFU e ocorreu de em abril a julho do mesmo ano, sob a liderança impecável da professora Mara Regina do Nascimento, minha colega e amiga do Instituto de História. O curso foi um posicionamento firme em defesa da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e uma forma de resistência frente às tentativas de censura do governo federal à UnB, quanto à oferta de uma disciplina que tratava o impeachment como golpe do professor Luís Felipe Miguel, como de fato analisamos ter sido o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. O curso foi um enorme sucesso com mais de 500 pessoas inscritas e contou com o envolvimento na organização e mesas de debates de dezenas de docentes de várias unidades da UFU, técnicos/as administrativos em educação e convidados/as externos. Além de ter contribuído na formulação do projeto, participando das reuniões e decisões sobre o mesmo, tive o prazer de participar do curso contribuindo com duas mesas. Participei com muito orgulho da mesa de abertura no dia 07 de abril de 2018, junto com o professor Caio Navarro de Toledo e com a mediação do professor Antônio de Almeida da mesa: “O Golpe de 2016 e a democracia no Brasil”. Foi muito significativo e emocionante ver um auditório lotado para refletir sobre o que estava acontecendo no Brasil. A segunda mesa que tive o prazer de participar foi teve como título “Resistências” e buscava apresentar uma síntese das lutas que se deram contra o processo de golpe midiático, jurídico, parlamentar, empresarial contra a presidenta Dilma e contra o povo brasileiro. A mesa foi composta por mulheres e teve além de mim a professora Patrícia Trópia, a ativista Dandara Tonantzin (atualmente deputada federal pelo PT-MG) e foi mediada pela professora Maria do Socorro Militão, do Instituto de Filosofia da UFU. Foi um debate super importante por considerar as movimentações do campo popular, o papel das mulheres na resistência e como o movimento sindical se posicionou, erros e acertos.

A partir do término da realização do curso a coordenação do Projeto professora Mara Regina do Nascimento, professor Gilberto César de Noronha e professora Idalice Ribeiro Silva Lima, integrantes do Nephispo – Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política do Instituto de História da UFU, fizeram uma chamada

por email aos/às palestrantes do curso convidando-os/as para a publicação de um livro, com as contribuições do curso.

Nestes tempos em que ideias antidemocráticas, muitas das quais de contorno fascista, nos assombram, precisamos intensificar as nossas formas de participação política, de engajamento nas lutas e de direcionamento da resistência. O ato de escrever e de publicar é uma delas. Para isso, convidamos vocês, palestrantes e mediadores das mesas, para compor conosco um livro, em formato impresso e/ou e-book, que pretende reunir todos os textos das palestras ministradas no curso. (texto da professora Idalice, 15/01/2019).

A partir dessa chamada e com muito esforço da coordenação do projeto o livro foi publicado com 14 importantes artigos dos/as participantes do Curso, a apresentação primorosa de Gilberto César de Noronha, Idalice Ribeiro Silva Lima e Mara Regina do Nascimento, intitulada “O golpe de 2016 e a corrosão da democracia no Brasil”. Contribui com um capítulo, em co autoria com Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior, o segundo capítulo da obra intitulado: “O golpe de 2016 no Brasil: um projeto das elites contra o povo”.¹⁶ Foi uma experiência significativa na minha formação e atuação.

¹⁶ FERREIRA, J. & GUIMARÃES JÚNIOR, M.C. O golpe de 2016 no Brasil: um projeto das elites contra o povo. NORONHA, G.C. & LIMA, I.R.S. & NASCIMENTO, M.R. **O golpe de 2016 e a corrosão da democracia no Brasil**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2020.



Registros do Curso “O Golpe de 2016 e a democracia no Brasil”.

4.5. A vida com a pandemia e o Movimento Mães pela Vacina

Antes da pandemia já vivíamos grandes dificuldades com o golpe contra a presidenta Dilma, governo Temer e o mar de retrocessos nas políticas públicas. Depois com a eleição e posse de Bolsonaro a situação se agravou, tanto na vida material com desemprego, ausência de reposição da inflação no caso do serviço público federal entre muitas outras mazelas, além do crescimento das ideias e práticas conservadoras, com um cerco fechado ao trabalho docente, as artes, a produção científica, aos movimentos sociais, especialmente às mulheres e LGBTQIAPNA+.

Em 2020 vivemos como planeta a gravíssima pandemia da Covid 19, que ceifou a vida de 700 mil pessoas no Brasil, situação que foi mais grave por termos no governo Bolsonaro, que foi um governo irresponsável, anti-ciência e anti-vacina em

um momento de pandemia. Foi desesperador. Durante esse período, como professora efetiva da UFU pude me recolher na minha casa com minha filha e filho e ficamos de março de 2020 a agosto de 2021 dentro de casa. Vivemos tudo a partir da nossa casa, um apartamento no Bairro Santa Mônica em Uberlândia. Tempo de muito medo e inseguranças, de preocupações profundas com nossas próprias vidas. Como mãe e professora, procurei atuar para preservar a vida de minha filha e meu filho, acompanhar minha mãe e meu pai à distância, participar das ações de solidariedade para contribuir com as pessoas sem renda e buscar acompanhar os/as estudantes sobre a minha responsabilidade. Da experiência da rua, da vida imersa nas atividades fora de casa passei a viver completamente em casa. Senti que estava numa situação excepcional e que eu tinha um papel na minha família. Com todas as dificuldades, conseguimos organizar nossa casa e por aqui permanecemos por um longo período. Fazia pequenas saídas com máscara, quase que exclusivamente para algumas articulações políticas que não eram possíveis à distância. No início de 2021 nosso movimento se fortaleceu para lutar pelos direitos das crianças, adolescentes e famílias e das/dos profissionais da educação. O movimento nasceu porque eu e algumas amigas enfrentávamos problemas com as escolas particulares que pressionavam para o retorno às aulas presenciais, para garantir os seus interesses econômicos. Nos juntamos a profissionais da educação que lutavam para não ter que voltar às aulas presenciais sem vacina e proteção. Assim, o Movimento Mães pela Vacina se constituiu e foi uma articulação exitosa, realizando reuniões, carreatas, atos virtuais e presenciais (em menor número). Com a expressividade do movimento conseguimos um abaixo assinado com mais de cinco mil assinaturas pelo retorno às aulas de forma segura, ou seja, com vacina. A partir desse movimento e da acolhida da nossa proposta pela Defensoria em Uberlândia conseguimos na justiça a suspensão das aulas por 6 meses, tempo que coincidiu com o início da vacinação de profissionais da educação em Uberlândia. O movimento contribuiu para que o vírus não se proliferasse no pior momento da pandemia na cidade e foi fator de solidariedade e conforto entre as pessoas envolvidas. Além de Uberlândia o movimento se constituiu também na cidade de Patrocínio e Araguari, com as mesmas bandeiras de lutas.



Atividades diversas do Movimento Mães Pela Vacina.

4.6. Programa de Promoção da Educação em Culturas Populares em parceria com a Universidade- Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC-UFU)

De 2020 a 2023 meu trabalho de pesquisa e extensão ficou concentrado na coordenação do Programa, junto com o companheiro Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior. Tínhamos aprovado um projeto no ano anterior, resultado de amplas articulações e pactuações dentro da UFU e com movimentos sociais que foi contemplado por edital de emenda parlamentar da deputada Áurea Carolina. Com a pandemia passamos a executá-lo nas novas condições e com adequações. O programa reuniu diferentes pessoas e coletivos da UFU, em parceria com pessoas da comunidade externa e movimentos sociais, com o objetivo de ampliar o vínculo da universidade com a comunidade e movimentos sociais, produzir novos conhecimentos e metodologias, com vistas à superação das desigualdades e opressões e a valorização dos saberes e culturas populares. considerando as

dimensões de classe, raça, gênero, geração, deficiências, orientação sexual e identidade de gênero. O programa se efetivou durante a pandemia da Covid 19 e teve que alterar algumas ações e metodologias. O programa envolveu quatorze bolsistas, duas discentes voluntários, quatro docentes e um técnico administrativo da UFU e cinquenta membros da comunidade externa. Envolveu um público direto de 1000 pessoas e indireto de 5000.

4.6.1. Documentário “Mulheres Incríveis”

Uma das ações do programa Programa de Promoção da Educação em Culturas Populares em parceria com a Universidade foi a produção do documentário **Mulheres Incríveis**, que teve como objetivo apresentar e celebrar a vida de quinze mulheres, levantando questões sobre o cuidado com o outro, cuidado de si, suas lutas diárias, seus sonhos e conquistas. Frente a impossibilidade de reunir as mulheres, em função da pandemia, como estava previsto inicialmente no projeto, refizemos nossos caminhos e definimos pela produção do documentário com pesquisa sobre suas histórias de vida, primeira aproximação e depois entrevista com a diretora Nara Sbreebow. Sem dúvida essa foi uma ação muito importante do projeto porque aliou nossos conhecimentos da área de História com a experiência da produção do documentário e o resultado foi muito satisfatório. Além de valorizar e visibilizar a história de cada uma dessas mulheres, em geral trajetórias populares, com diferentes áreas de atuação, o processo de realização do documentário envolveu de forma direta as bolsistas do projeto, que puderam contribuir com a pesquisa, decupagem das entrevistas, reflexões sobre a produção de documentários, sendo uma experiência importante de formação.

O documentário foi produzido em formato de série, contendo quinze episódios, cada episódio retratando a vida de uma das mulheres. A produção executiva foi realizada por Lilia Carneiro, a produção dos conteúdos e decupagem dos vídeos foram feitas pelas estudantes estagiárias Aleska Trindade, Francine Raimundini, Glenda Silva, Isabela Bicalho, Laurianne Silva, Rúbia Aquino e Thamires Nascimento. O roteiro e a direção de cena e conteúdos foram feitos por Nara Sbreebow, enquanto Ana Terra ficou responsável pela edição da série. A produtora

responsável por todo o processo foi a Ekobé Filmes/Projeção e Imagem. A emissora TV Universitária de Uberlândia reproduziu os episódios no mês de março, em comemoração ao mês de lutas das mulheres, de segunda a sexta, o primeiro episódio foi exibido no dia 8 de março de 2022 e o último no dia 30 de março de 2022. Após o lançamento, os episódios foram disponibilizados na plataforma *YouTube*.

Divulgação da TV universitária do documentário **Mulheres Incríveis**



https://www.instagram.com/p/Ca18gQ2M_53/

Em dezembro de 2021, ainda com muitos cuidados, realizamos uma confraternização do Programa, com a presença de toda equipe do documentário com as nossas entrevistadas. Foi um acontecimento muito especial, com toda recepção preparada amorosamente, uma roda de conversa muito participativa e acolhedora.

Juntas assistimos o teaser¹⁷, que é o nome dado a uma apresentação prévia, algo próximo a um trailer. Foi muito emocionante para todas se verem na tela e ficamos felizes com o resultado do trabalho. A confraternização contou ainda com música ao vivo, na parte final.



Curtido por thallialimaa e outras 28 pessoas
tvu.uberlandia O primeiro episódio da série documental "Mulheres Incríveis" conta a história de Aleska Trindade, uma jovem, estudante de História da Universidade Federal de Uberlândia, pesquisadora, mulher negra e com deficiência. Ela fala sobre seus sonhos, desejos e dificuldades vivenciadas como uma mulher com deficiência. Não perca, é hoje, às 18h30, no canal 4.1.
Isabella Kelly 🌸🌸🌸🌸🌸 Darshón

1º Episódio. Disponível em:

<https://www.instagram.com/tv/Ca25vNds34K/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

https://www.youtube.com/watch?v=gNEI-W-D1Bg&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=2

¹⁷ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ufUJV4mM96U&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=1.



 Curtido por **jorgetaniaferreira** e outras **23** pessoas

tvu.uberlandia Mãe por adoção, Lillian Machado de Sá fala da relação com os filhos e do sentido intenso dessa relação, no episódio de hoje de "Mulheres Incríveis".

Como assistente social, ela relata seu incômodo com as injustiças desde a infância e como se constituiu como uma pessoa de lutas. Lillian ocupou, ao longo dos anos, diferentes espaços de destaque em Uberlândia e hoje atua como animadora de campanhas de doação de alimentos para as cozinhas comunitárias.

2º Episódio. Disponível em:

<https://www.instagram.com/tv/Ca5en56MjtJ/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

https://www.youtube.com/watch?v=EVjyCKWQoa4&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=3



 Curtido por **jorgetaniaferreira** e outras **14 pessoas** **tvu.uberlandia** No episódio de hoje de "Mulheres Incríveis" você acompanhará a história de Cida Machado, mulher trabalhadora do Assentamento Nova Tangará. Ela conta sobre a sua trajetória na luta pela reforma agrária e tantas outras lutas contra as desigualdades e opressões, apresentando-nos o sentido intenso de coletividade.

É hoje, às 18h30, na TV Universitária.

3º Episódio. Disponível em:

<https://www.instagram.com/tv/Ca-oHavJ79D/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

https://www.youtube.com/watch?v=lx-K4ey7GAw&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=4



 Curtido por **theneressa** e outras 4 pessoas

tvu.uberlandia Liderança indígena em Uberlândia, Kawany Tupinambá fala sobre sua trajetória de lutas no "Mulheres Incríveis" de hoje. Cacica dos povos indígenas na região e coordenadora da cozinha comunitária no Bairro Elisson Prietto/Glória, Kawany afirma que "lugar de índio é onde ele estiver". Não perca, às 18h30, no canal 4.1.

14 de março · Ver tradução

4º Episódio. Disponível em:

<https://www.instagram.com/tv/Cbl7ShPs7dL/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

https://www.youtube.com/watch?v=T9KIThar408&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=5



 Curtido por nara_sbreebow e outras 4 pessoas

tvu.uberlândia No quinto episódio de "Mulheres Incríveis", Maria Antônia traz um relato delicado de sua vida e do trabalho em casas desde os 8 anos, após perder os pais precocemente. Como Maria Antônia não teve a oportunidade de estudar quando criança, aprendeu a ler quando adulta. Ela relata os saberes do cotidiano que foram e são importantes na sua vivência. Confira na tela da TV Universitária, às 18h30.

5º Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CbTLn5fNPrE/>.

https://www.youtube.com/watch?v=aM40QVfKU6Q&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=6



 Curtido por nara_sbreebow e outras 5 pessoas

tvu.uberlandia Hoje, em "Mulheres Incríveis" você conhece a história de Leisa Aparecida, uma mulher de luta, trabalhadora da saúde e evangélica. Ela enfrentou o adoecimento mental e hoje se considera vencedora. Leisa ressalta a importância da ampliação de políticas públicas, especialmente na área da saúde e da necessidade de apoio, cuidado e rompimento com os preconceitos em relação à depressão. Assista às 18h30, na TV Universitária.

6° Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CbLgJVNNuaA/>

https://www.youtube.com/watch?v=TRpk8pFFFfI&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=7



5 curtidas

tvu.uberlandia Fatinha Ferreira, a personagem do episódio de hoje de "Mulheres Incríveis" é liderança em uma comunidade religiosa e professora aposentada da UFU. Ela fala sobre o seu engajamento em causas coletivas e com um outro mundo a ser construído, generoso e coletivo. Mulher com deficiência, acometida na infância pela poliomielite, Fatinha rompeu barreiras pessoalmente e nas lutas coletivas pelas pessoas com deficiência. Veja no canal 4.1, às 18h30.

7º Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CbOE53asWDm/>

https://www.youtube.com/watch?v=4ISiPeoEEN4&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=8

The image is a promotional graphic for an Instagram post. It features a circular portrait of Reverenda Myoden, a woman with a shaved head, smiling and wearing a blue jacket. The background is a light orange color with decorative floral patterns in the corners. In the top left corner, there are logos for 'CULTURA' (a cross) and 'tvu' (a circle with 'tvu' inside). The text 'Mulheres Incríveis' is written in a bold, dark brown font. Below it, the date '18/03' and the name 'Reverenda Myoden' are displayed in a white, sans-serif font. At the bottom left, it says 'Hoje, às 18h30, no canal 4.1.' in white text on a dark brown curved background. In the bottom right, there is a decorative floral icon.



 Curtido por **jorgetaniaferreira** e outras **3** pessoas

tvu.uberlandia O episódio de "Mulheres Incríveis" com a Reverenda Myoden é um convite a não desperdiçarmos a vida. Já na infância, ela já considerava que o racismo, hierarquias e desigualdades não eram aceitáveis. Frente aos desequilíbrios da vida, Myoden busca um caminho de encontro, meditação e de cuidado com todas as pessoas, com os animais e com a natureza. Assista essa lição de vida às 18h30, na TV Universitária.

8º Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CbQpu-JsCHW/>

https://www.youtube.com/watch?v=UekHPsO9xuk&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=9



 Curtido por **thaneressa** e outras 2 pessoas

tvu.uberlandia Hoje, em "Mulheres Incríveis", você vai conhecer a história de Antônia Rosa, rainha da Congadeira. Essa herança de sua mãe se traduz em uma forte presença ancestral em sua vida. O episódio conta a trajetória de Antonia na educação e na luta contra o racismo, bem como como ela concebe e vive a resistência. Antonia fala sobre como cuidar de todos os seres constitui uma pessoa feliz. Não percam às 18:30 canal 4.1

9º Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CbYYGipB-Gc/>

https://www.youtube.com/watch?v=UekHPsO9xuk&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=9



 Curtido por **orgetaniaferreira** e outras **11** pessoas

tvu.uberlandia Professora da UFU, atuante na extensão como tema central o combate à violência doméstica, essa é a personagem do "Mulheres Incríveis" de hoje, Neiva Flávia. As durezas da violência contra as mulheres fizeram com que compreendesse a importância do processo educativo e da sensibilização por meio das artes, para a transformação da realidade. Neste contexto, Flávia luta pela preservação da memória, especialmente das vítimas de violência. Conheça essa trajetória às 18h30, na TV Universitária.

9º Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CbYYGipB-Gc/>

https://www.youtube.com/watch?v=UekHPsO9xuk&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=9



← Watch



Mulheres Incríveis: Olenir Mendes

Descrição

 A convidada de hoje da série "Mulheres Incríveis" é Olenir Mendes, professora na UFU, militante feminista e atuante no Centro de Estudos Bíblicos.

 Sua trajetória é ligada às lutas populares, com grande importância em sua vida, com destaque ao rebatismo da praça central de Uberlândia em homenagem à Ismene Mendes. Olenir fala de cuidado e da fortaleza da amizade entre as mulheres.

 Conheça: @olenirmariamendes

#FeminismodasMajorias #MulheresIncríveis #8M
#Mulheres #Feminismo



  15

1 compartilhamento • 85 visualizações



10º Episódio. https://www.instagram.com/tv/Cba85HtM_Hp/

https://www.youtube.com/watch?v=1rAUN90cjnc&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=11



 Curtido por **jorgetaniaferreira** e **outras 3 pessoas**
tvu.uberlandia Maria Bertolino, convidada do episódio de "Mulheres Incríveis" de hoje, é mãe atípica do Miguel e fala do seu desejo de estar nos lugares sem precisar explicar, sem as marcas do preconceito e sem a exclusão das pessoas com deficiência. Veja essa história de maternidade e resistência às 18h30, na tela da TV Universitária.

11º Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Cbdhtn9hFRx/>

https://www.youtube.com/watch?v=W3-JR2LZv4E&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=12

← Publicações



 Curtido por **jorgetaniaferreira** e outras 5 pessoas

tvu.uberlândia Mulher destemida, Maria Conceição é migrante, natural do Crato no Ceará, viveu 22 anos em São Paulo e está em Uberlândia há 32 anos. Foi líder da Associação de Diaristas e, nesse episódio, Conceição fala sobre os saberes das mulheres, defendendo que toda área tem uma técnica, inclusive ao lavar e passar. Além de ser artesã e escritora com livros publicados. Veja mais sobre Conceição hoje, às 18h30, no canal 4.1.

11º Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Cbdhtn9hFRx/>

https://www.youtube.com/watch?v=W3-JR2LZv4E&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=12



4 curtidas

tvu.uberlandia O episódio de "Mulheres Incríveis" de hoje é sobre a trajetória de Wilminha de Jesus, militante política desde 1983. Ela conta sobre o seu encantamento com as lutas, desde a adolescência, em tempos de ditadura. Assista, às 18h30, na TV Universitária (TV Cultura).

12º Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CbgGg1IMWnQ/>

https://www.youtube.com/watch?v=AOsJ06xz7n8&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=13



 Curtido por **jorgetaniaferreira** e outras **3** pessoas

tvu.uberlandia Maria Bertolino, convidada do episódio de "Mulheres Incríveis" de hoje, é mãe atípica do Miguel e fala do seu desejo de estar nos lugares sem precisar explicar, sem as marcas do preconceito e sem a exclusão das pessoas com deficiência. Veja essa história de maternidade e resistência às 18h30, na tela da TV Universitária.

13º Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CbirVEmNWJJ/>

https://www.youtube.com/watch?v=mD8lfia67i0&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=14



 Curtido por **gorgetaniaferreira** e **1 outra pessoa**

tvu.uberlandia Hoje, Rudinalva Trindade, conhecida como Beth, nos apresenta uma história marcada pelo cuidado com outras pessoas. Durante a pandemia, Beth e sua família foram contaminados pela de Covid-19 e ela ficou em estado grave. Ela conta sobre o medo de não resistir e deixar seu filho e sua filha, que é uma pessoa com deficiência, desprotegidos. Assista a mais um episódio, às 18h30, no canal 4.1.

14º Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CbqZt1HNAIW/>

https://www.youtube.com/watch?v=pInGPDPT6Gc&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=15

Mulheres Incríveis

28/03
Maria Bertolino

Hoje, às 18h30,
no canal 4.1.



 Curtido por **jorgetaniaferreira** e outras **3** pessoas

tvu.uberlandia Maria Bertolino, convidada do episódio de "Mulheres Incríveis" de hoje, é mãe atípica do Miguel e fala do seu desejo de estar nos lugares sem precisar explicar, sem as marcas do preconceito e sem a exclusão das pessoas com deficiência. Veja essa história de maternidade e resistência às 18h30, na tela da TV Universitária.

15º Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Cbs-al-hhms/>

https://www.youtube.com/watch?v=FygRwsXW6Qg&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvK&index=16



 Curtido por **orgetaniaferreira** e outras 5 pessoas

tvu.uberlandia No último episódio de "Mulheres Incríveis", Terezinha Ferreira Pensa numa mulher incrível? Aí está! Terezinha da Costura. Mulher negra, trabalhadora, mãe de muitas, gosta de cuidar. Está sempre pronta a ajudar. Foi vereadora do PT em Monte Alegre (2008-2012). Ela nos conta de sua trajetória, de suas lutas! Imperdível!

16º Episódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CbvjTITsKeX/>

https://www.youtube.com/watch?v=7QbaJCaScuo&list=PLFd7IBsi7GX5z6deJgyig_1ni5x1jpvrK&index=17

4.6.2. Publicação de livros

Tendo em vista as dificuldades de implementação de algumas ações extensionistas durante a pandemia, decidimos direcionar parte dos esforços do Programa para a produção de livros, que eram viáveis de serem organizados de

forma remota. Assim o programa conseguiu viabilizar a produção de quatro livros. Eu fiquei com a organização de um, o companheiro Mário Júnior de outro. Os outros dois ficaram a cargo de colaboradoras no Programa, com o nosso apoio.

4.6.2.1. Feminismo das Maiorias

Buscando refletir sobre um feminismo popular, reunimos um time e tivemos a grande conquista de publicar esse livro, organizado em parceria com Gabriela Orsi, estudante de jornalismo. Contando com a contribuição preciosa das autoras, com reflexões atualizadas, contundentes e importantes, o livro tem ainda o mérito de propiciar que as estudantes bolsistas do programa pudessem participar do prazer da escrita do livro.

Celebro, na apresentação a alegria de organizar um livro em meio ao caos da pandemia da Covid 19, vivendo num país com o governo genocida de Bolsonaro e seus representantes, em meio às dificuldades com o ensino remoto, acúmulo de trabalho doméstico e às funções maternas. A organização do livro e a leitura dos capítulos das autoras reforçou em mim a certeza de que não tem saída para o país que não passe pela consideração da cultura popular e do papel das mulheres, tão relegadas e tão necessárias.

Organizamos esse livro para falar sobre o feminismo que acreditamos, um feminismo que precisa ser das maiorias. A descolonização da produção acadêmica implica em falarmos sobre nós, aqui do lado de baixo do Equador, sem necessidade de partir dos homens brancos e privilegiados do lado de cima. Eles querem, mas não nos definem.

E para compartilhar o pensamento e experiências dessa diversidade de mulheres reunimos um time maravilhoso! Temos nesta obra 25 capítulos, escritos por 33 autoras, 2 organizadoras, 1 ilustradora, 1 diagramador, 2 revisoras e mais um time grande de apoio. Somos mulheres feministas, jovens e velhas, de diferentes áreas de conhecimento, mulheres acadêmicas, cristãs, candomblecistas, ateias, agnósticas. Aqui tem muitas mães, artistas, estudantes, professoras, vereadoras. Somos brancas, indígena, pretas. Temos mulheres com deficiência. Somos muitas e aliadas, apostando no feminismo que reconhece e abre espaço para a diversidade, sem ignorar as desigualdades e opressões entre as mulheres. (FERREIRA, J. 2022, p.)

Nosso livro tem recebido muitos elogios. Desde a beleza da capa, com a ilustração de Luiza Guedes e arte de Eduardo Warpechowski, passando pelos preciosos 25 capítulos, escrito por mulheres, refletindo sobre a importância de um feminismo que articule o debate das desigualdades e opressões. Fizemos diversos lançamentos, sendo o primeiro deles presencial em junho de 2022. Depois realizamos novamente em Belo Horizonte e temos levado a “palavra do feminismo das maiorias para diversos espaços escolares e algumas cidades como Uberaba, Patrocínio, Campina Verde, Patos de Minas, entre outras. Em 2023 fizemos um lançamento virtual, organizado pela Usina Editorial.



Registros de alguns dos nossos lançamentos do Feminismo das Maiorias



Feminismo das Maiorias



Feminismo das Maiorias

- Alexis Trindade Lima, Geila Oliveira Altamirand
- Alina Lucia de Paula, Luis Di Bello, Caetano Rajakaly
- Ana Flávia dos Reis Santos, Leana, Bárbara Rodrigues Soares
- Araceli Buarque Romboim, Lucimara Leite Silva
- Bianca Soares de O. Gonçalves, Leonardo Domingos Silvêrio
- Bruno Andréia Lima, Ulisses Cirino Vieira
- Carrolli Constantina, Melissa Ketzinoff
- Cida Felicidade, Maria Elizabeth Ribeiro Carmelo
- Claudia Maia, Mônica Benício de Oliveira
- Elaine Fátima Rodrigues, Myrta Barandas
- Fernanda Cristina dos Santos, Marcelina Ferreira Lasi
- Franísca Crislina de A. Rajmundini, Olívia Maria Mourão
- Gláucia S. G. Silva, Raimunda Pires Dias
- Isadira Barros, Rafaela Cyrino
- Isis Valéria Inácia Borges, Ribba, Zuleia Scarpim Aguiar
- Isis Almeida, Tânia Fernanda Faiveri
- Isis Leontinas, Thainha Luana S. Nascimento
- Jakelyne Milani



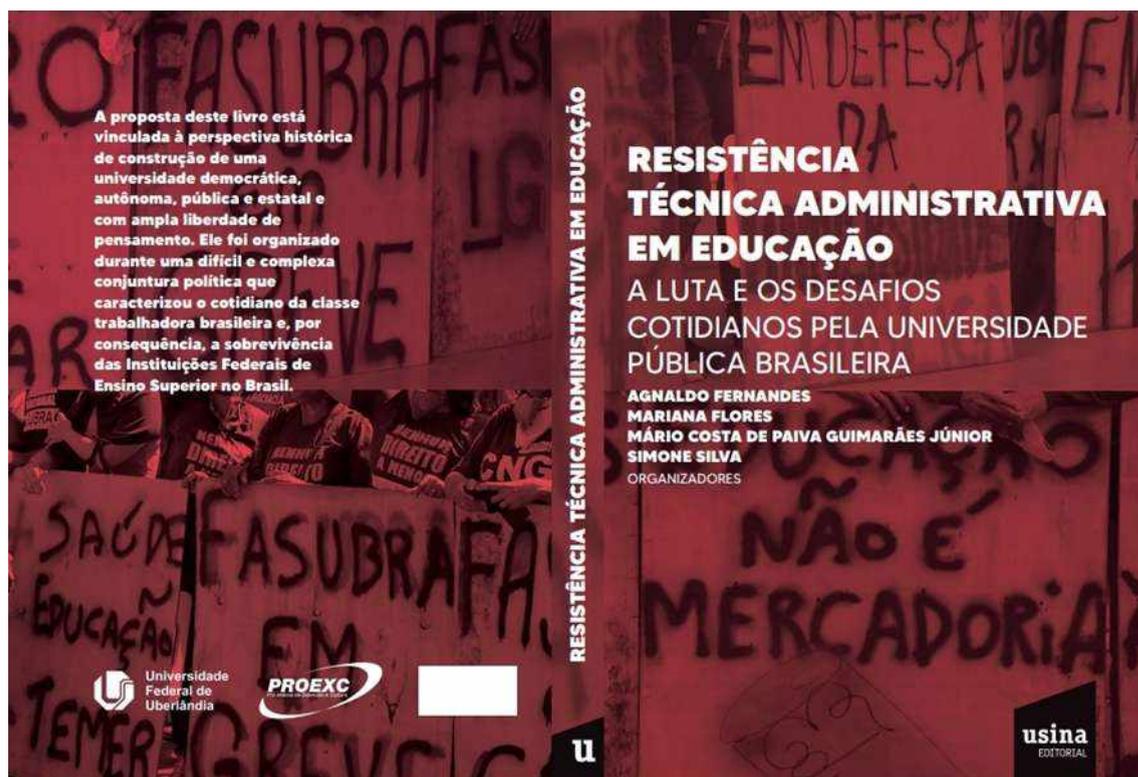
Goatânia da Silva Jaraçá
Gabriela Oasi Santos de Carvalho
Organizadoras

usina
LITERÁRIA



4.6.2.1. Resistência Técnica Administrativa em Educação

O programa produziu um livro elaborado por Técnicos/as Administrativos em Educação. O livro propõe divulgar as pesquisas e as concepções de Universidade Pública refletidas por trabalhadoras Técnicas e Técnicos Administrativos em Educação das Instituições Federais de Ensino Superior do Brasil; contribuindo assim para a necessária superação da disjuntiva entre o pensar e o fazer, na superação dessa divisão retrógrada que ainda é vigente no imaginário das comunidades acadêmicas. O livro intitulado “Resistência Técnica Administrativa em Educação: a luta e os desafios cotidianos pela universidade pública brasileira” foi organizado por Agnaldo Fernandes, Mariana Flores, Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior e Simone Silva. Foi publicado em Janeiro de 2022 pela Editora Usina Editorial e contou com a colaboração direta de 14 Técnicas e Técnicos Administrativos em Educação de 8 Instituições Federais de Ensino Superior do Brasil. Pela importância da produção das e dos técnicos administrativos em educação e pelo preconceito e violência vividos por essa categoria nas universidades, vistos como aqueles e aquelas que devem criar as condições para os/as docentes pensarem, considero essa produção do programa uma das mais significativas e foi uma alegria contribuir para que essa obra se viabilizasse.



4.6.2.3. Soberania e Segurança Alimentar: alimentos que nascem na periferia pelas mãos de agricultoras urbanas do entorno de Belo Horizonte

A triste realidade da volta do Brasil ao mapa da fome, fruto das graves crises política, social, econômica e sanitária da pandemia de Covid-19, tem como consequência quase 20 milhões de brasileiros/as sem ter o que comer, disputando os restos de alimentos com animais não humanos em lixões. A insegurança alimentar a que estão submetidas milhões de pessoas em nosso país, traz tristeza e desespero, especialmente às mães, que não têm comida para oferecer aos seus filhos e filhas. A situação é mais dramática ainda se levarmos em conta os recortes de raça, sendo as mulheres negras que cuidam sozinhas de suas famílias e as pessoas em situação de vulnerabilidade como as crianças e pessoas idosas. A negação absoluta do direito humano mais básico e elementar traz urgentemente à tona a necessidade do debate deste tema, da luta pela sua inclusão na agenda pública e do quanto as ações concretas dos movimentos sociais, associações e iniciativas das comunidades são necessárias neste momento, como expressão de

solidariedade como forma de transformar ou atenuar esta realidade nos territórios onde atuam.

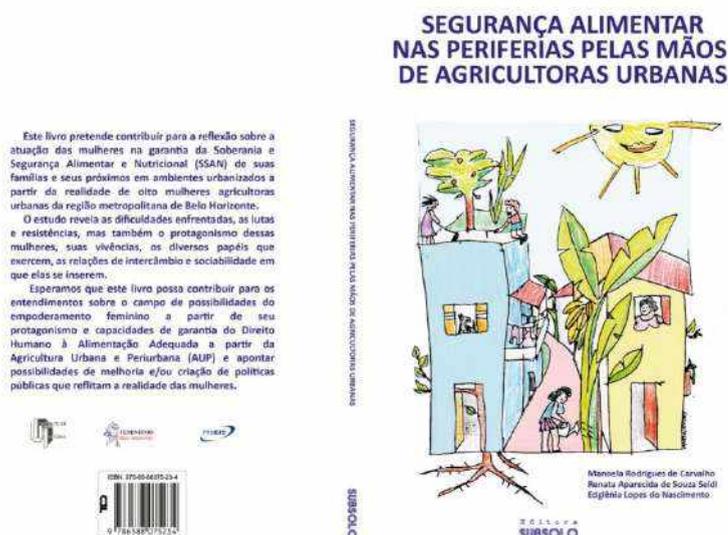
Foi nesse contexto que escolhemos este como um dos livros do Programa de Promoção da Educação em Culturas Populares, **“Soberania e Segurança Alimentar: alimentos que nascem na periferia pelas mãos de agricultoras urbanas do entorno de Belo Horizonte”** traz uma abordagem precisa, rica e contextualizada da fome no Brasil, trazendo para o centro do debate um tema da maior importância. A situação é gravíssima quando acompanhamos pessoas desmaiando em filas por falta de alimentos e a desnutrição crescendo assustadoramente. Ao explicitar o problema, aponta a necessidade de políticas públicas para fazer frente a essa devastação causada pelas políticas regressistas do governo de Jair Bolsonaro e seus representantes nas instâncias estaduais e municipais.

Frente às durezas do contexto, o livro traz a rica experiência das mulheres agricultoras urbanas, que enfrentam com coragem e ousadia o contexto em que vivem. Em contraste ao cenário avassalador de fome e pobreza extrema, as autoras contam de maneira brilhante a experiência de oito mulheres, de diferentes municípios da região metropolitana de Belo Horizonte, que cultivam alimentos e plantas medicinais em pequenos quintais ou em hortas comunitárias, de forma individual ou coletiva, formando redes de solidariedade e, a partir dessa produção de alimentos, vão alterando seu entorno, a partir da recuperação de saberes e cultura populares.

Essas mulheres das Minas Gerais nos dão o fio dos caminhos para as transformações que o Brasil precisa. Recuperar os saberes populares, ancestrais, fortalecer a solidariedade da classe trabalhadora, o sentido de coletividade presentes em nossa cultura popular com práticas de partilha e mutirões, que são o oposto dos projetos de fome e expropriação que as elites praticam no Brasil. Essas questões foram abordadas na apresentação do livro, feitas por mim e o companheiro Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior, na apresentação do livro¹⁸.

¹⁸ FERREIRA, Jorgetânia da Silva Ferreira & GUIMARÃES JÚNIOR, Mário Costa de Paiva. Apresentação. CARVALHO, Manoela Rodrigues de; SEIDL, Renata Aparecida de Souza; NASCIMENTO., Edglênia Lopes do. **Segurança alimentar nas periferias pelas mãos de agricultoras urbanas**. 1a ed. Uberlândia, Minas Gerais: Editora Subsolo, 2021.

Essas experiências que Manoela Rodrigues de Carvalho, Renata Aparecida de Souza Seidl e Edglênia Lopes do Nascimento nos trouxeram, a partir do diálogo e produção coletiva entre mulheres nos parece ser uma inspiração fundamental para as pessoas que lutam contra todas as desigualdades e opressões e consideram inaceitável que haja fome num país rico como o Brasil, com tantos recursos e tanta produção de alimentos. Esperamos que a experiência destas mulheres agricultoras urbanas da região metropolitana de Belo Horizonte sejam farol para muitas outras mulheres e comunidades. Se é preciso, por um lado, exigir políticas públicas para a garantia de direitos, especialmente o direito humano à alimentação, por outro lado é preciso que a participação popular nos processos de construção dessas políticas, apontando modos de vida que destoam da lógica de produção para o lucro e afirmam o direito a uma vida boa para todas as pessoas, onde a soberania alimentar cumpre um papel destacado. Temos o direito de comer, plantar, cozinhar e bem viver!



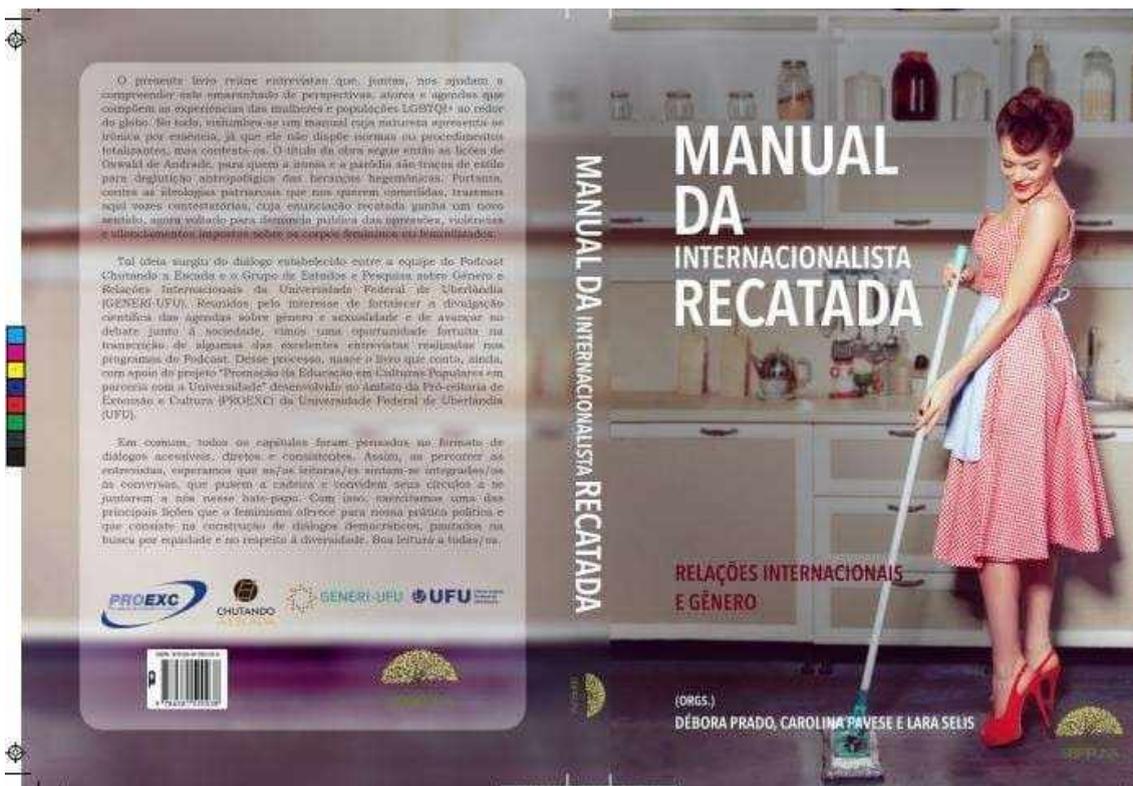
4.6.2.4. Manual da Internacionalista Recatada

O presente livro é uma contribuição das organizadoras e autoras ao debate dos feminismos, gênero e sexualidade no campo de estudo de Relações Internacionais, e traz questões fundamentais para a compreensão das dinâmicas políticas nacionais e internacionais. A proposta do livro surgiu do diálogo

estabelecido entre a equipe do Podcast Chutando a Escada e o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Gênero e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (GENERI-UFU). O presente livro reúne onze episódios do quadro “Elas Chutando a Escada”, nos quais ativistas e pesquisadoras brasileiras do campo da Ciência Política e das Relações Internacionais analisam experiências de mulheres e populações LGBTQI+ ao redor do globo. O livro é composto da transcrição de episódios, seguidos de uma introdução inédita escrita pelas entrevistadas, com sugestões de leitura, visando o aprofundamento do debate. As organizadoras conseguiram realizar um trabalho de grande relevância, ao mesmo tempo acessível e consistente. Como coordenadora do programa fui estimuladora e apoiadora do projeto que resultou no livro e buscamos viabilizar as condições para que o mesmo pudesse ser publicado. Posteriormente participei da live de lançamento do livro, em maio de 2022.

A live de lançamento está disponível online:

<https://www.youtube.com/watch?v=17dB3kQFFqM>



4.7. Comunicação Popular: Mídia Ninja e Esquerda Online

Na presidência da ADUFU passei a ter contato com a Mídia Ninja e começamos a desenvolver algumas parcerias. Em 2017 fui participar de uma atividade na Casa da Mídia Ninja, no Rio de Janeiro, e a partir daí comecei um trabalho como colunista, por entender a importância de uma comunicação popular, que dialoga com setores mais amplos do que o público do movimento sindical e da universidade. Já são seis anos como colunista e tenho contribuído com diversos temas, seja discutindo temáticas da minha área de formação/atuação, seja utilizando o espaço para denúncias, como no caso do assassinato de João Batista em Araguari-MG, na véspera do segundo turno em 2023.

Era para ser um dia alegre mas foi só tristeza. João Batista Cardoso, estudante do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, artista, servidor público, LGBTQIA+, foi morto em um bar em 29/10, na cidade de Araguari-MG



São várias dezenas de textos que podem ser acessados na minha página na Mídia Ninja: <https://midianinja.org/jorgetaniaferreira/>. A postagem também ocorria no Instagram e Facebook, aumentando bastante o alcance das publicações.

1. “Não somos cortina de fumaça!”, 08 de janeiro de 2019
2. “Marcelo Yuka: a voz pela paz sem medo”, 28 de janeiro de 2019
3. “Vai pra Cuba!”, 24 de fevereiro de 2019
4. “As mulheres e o amor”, 10 de março de 2019
5. “Para um feliz dia das mães”, 12 de maio de 2019
6. “Tenho depressão, quem não?”, 04 de julho de 2019
7. “Estudante-se! Sobre os ataques às universidades e os cortes de recursos na UFU”, 20 de agosto de 2019
8. “Somos todas domésticas?” 19 de fevereiro de 2020
9. “Enfrentar o Covid-19 como uma mulher” 02 de abril de 2020
10. “Zema, não é hora de retornar às aulas!” 14 de abril de 2020
11. “Justiça por Mariana Ferrer: de que lado você está? Da vítima ou do estuprador?” 09 de novembro de 2020
12. “São Paulo merece Erundina” 28 de novembro de 2020
13. “Amanhecer e anoitecer por Marielle” 08 de dezembro de 2020

14. “Carta de Natal a Jesus, a Mãe e a Madalena” 24 de dezembro de 2020
15. “Manifesto das mães contra a volta às aulas presenciais em Uberlândia” 15 de janeiro de 2020
16. “É fake que professor/a não quer trabalhar” - 01 de maio de 2020
17. “Mães: vacina, respeito, verdade e misericórdia” 09 de maio de 2021
18. Assistam Valentina: a força do interior de Minas trans. 16/09/2021
19. “Tu é minha empregada” sobre o lugar da mulher negra e periférica na sociedade brasileira. 25/10/2021
20. “Sem servidoras/es não tem serviço público! Não à PEC 32!” 02/11/2021
21. Por um Feliz Ano Novo. 03/01/2022.

Além da coluna na Mídia Ninja sou colaboradora no Portal Esquerda Online e foi por lá que publicamos outra denúncia muito importante, sobre a prisão de Gabriel Pimentel, que é professor de História e tinha sido meu aluno.

1. Liberdade para Gabriel – 31/03/2019

Liberdade para Gabriel

Jorgetânia Ferreira*, de Uberlândia, MG

Publicado em: 31/03/2019 05h32



<https://esquerdaonline.com.br/2019/03/31/liberdade-para-gabriel/>

2. Uberlândia merece outra política. Vem ser semente com a gente! 01/09/2020
3. Casa não é escola e a mãe não é a professora - 16 de junho de 2020

Assim uso esse espaço na Mídia Ninja e Esquerda Online buscando contribuir para que os temas que debatemos nos movimentos sociais, nossas pautas e nossas lutas, nossos estudos e pesquisas não fiquem circunscritos aos nossos espaços, na chamada “bolha”. Evidentemente que não é uma tarefa fácil, uma vez que as redes sociais não são neutras e tem os temas que geram maior ou menor engajamento, dependendo se é mais favorável a manutenção do status quo. Essa também é minha perspectiva na utilização de minhas redes sociais, que têm crescido pelo impulso das campanhas eleitorais, nas quais tem um papel importante. Entretanto, o chamado algoritmo não gosta. Especialmente o Instagram surgiu com a ideia de ser uma rede mais leve e engaja mais a dancinha, o gatinho, a vida pessoal. Eu até tenho gatos e são tão fofos que às vezes posto. Mas não tenho condições e nem vontade de atender a todas as suas exigências. Em plena pandemia da Covid 19, por exemplo, lideranças de esquerda faziam dancinhas no Instagram para tentar driblar o algoritmo. Era algo que estava acima do que considerava razoável para mim.

4.8. Lá vem mulher: coragem pra lutar e amor pra cuidar

Pois as ferramentas do mestre não irão dismantelar a casa do mestre. Elas podem nos permitir temporariamente a ganhar dele em seu jogo, mas elas nunca vão nos possibilitar a causar mudança genuína. E este fato é somente ameaçador àquelas mulheres que ainda definem a casa do mestre como a única fonte de apoio delas. Audre Lorde

É com essa citação de Audre Lorde que abro a apresentação do Livro “Feminismo das Maiorias”, com o título, Lá vem Mulheres: por um feminismo das maiorias. Essa é a minha preocupação no momento: a não utilização das mesmas armas dos dominadores, na busca da transformação. O risco do deslumbramento das lideranças que se propõe à modificação e acabam por reproduzir práticas de dominação no interior dos movimentos e do campo progressista são preocupantes por acaba por produzir o desencantamento com a participação política. Sabemos o

que a negação da política tem produzido. Me valho dessa reflexão para refletir sobre minha militância política de forma ampliada e a militância política partidária e eleitoral. Foi por meio da inserção política que encontrei um sentido para a minha vida, um espaço para enfrentar as mazelas da sociedade que vivemos. Para a vida que eu escolhi a política não foi um problema, um obstáculo mas um caminho. Além de militar em muitos movimentos desde a adolescência, fui militante do PT muitos anos e me filiei ao PSOL em 2017, sendo candidata a deputada federal em 2018, vereadora em 2020, e deputada estadual em 2022.

Desde o ingresso na universidade acompanho um debate sobre o historiador/a e o/a militante, sendo o/a militante visto de forma depreciativa. não me sinto prejudicada por ser militante. Eu tentei ser uma militante que assiste aula, lê textos e busca conciliar a militância com as outras dimensões da vida. Sei que a militância tem um espaço grande na minha vida e o momento atual é de reflexão sobre como deve se dar essa combinação daqui para frente. Sigo considerando essencial travar batalhas pelas mudanças sociais, tanto nos movimentos sociais quanto na produção do conhecimento histórico. Junto com o companheiro Mário Guimarães Junior escrevi um artigo sobre história e militância, que foi publicado pela Revista Universidade e Sociedade.¹⁹

Política é a forma como organizamos a vida em sociedade. Tudo é política. Na sociedade que vivemos, marcada por desigualdades e opressões, nossas vidas têm marcas da nossa origem, de classe, raça, gênero, geração, religiosidade, deficiências, orientação sexual, territórios entre outras. Na sociedade brasileira o poder está distribuído de forma desigual e mulheres, pobres, negros e negras, indígenas, pessoas com deficiência, LGBTQIAPN+ temos ficado com os espaços menos valorizados, menos remunerados. A política institucional tem sido espaço “natural” dos homens ricos, brancos, endinheirados, escolarizados, velhos. É nesse contexto que ousei ocupar uma vaga na política institucional, concorrendo pelo Partido Socialismo e Liberdade – PSOL nas três últimas eleições.

Participar da política é um poder e um prazer. Infelizmente, a maioria de nós mulheres, temos ficado fora dessa festa, tanto da política institucional quanto das

¹⁹ FERREIRA, J. S. & GUIMARÃES JUNIOR, M. C. P. História e militância: uma compatibilidade prática e metodológica. **UNIVERSIDADE E SOCIEDADE** (BRASÍLIA), v.XXX, p.188 - 199, 2020.

decisões que impactam a nossa vida no cotidiano. Difícil falar de participação política e cidadania num país em que 33 milhões de pessoas passam fome e 125 milhões de pessoas convivem com algum grau de insegurança alimentar. Como avançar na participação política se nem a sobrevivência está garantida? Falta moradia, trabalho digno, acesso à saúde, acesso à cultura e lazer. Como falar de liberdade e democracia quando nosso direito mais básico de viver está ameaçado pela violência política, pela violência de gênero e pelo feminicídio? Quando piora as condições de vida, quando falta emprego, moradia, políticas de saúde, educação e assistência piora ainda mais a vida das mulheres porque o cuidado recai sobre nós, as mulheres. Se temos que trabalhar mais horas dentro e fora de casa, gastar mais tempo com a produção da vida material, tudo isso vai pesar mais sobre o corpo das mulheres porque somos nós que fomos historicamente responsabilizadas pelo cuidado. Se nossa situação já era difícil, com a pandemia, com o governo Bolsonaro ficou mais difícil ainda. O acúmulo das tarefas domésticas, carestia, concentração do cuidado em casa pela impossibilidade de acessar os serviços de saúde, creches e escolas, sobrou ainda mais trabalho para as mulheres. Ainda entre as mulheres há uma desigual distribuição de tarefas, as mais difíceis, mais pesadas, perigosas e menos valorizadas ficam com as mulheres negras, as mães, as sozinhas, as velhas, responsabilizadas pelo cuidado com as de crianças, de pessoas adoecidas, de pessoas com deficiência, afinal os homens somem, especialmente quando são pais crianças com deficiência, mas as mães ficam.

Para que nós, mulheres da classe trabalhadora, tenhamos alguma condição de falar em participação política é preciso que sejam criadas e ampliadas políticas que garantam direitos. É preciso que sejam criados restaurantes populares, educação em tempo integral, especialmente na educação infantil e fundamental, políticas de subsídio para eletrodomésticos como máquinas de lavar roupa, equipamentos públicos como lavanderias públicas comunitárias. Essas medidas são condições mínimas para que possamos ocupar os espaços de poder. Porque se é verdade que nós mulheres avançamos para espaços historicamente ocupados por homens, infelizmente os homens não fizeram igual movimento para as tarefas

historicamente realizadas pelas mulheres, gerando esgotamento, devido a sobrecarga de trabalho físico e emocional.²⁰

A partir do reconhecimento das dificuldades para a plena participação política das mulheres, devido a desigual distribuição do trabalho doméstico e dos cuidados e reconhecendo ainda que, apesar da nossa justa demanda pela equitativa divisão desses encargos com os homens, cientes de que essa mudança não se dá de uma hora para outra porque exige uma incidência na cultura da população e isso não se faz sem luta, protestos, políticas públicas, especialmente na educação, passei a defender ações governamentais que podem parecer conservadoras. Eu me explico. Sempre fui contra, por exemplo, dar de presente para as mulheres eletrodomésticos. Continuo considerando que esses são artigos do conjunto da família. Entretanto é preciso reconhecer que esse trabalho tem sido concentrado nas mulheres, nas mães, nas velhas. Assim é preciso reconhecer que a presença de alguns eletrodomésticos pode melhorar a vida das mulheres, porque somos nós que somos responsabilizadas e, na maioria das vezes, realizamos os serviços domésticos e os cuidados.

Pensando nisso elaborei um documento com algumas sugestões para o governo Lula, quando do período de transição:

Uberlândia, 04 de dezembro de 2022.

Ao Grupo Técnico do Trabalho da Equipe de Transição

Att. Professora Dra. Patrícia Vieira Trópia

Prezados/as,

Ao cumprimentá-las/lós venho por meio desta carta sugerir algumas ações emergenciais com vistas à garantia dos direitos

²⁰ Apresentei algumas reflexões sobre o cuidado no SEMINÁRIO EFEITOS DE GÊNERO, como debatedora da mesa redonda “**Feminismos e políticas públicas de gênero**” GT Estudos de Gênero da ANPUH/MG, em 2019, na Unimontes e também no artigo: FERREIRA, Jorgetânia da Silva. Feminismo, trabalho e cuidados: por todas nós, pela minha mãe! **Caderno Espaço Feminino**. Feminino | Uberlândia, MG | v.32 | n.2 | seer.ufu.br/index.php/neguem | jul./dez. 2019 | ISSN 1981-3082. Em 2022 voltei a Montes Claros para falar da minha participação política na mesa: "Ocupando o campo político: mulheres, cidadania e representatividade" no V ENCONTRO NACIONAL DO GT ESTUDOS DE GÊNERO DA ANPUH-BRASIL – “**Gênero e colonialidade nos 200 anos de Brasil (In)dependente**”, realizado pelo GT Estudos de Gênero e feminismos – ANPUH/MG e pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Parte das reflexões apresentadas nessa parte do memorial foram discutidas neste evento, para as quais agradeço a participação das participantes.

das mulheres, especialmente das mais pobres, trabalhadoras domésticas, donas de casa, trabalhadoras urbanas e rurais. Sabemos que os últimos anos foram muito difíceis para as mulheres, em função das políticas do atual governo, bem como pelo agravamento da situação do país, ocasionada pela pandemia da Covid 19. Sabemos que quando piora a vida da classe trabalhadora, piora ainda mais a vida das mulheres, responsabilizadas historicamente pelo trabalho doméstico e pelos cuidados. Se faltam creches, escolas, serviços de saúde, alimentação essas faltas pesarão mais sobre os corpos das mulheres, dificultando suas vidas e limitando suas oportunidades profissionais, pessoais, acadêmicas, culturais.

A ausência de políticas públicas, a desigual distribuição do trabalho doméstico e dos cuidados entre homens e mulheres, bem como entre as gerações têm significado sobrecarga e exaustão para as mulheres pobres, periféricas, rurais, negras, indígenas, velhas, mulheres com deficiência e suas cuidadoras, LBTs. Qualquer projeto do governo que se considere incluyente precisa debruçar sobre essa dimensão de gênero e suas intersecções.

A busca pela superação das desigualdades de gênero, especialmente no tocante às condições de trabalho, passa pelo investimento em políticas afirmativas, reconhecendo a desigual inserção das mulheres no mercado de trabalho, face aos encargos familiares, maternos, sociais e de cuidados.

Não fossem as mulheres, o Brasil seria ainda mais desigual. Exemplifico: imaginem o Brasil sem a solidariedade das mulheres, sem as cozinhas comunitárias, que sustentam e alimentam milhares de pessoas todos os dias, num país em que 33 milhões de pessoas estão passando fome e 125 milhões sofrem algum nível de insegurança alimentar. O Brasil seria bem pior.

Reconhecer e valorizar os saberes, trabalho, histórias e habilidades dessas mulheres deve ser parte dos programas do governo Lula, rumo a ressignificação e revalorização do trabalho doméstico e dos cuidados, como necessário, importante e de responsabilidade do Estado, da família e de todas as pessoas, homens e mulheres, e das diferentes gerações, de acordo com suas possibilidades. Há que se dividir o trabalho doméstico e os cuidados. Há que se ter maior participação do Estado. Como essas mudanças dependem de transformações mais profundas na vida material e nas subjetividades, propomos algumas ações emergenciais para melhorar a vida das mulheres:

- 1) Programa de Fortalecimento e investimento nas cozinhas comunitárias já existentes. Mapear, fortalecer, viabilizar e remunerar as mulheres pelo seu trabalho. Além da geração de

renda para essas mulheres, investir na sua formação e ampliação das suas condições de vida, educação, cultura e direitos humanos.

2) Linha de crédito especial para compra de eletrodomésticos e subsídios para máquinas de lavar e secar roupas, lava louças, aspirador de pó, etc. tendo em vista a desigual distribuição do trabalho doméstico essa medida tem uma dimensão progressista importante;

3) Criação de um Programa Nacional de Formação de Trabalhadoras Domésticas com certificação, que articule a formação profissional e direitos humanos; com a criação de “Casas das Domésticas”, um espaço de formação, trocas e difusão de direitos, desenvolvido em parceria com Universidades Públicas, Institutos Federais e Movimentos Sociais, especialmente as organizações vinculadas às trabalhadoras domésticas como Fenatrad, sindicatos, entre outras;

4) Investimento em Escolas de Tempo Integral para que as Mulheres possam trabalhar, estudar, descansar. Os horários das instituições educacionais precisam se adequar às necessidades educacionais das crianças e adolescentes bem como às necessidades de suas famílias. Ao mesmo tempo que batalhamos para que mais pessoas cuidem, especialmente os pais, é preciso pensar uma política que garanta os direitos das mães que criam sozinhas seus/suas filhos/as. Assim evitamos a sobrecarga dessas mulheres e os direitos dessas crianças que muitas vezes não recebem os cuidados de que precisam, colocando suas vidas em risco.

5) Criação de Restaurantes Populares nas cidades com mais de 100 mil habitantes e política de fomento às cozinhas comunitárias nas cidades menores de 100 mil habitantes, bem como uma política de criação de Lavanderias Comunitárias;

6) Criação de bolsas auxílio para formação de mulheres desempregadas, mães, especialmente as que têm maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho em função do acúmulo dos cuidados, considerando as intersecções.

Sendo o que tenho para o momento, agradeço a atenção e me coloco à disposição para contribuir no que for preciso.

Saudações feministas,

Jorgetânia da Silva Ferreira

Professora do Instituto de História da UFU, Dra. em História pela PUC-SP, na área de História Social do Trabalho. Núcleo de Estudos de Gênero da UFU. Articuladora do Movimento Mães Pela Vacina

Não obtive resposta. Mas sigo articulando saberes da prática e das vivências com o que aprendi nos livros e na universidade. Sigo demandando, inspirada por quem veio antes de nós como Olga Benário Prestes “Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo”. Considero central para o feminismo no contexto atual a luta por políticas públicas que favoreçam o cuidado, Esse debate pode nos ajudar na explicitação das desigualdades e opressões, numa sociedade em que mulheres, pobres, negras e velhas são obrigadas a cuidar mas não tem garantido o mesmo direito.

Quando era criança em Monte Alegre corria atrás das carreatas na época das eleições, alegrando-me com as músicas e com os panfletos. Para nós era uma diversão pois rompia com a rotina, a escassez e vivíamos aquele momento de novidade com alegria. Ainda hoje penso como o povo está fora da política, restando para a maioria da população torcer e votar, nos limites de uma democracia restrita, uma democracia blindada aos anseios às demandas da classe trabalhadora. No período da campanha em 2022 fui observando a empolgação da população com as carreatas, o aplauso quando passávamos com a carreta da campanha do Lula. Me fez pensar que, como na minha infância, o que resta para a maioria da população é a torcida, como nos jogos de futebol, na Copa do Mundo. A maioria do povo não participa das decisões sobre a composição das chapas, sobre os destinos do fundo eleitoral, sobre a escolha de quem será candidato/a, não define os rumos do governo. As elites, ao contrário, estão sempre querendo definir, até quando seus candidatos preferenciais perdem as eleições.

Penso que é importante o campo progressista pensar formas de participação política de forma mais ampla, para que a maioria do povo não fique restrito ao voto, ao aplauso e/ou vaia. Partidos políticos, movimento feminista, núcleos de estudos e pesquisas, movimentos sociais em geral precisam construir espaços populares com a maioria da classe trabalhadora e não deixar a “educação política” do povo à mercê dos setores conservadores.

No que se refere à representatividade das mulheres na política temos muitos desafios, obstáculos e interdições. Apesar de sermos a maioria entre as eleitoras continuamos sendo apenas 15% das casas legislativas. Muitas cidades não tiveram

ainda sua primeira prefeita, muitos Estados ainda não tiveram sua primeira governadora, muitas universidades ainda não tiveram a sua primeira reitora e nós sabemos que isso é muito importante. Uberlândia ainda não teve sua primeira prefeita, a Universidade Federal de Uberlândia ainda não teve sua primeira reitora, Minas Gerais ainda não teve sua primeira governadora e a primeira mulher eleita presidenta do Brasil, Dilma Rousseff foi derrubada por um golpe parlamentar, jurídico, empresarial, político e midiático em agosto de 2016. Um golpe machista, um golpe misógino, contra as mulheres do Brasil e a classe trabalhadora. Quando Dilma foi eleita em 2010, ela disse:

...meus queridos brasileiros e brasileiras, pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher.

Venho para abrir portas, para que muitas outras mulheres também possam, no futuro, ser Presidentas e para que, no dia de hoje, todas as mulheres brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher. Não venho para enaltecer a minha biografia, mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira. Meu compromisso supremo, reitero, é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos. (Dilma Rousseff, 01 de janeiro de 2011)

O golpe contra a presidenta foi uma sinalização de como nossa presença é incômoda e de como precisamos nos fortalecer enormemente se queremos ocupar e permanecer nos espaços de poder. Seu intuito de abrir portas para mais mulheres confrontava o projeto misógino de que esse espaço é só dos homens das elites.

No país em que vivemos as interdições para a participação política das mulheres são inúmeras. Inicia-se com uma socialização desencorajadora: isso não é para você, você é frágil, isso é coisa de homem, isso é perigoso, vai colocar sua família em risco, política é coisa de quem não presta. Não querem as mulheres na política. Essa dimensão subjetiva me parece muito importante. Quantas de nós não entrou para a vida política por medo? Não é incomum quando as mulheres que têm totais condições e possibilidades de assumirem a direção do departamento, da faculdade, do sindicato, reitoria, deputadas, vereadoras, prefeitas e qualquer cargo público serem desencorajadas. Serem criadas dúvidas sobre suas capacidades. Também é comum serem ameaçadas por maridos ou companheiros” :se você for eu

te largo e isso não é só ameaça, embora às vezes é o melhor que pode lhes acontecer.

Diferente dos homens que têm amparo para ocuparem espaço na vida pública, as mulheres sofrem diversos constrangimentos e violências. Há a exigência, de forma explícita ou implícita, de escolherem entre o cargo e o casamento, o cargo e a família, vida pessoal e afetiva ou a vida pública. Nessas horas sempre penso em Lula e Dilma. Lembro da ex -primeira dama Marisa Letícia cuidando do Lula, em todos os momentos, inclusive na doença e lembro de Dilma, muitas vezes sozinha em seus piores momentos, inclusive na doença. Esse fato demonstra como a sociedade brasileira é cruel com as mulheres e se torna ainda mais perversa com as que não correspondem aos padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal, machista, heteronormativa, capacitista. Uma sociedade cruel com as mulheres divorciadas, “solteironas” e de como o casamento se tornou uma imposição e condição de aceitação²¹. Como assumir uma tarefa tão difícil apesar dessas objeções? Lula ficou viúvo e já reconstruiu sua vida e tem uma nova mulher a Janja como companheira para cuidar dele. Isso é privilégio dos homens na nossa sociedade.

Para participar das eleições efetivamente, e não ser só laranja ou escada para os homens, não basta só boa vontade. Você pode ser excelente, você pode ter boas propostas mas você precisa dar escala para suas ideias. Você precisa ter visibilidade, apoios e dinheiro, as pessoas precisam acreditar que você tem chance de ganhar. Apesar de proibidas as doações privadas, continuam sendo milionárias e o fundo partidário é também bastante desigual. Eu fiz campanha recebendo 83 mil do Fundo Partidário, a deputada eleita pelo PSOL para o mesmo cargo que eu concorri, recebeu 638 mil. A deputada eleita do PT de Uberlândia teve 2 milhões de reais e fala no comício do Lula, na cidade. Quem tem mandato pode fazer campanha durante quatro anos pela sua reeleição, pode fazer outdoors. É praticamente impossível eleger sem ter milhões. Há exceções. Mas as exceções estão aí para confirmar a regra: se elege com milhões.

Como vivemos em uma sociedade desigual, opressora e competitiva esses valores também perpassam a vida das mulheres e estão presentes no campo

²¹ Um aprofundamento do debate sobre a obrigação de casar pode ser encontrado na tese da professora Claudia de Jesus Maia, que deu origem ao livro. MAIA, C. J. **A invenção da solteirona**: conjugalidade moderna e terror moral. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

político. Nesse sentido, é preciso discutir os limites da solidariedade entre as mulheres do campo popular. Sabemos da importância do slogan “uma sobe e puxa a outra” mas temos observado dificuldades para efetivação desse princípio, com as eleitas fazendo carreira solo e se distanciando dos coletivos de lutas. O que tem prevalecido é a construção de “mandatos para si”, sem abertura de espaço para o fortalecimento de outras mulheres, em função das disputas eleitorais. Esse modelo favorece lideranças personalistas, com pouco espaço para a crítica e busca de reeleições infundáveis, desconsiderando que a eleição de uma só é possível com o voto de muitas.

Tenho me movimentado marcada pela vontade de construir mudanças coletivas. Em 2018, depois de todo processo de luta contra o golpe e as reformas de Temer aceitei colocar meu nome para ser candidata a deputada federal pelo PSOL com o slogan: Uma de nós. Era assim que o grupo que coordenava a campanha pensava a nossa candidatura. Queríamos “Uma de nós” na Câmara Federal para levar as pautas das mulheres, da educação, do serviço público, entre outras. Foi um processo muito bonito e animador, com uma campanha construída a muitas mãos e muita solidariedade. Obtivemos 10.754 votos e foi um grande feito para uma pessoa que nunca tinha sido candidata, cujo capital político eram as lutas. Fui candidata numa campanha coletiva, de uma movimentação em Minas Gerais chamada Muitas, sob a liderança da então vereadora Áurea Carolina, junto com Cida Falabella e outras companheiras/os. Áurea foi eleita deputada federal, com votação bastante expressiva e Andréia de Jesus foi eleita deputada estadual. Nossa campanha foi feita com a proposta de que “votou em uma votou em todas”, com o compromisso de que todas as pautas e corpos estariam representados. Já no início as divergências começaram a aparecer, sobretudo entre as eleitas. Em 2020 houve um rompimento das forças que compunham o grupo denominado Gabinetona e até o espaço comum dos mandatos foi fechado. Durante o seu mandato Áurea teve licença maternidade e outras licenças de saúde demoradas, ainda assim, o grupo que comandava o mandato não oportunizou que eu exercesse o cargo como suplente, nem por um dia. Esta possibilidade teria me colocado em outro patamar nas eleições de 2020 e 2022.

Em 2020, em meio à pandemia da Covid 19, fui candidata a vereadora com o slogan: “Lá vem mulheres: coragem pra lutar, amor pra cuidar”. O PSOL estava bem organizado no início do ano e o Diretório Municipal se preparava para realizar uma

bonita e forte campanha. A pandemia dificultou bastante a nossa campanha, que tem como característica o trabalho “corpo a corpo”. Foi fator dificultador também as disputas internas. Fui candidata por acreditar que era a única chance do PSOL fazer sua cadeira na Câmara Municipal, o que ainda não alcançamos. Tivemos mais de 2.192 votos, mais votos que seis vereadores/as eleitos/as mas o PSOL não conseguiu o quociente eleitoral e ficamos fora da Câmara Municipal. Mais uma vez fizemos uma campanha bonita, envolvente e coletiva.

Em 2022 fui novamente candidata, desta vez a deputada estadual, obtendo 8.042 votos. Nesse momento, já estava participando da Resistência, corrente interna do PSOL, que priorizou a candidatura da companheira e vereadora de Belo Horizonte Iza Lourença, para deputada federal. Neste cenário aceitei ser candidata a deputada estadual com o slogan: “Minas de Coragem”. No curso da campanha ganhou importância também o slogan: “A força do interior de Minas”. O Estado de Minas Gerais é muito grande e, muitas vezes, as decisões são tomadas na capital sem atenção às diferentes regiões do Estado. Penso que por isso esse segundo slogan passou a ganhar força durante a campanha. As eleições são todas difíceis porque colocamos nossa vida para a decisão do coletivo e tem sido uma disputa muito desigual. A eleição de 2022 foi mais difícil em função da crise econômica, da violência política, do clima de ódio patrocinado e praticado pelo então presidente, hoje inelegível, Jair Bolsonaro. Ainda em momento pandêmico, embora em condições melhores, prevalecia o medo, o pragmatismo, o isolamento, a falta de dinheiro, uma vez que o serviço público federal foi muito prejudicado pelo governo e esse grupo é uma força importante das minhas candidaturas. Mesmo assim fizemos uma campanha grande, bonita, com um belo comitê no centro da cidade e com uma pequena equipe de trabalho paga com o fundo eleitoral. Tivemos o grupo mais animado de campanha, uma energia maravilhosa e mais de oito mil votos. Aquém do necessário mas considerando o contexto e as condições uma excelente votação.



Atividades de campanha de 2022.

Apesar de todas as dificuldades, considero fundamental que lutemos para que, nos limites da democracia burguesa, haja mais representatividade na política, com mais mulheres da classe trabalhadora sendo eleitas, mais negras e negros, indígenas, pessoas com deficiência, LGBTQIAPN+. Não podemos aceitar a interdição de nossos corpos, nossas pautas, nossas crias nos espaços de poder. É preciso que as mulheres sejam ouvidas e consideradas e que haja solidariedade real entre nós. O prazer de estarmos juntas é também revolucionário num mundo que cultua os homens e despreza as mulheres. Queremos não apenas ocupar os espaços de poder mas também comandá-los, porque, muitas vezes, o comando dos mandatos de mulheres é masculino e branco. Nós não queremos ser apenas representação de nós mesmas.

Se por um lado não podemos desconsiderar as dificuldades para a efetivação da participação política das mulheres, por outro não podemos desconsiderar os

passos que temos dado e a solidariedade entre nós, que também é possível e existente. Se pude chegar até aqui é porque muitas mulheres me deram as mãos e me puxaram. Sou forte e corajosa porque vivo em mutirão. Em 2018 um casal amigo fazia compras de supermercado, solidarizando com a minha situação de mãe sozinha e contribuindo no abastecimento da minha casa. Nenhum homem na política tem esse tipo de preocupação. Nas minhas campanhas eu visto Mariza, e não é aquela loja de departamento, mas minha querida amiga, professora de Artes na ESEBA UFU que me empresta ou me doa roupas e junto com outras amigas e companheiras me apoiam de muitas maneiras. Olenir é sempre a Abelha Rainha que, entre muitas outras coisas, faz as campanhas financeiras. A Letícia França produz as fotografias mais lindas, muitas delas presentes aqui no meu memorial. Estou bem, corajosa e forte por que sou com elas. Elas são muitas e maravilhosas. Tivemos homens puxando nossas campanhas de companheiros valorosos que compreendem a importância de eleger mulheres de lutas. Mas vamos principalmente com a força e apoio das mulheres.

Uma certeza que eu tenho é de que, embora a lógica dominante, inclusive favorecida pelo algoritmo nas redes sociais, seja individualista eu não tenho dúvidas de que só há saídas na coletividade. Isso não quer dizer que não tenhamos que projetar lideranças, para efetivamente representar as nossas pautas e nossos corpos, mas que a representante precisa saber-se parte da construção coletiva e não iluminada, para além do coletivo. Esse é um desafio. Ter mais mulheres na política, no centro das decisões é condição necessária para a melhoria do mundo. Quando as mulheres governam os resultados coletivos, em geral são bons. Isso não tem relação com a biologia, mas com uma socialização diferenciada que recebemos, que é voltada para o cuidado. Na base da política temos muitas mulheres, somos a sustentação dos partidos, dos movimentos, do trabalho comunitário. Não tem festa e não tem enterro que preste sem a nossa presença. É hora de exigirmos do governo Lula uma política que melhore a vida das mulheres e nos leve para a paridade de gênero. É hora de exigirmos que nossas pautas se transformem em política de Estado e não tenhamos nenhuma mulher a menos. Para superar todas essas dificuldades precisamos seguir juntas, com amor e coragem, com a força da coletividade. Somos capazes mas somos desestimuladas. É preciso que afirmemos a toda menina que ela pode ser médica, presidenta, vereadora mas que ela, de fato,

possa ser o que ela quiser. Meu corpo, minha alegria tem sido colocados em favor dessa tarefa.

Apesar das dificuldades e limites da participação na democracia burguesa, avalio como importante essa inserção política. Foi muito difícil. Em todas as eleições eu pensava porque tinha aceito, tal desafio Mas em todas elas eu fui feliz, me constituí e me fortaleci como uma mulher das lutas. Foi bom ter ajudado o PSOL de Minas Gerais ter suas primeiras deputadas em 2018, Áurea Carolina, deputada federal e Andreia de Jesus, deputada estadual e novamente eleger duas deputadas em 2022, a primeira indígena, Célia Xacriabá e a primeira mulher assumidamente lésbica, Bella Gonçalves.

Além de contribuir com o fortalecimento da esquerda e do PSOL, ter sido liberada para concorrer às eleições me permitiu fazer a disputa de projeto na sociedade e ter condições de participar da resistência, desde o #EleNão em setembro de 2018 e todas as lutas pelo #ForaBolsonaro durante os 4 anos, bem como pela eleição de Lula em 2022.



Atividade Fora Bolsonaro em Uberlândia.



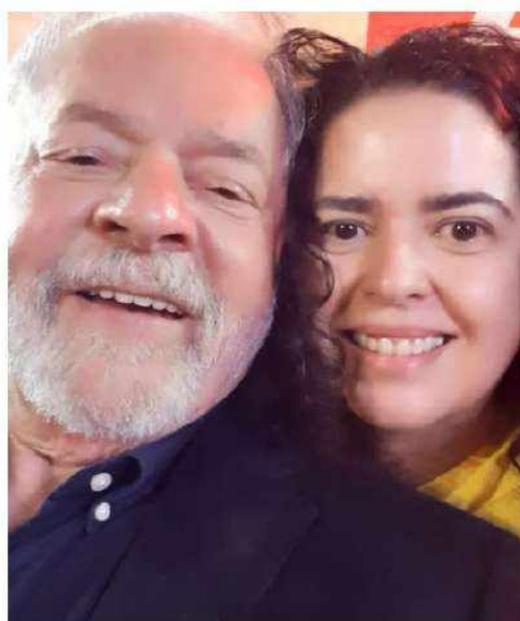
#EleNão em setembro de 2018



Carnaval organizado pelos movimentos sociais (Uberlândia/2017).



Nas últimas eleições o PSOL, pela primeira vez desde sua fundação, não teve candidatura própria e decidiu apoiar o Lula já no primeiro turno. Trabalhei por essa decisão e considero que foi uma decisão muito acertada. Compreendendo que não vivemos na nossa anterior “normalidade” democrática, foi preciso unir todos os esforços para derrotar Bolsonaro nas urnas. Sabemos que não foi fácil e que corremos muitos riscos. Sabemos também que a luta contra o facismo, a luta contra o bolsonarismo não acabou, mesmo com a inelegibilidade de Bolsonaro.



Encontros com Lula. A foto antiga é de 1996, com Julie na barriga da mamãe. Ao lado, o pai dela, Igino Marcos, hoje vereador do PT-Uberlândia. A foto coletiva é de abril de 2022, dia da decisão pelo apoio do PSOL ao Lula, no primeiro turno, em São Paulo. As outras 3 são do comício do Lula em Uberlândia.

5. Considerações Finais: E agora, Jorgê?

“A vida não é justa - é plissada, franzida, godê - e é curta” mas ser feliz nunca é demodê” Líria Porto

Me valho da escrita da poeta mineira Líria Porto, da vizinha cidade de Araguari-MG, para o início das conclusões do meu memorial. Essa referência me foi apresentada recentemente pela psicanalista Luana Brito, profissional que me acompanha nos últimos anos, a quem sou grata pela referência e pelo trabalho conjunto. De fato, a vida não é justa. Para mim, que sou filha da Terezinha da Costura, que também aprendi a costurar na juventude, eu entendo bem o que é o plissado, o franzido e o godê e é uma excelente metáfora da vida. Tem muito mais camadas e detalhes do que o justo, o reto. A vida é curta. É preciso saber viver, já dizia a música dos Titãs.

O memorial pode ser uma oportunidade de comemoração, partindo da origem da palavra que quer dizer trazer à memória. Procurei fazer esse trabalho, apresentando meus percursos, com vitórias e fracassos, buscando fazer essa retomada de forma crítica. Considero que nas condições existentes eu fui uma pessoa que teve êxito na caminhada pessoal e profissional. De origem pobre, migrante, mulher, esquerdista cheguei à UFU como estudante de graduação, cheguei à PUC-SP como estudante de mestrado e doutorado, cheguei à UFU como docente efetiva do Instituto de História e agora me apresento para chegar ao mais alto degrau da carreira do Magistério Superior. De onde eu vim isso não é pouca coisa. Fui militante política de diversos movimentos sociais, dirigi a seção sindical dos e das docentes da UFU, a ADUFU como presidenta por dois mandatos, sou reconhecida pela capacidade de agregar pessoas e coordenar grupos de trabalho, estou eleita tesoureira da Regional Leste do ANDES-SN. Uma vida de lutas por causas coletivas. Como professora tenho bom vínculo com os e as estudantes e meu empenho é para que todas/todos/todes possam aprender. Participei e coordenei projetos de extensão e pesquisa, e geramos importantes frutos desse trabalho, com publicações, quase sempre coletivas.

Fiz muita coisa e isso sem dúvida implicou uma sobrecarga de trabalho. Avalio que tive um papel na minha família de origem, para que mais pessoas pudessem ocupar outros espaços. Eu comecei na militância política e consegui envolver grande parte da minha família, inclusive minha mãe se elegeu vereadora pelo PT de Monte Alegre (2008-2012). Fui a primeira da minha família a ingressar na universidade e depois vieram tias, tios, irmãs e irmãos. Apesar de lamentar o pouco tempo que pude ficar com minha filha e meu filho na infância, ela e ele estão bem. Júlie é advogada formada pela UFU, é casada com João e está construindo sua vida de forma autônoma. Marquinhos começou direito mas descobriu que seu desejo é fazer o curso de Nutrição, para o qual concorre a uma vaga no vestibular da UFU, no vestibular de julho de 2023. Guilherme, sobrinho-filho que minha irmã Rosa me legou, está bem, fazendo Zootecnia no Instituto Federal do Triângulo Mineiro em Ituiutaba. Me sinto feliz pelo que são. "É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança", diz o provérbio africano. Como migrante não tive uma aldeia inteira mas trouxe de Monte Alegre minha irmã Meire para morar comigo, que junto com o pai da minha filha e filho e trabalhadoras domésticas, especialmente Leísa, Leninha e Neide foram fundamentais para que eu pudesse ser mãe, sem deixar de ser estudante, profissional e militante. Tento viver de uma maneira integrada, buscando coerência entre o que penso e faço. Isso não é fácil. Aqui em casa resíduos orgânicos vão para um baldinho e semanalmente Gabriela, da Rede de Compostagem Cipó do Cerrado, passa para pegar. A rede funciona com o pagamento de uma taxa. As verduras e legumes vêm da Cesta Semeando do MST-Movimento dos Sem Terra, movimento tão necessário e que sofre um duríssimo ataque, com uma vergonhosa CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito. Face aos problemas estruturais da sociedade, pesa sobre nós um conjunto de tarefas que poderiam ser resolvidas coletivamente. O que poderia ser mais simples, como o ato de alimentar, face à abundância de produção de alimentos no Brasil, se torna uma grande batalha pela desigualdade na distribuição e para o consumo de alimentos saudáveis, uma vez que somos o país que mais utiliza agrotóxicos no mundo e com o Bolsonaro piorou mais ainda. Até ter saúde mental virou mais responsabilidade, que pesa sobre o sujeito, numa sociedade adoecida e adoecedora, que não apresenta projetos coletivos, atribuindo ao indivíduo toda responsabilidade sobre

sucesso e fracasso e os sujeitos se sentindo impotentes para alterar essas estruturas sociais.

E agora Jorgê? Fiz os corres que foram necessários. Muito da minha vida foi organizada em torno daquilo que precisava ser feito. Mesmo as tarefas políticas, muitas delas eu fiz pensando em servir a uma causa maior, a uma necessidade. A elaboração do memorial me colocou de forma intensa a importância de pensar o sentido do que sou e faço hoje e o que fazer no próximo período. Minha família já não depende tão diretamente de mim, nem a nuclear e nem a família mais ampla. Estão desenvolvendo suas próprias vidas e buscando autonomia. Sou parte da esquerda socialista e tenho dado minha contribuição para o fortalecimento da esquerda e do partido. Não conseguimos um mandato mas o PSOL que não tinha nenhuma deputada conquistou 2 cadeiras (uma deputada federal e uma estadual) tanto em 2018 quanto em 2022, com a minha participação. Apesar de gostar de participar da política eleitoral, não é minha intenção concorrer a um cargo público em 2024.

Enquanto elaborava essas considerações finais eu lembrei de outro poema:

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa. quando se vê, já são seis horas! quando se vê, já é sexta-feira! quando se vê, já é natal... quando se vê, já terminou o ano... quando se vê perdemos o amor da nossa vida. quando se vê passaram 50 anos! agora é tarde demais para ser reprovado... (Mário Quintana).

Agora é tarde demais para muitas coisas. Mas está em tempo para muitas outras e é essa percepção das potencialidades e limites do tempo presente que quero vislumbrar. Aprendi com as trabalhadoras domésticas que entrevistei que, para dar conta de todas as dimensões da vida é preciso não investir toda energia numa única parte. Esse é um aspecto importante da luta feminista hoje. Repensarmos a mulher guerreira que somos, para não sermos exploradas, inclusive nas lutas. Estarei atenta a isso para melhor desenvolver meu trabalho e buscar viver todas as dimensões da minha vida. Como pesquisadora, militante e feminista tenho me aproximado das discussões sobre o cuidado não posso desconsiderar o debate

sobre o autocuidado. Ângela Davis e Audre Lorde nos alertam sobre essa necessidade. As mulheres, as pobres, as negras são socializadas para cuidar dos outros. É preciso que nos coloquemos também como sujeitas de direitos. Não nessa perspectiva capitalista que relaciona cuidado como compra de alguma mercadoria “porque eu mereço” mas como perspectiva de preservação da pessoa, de não exposição a situações desgastantes que poderiam ser evitadas. É um exercício delicado e necessário, que precisa ser praticado.

Com esse memorial espero chegar ao último degrau da Carreira do Magistério Superior. Tenho muitos anos de trabalho pela frente e estou feliz por isso, obrigatoriamente mais nove anos, de acordo com reforma da previdência de 2019. Eu ainda quero realizar muitas coisas na universidade e fora dela. Quero me dedicar ao ensino da graduação, ao convívio com os e as estudantes. Pretendo ampliar a minha formação sobre avaliação docente e dedicar mais tempo a acompanhar a escrita dos e das estudantes, como condição necessária para a melhoria do ensino e da aprendizagem. E pretendo fazer muitas viagens com eles e elas. Deslocar é preciso! Desenvolver mais atividades coletivas dentro da universidade me parece importante, porque vimos um esvaziamento da universidade pós pandemia. A presencialidade me parece ser um valor importante como estratégia de defesa da universidade pública. Vou seguir desenvolvendo projetos que aproximem a universidade da comunidade e para que a UFU se torne uma universidade popular. Também avalio retornar à pós-graduação, seja nos Programas de Mestrado Acadêmico ou Mestrado Profissional. Como projeto de pesquisa pretendo continuar meus estudos sobre as mulheres, com foco na comida. A alimentação é um tema que articula muitas questões que me interessam nesse momento: prazer, trabalho, lutas sociais, cuidado, cultura popular. Em 2019 eu estive em Cuba, com Julie e Marquinhos. Conversando com meu amigo Marcelo Resende e minha amiga Manuela sobre os desafios da alimentação em Cuba, tive um insight e pensei que o investimento nos derivados da mandioca poderia ser um bom caminho para o país, que enfrenta muitos problemas com o abastecimento. Essa ideia foi levada ao presidente por Marcelo, que é embaixador da FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação em Cuba e, a partir desse diálogo e do trabalho de Marcelo, hoje Cuba tem importado do Brasil a nossa tecnologia para fazer polvilho e as comidas derivadas desse alimento. Para Cuba a introdução de novos hábitos alimentares com

derivados da mandioca será muito importante porque a ilha produz mandioca mas não produz trigo e a importação é muito onerosa para o país. Pretendo investir em um projeto de pesquisa sobre a cultura alimentar de Brasil e Cuba e estabelecer projetos de cooperação internacional. Já começamos as tratativas no setor de Relações Internacionais em Havana e na Diretoria de Relações Internacionais na UFU.

Penso que posso dizer que sou uma professora decolonial raiz (risos). Minha origem pobre e meu compromisso com a construção da história da classe trabalhadora, das mulheres trabalhadoras domésticas e donas de casa, associado às leituras que tive acesso e que apropriei me permitem me colocar como produtora de conhecimentos descolonizados. Eu parti sempre do ponto de vista dos e das “debaixo”, as vi como sujeitas de suas próprias vidas, mesmo que nas condições duras de sua existência. Quando eu encontro o pensamento de Carla Akotirene, Lélia Gonzales, Ângela Davis, entre outras eu me sinto feliz por ter uma referências teóricas que sustentam meu trabalho e não me obrigam a escolher entre uma dimensão da vida dessas mulheres, ou hierarquizar as opressões. Podemos pensar as sujeitas situadas na sua dimensão de classe, que intersecciona com gênero, raça, sexualidade, geração, deficiências. Carla Akotirene (2018), importante intelectual brasileira, diz que a interseccionalidade é uma ferramenta metodológica, uma “oferenda analítica”. Que bom que as feministas negras nos oferecem essa ferramenta, porque como já dizia a escritora feminista norte-americana Audre Lorde, as ferramentas do mestre não vão desmontar a casa do mestre. Cabe construir e utilizar nossas próprias ferramentas, na busca de construção de outra sociedade, com vistas à superação das desigualdades e opressões.

No que eu colocar minha energia, minha prioridade será favorecer a educação popular, a alegria da classe trabalhadora e a crença de que embora mudar seja difícil, é necessário e possível. Essa sou eu: uma educadora popular na universidade, uma intelectual orgânica da classe trabalhadora. Sigamos!

6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, A. & FERREIRA, J.S. & TRÓPIA, P. **ANDES-SN 30 anos**: sindicato de base, democrático e de luta Uberlândia: ANDES-SN, 2011.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Tradução. Regina Candiani. Boitempo: São Paulo, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BLAS, Alicia. A Revolução dos Cuidados: táticas e estratégias . **Biodiversidade, Sustento e Culturas**. Número 97, julho de 2018. Disponível em: <www.centroecologico.org.br > boletim_download>. Acesso em: 15 nov.2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 4. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BRITES, Jurema. Serviço doméstico, desigualdade, gênero e cidadania. WOLF, C. S., DE FAVERI, M., RAMOS, T.R DE O. **Leituras em rede**: gênero e preconceito. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2007.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho das Mulheres no Brasil**: continuidades e mudanças no período 1985-1995. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: 1998.

CAMARGO, H.M. **Empregada é a mãe** - das dinâmicas da maternagem para uma maternagem dinâmica. 1992. Dissertação (Mestrado em Psicologia (Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CARNEIRO, Sueli. (2011). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Geledés**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em 20 março 2019.

CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, Campinas, 2004, v. 2004, p. 247-290.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

DAVIS, Angela. **Uma autobiografia**. São Paulo, Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2. ed. rev. São Paulo, Brasiliense: 1995.

ESTEBAN, Maria Teresa. Educação Popular: o desafio à democratização da escola pública. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 27, n. 71, p. 9-17, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 03/05/2014.

FENELON, Déa Ribeiro *et al.* (org.) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004.

FERREIRA, J.F. & ABDALA, M. C. & PUGA, V. L. **Prosas & Sabores**. Uberlândia: Composer, 2011.

FERREIRA, J.F. Cozinhar, comer, comemorar: questões de gênero na cozinha.
FERREIRA, J.F. & ABDALA, M. C. & PUGA, V. L. **Prosas & Sabores**. Uberlândia: Composer, 2011

FERREIRA, J. S . Ela era doméstica: trabalhadoras domésticas e donas de casa no Triângulo Mineiro-MG. **História Revista.**, Goiânia, v. 25, n. 3, p. 312–333, set./dez. 2020

FERREIRA, J. S **Memória, História e Trabalho**: as experiências das trabalhadoras domésticas na cidade de Uberlândia/MG 1970/1999. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2000. (Dissertação de Mestrado)

FERREIRA, J. S. Feminismo, trabalho e cuidados: por todas nós, pela minha mãe! **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, MG , v.32, n.2, jul./dez. 2019.

FERREIRA, J. S. Trabalho em domicílio: cotidiano de trabalhadoras domésticas e patroas. **Caderno Espaço Feminino** | v. 23 | n. 1/2 |p. 339-360| 2010

FERREIRA, J. S. **Trabalho em Domicílio**: cotidiano de trabalhadoras domésticas e donas-de-casa no Triângulo Mineiro (1950-2005). São Paulo:

FERREIRA, J. S.; GUIMARAES JUNIOR, M. C. P. História e militância: uma compatibilidade prática e metodológica. **Universidade e Sociedade** (Brasília), v.XXX, p.188 - 199, 2020.

FERREIRA, J. S & GUIMARÃES JÚNIOR, M. C. Apresentação. CARVALHO, M. R.; SEIDL, R. A; NASCIMENTO, E. L. **Segurança alimentar nas periferias pelas mãos de agricultoras urbanas**. 1a ed. Uberlândia, Minas Gerais: Editora Subsolo, 2021.

FERREIRA, J. S & GUIMARÃES JÚNIOR, M.C. O golpe de 2016 no Brasil: um projeto das elites contra o povo. NORONHA, G.C. & LIMA, I.R.S. & NASCIMENTO, M.R. **O golpe de 2016 e a corrosão da democracia no Brasil**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2020.

FERREIRA, J.S. & CARVALHO, G. O.S. **Feminismo das maiorias**. (orgs.) São Paulo: Usina Editorial, 2022.

FERREIRA, J.S; MENDES, O.M & JESUS, W.F. Mulheres, trabalho, educação e movimentos sociais. In: SANTOS, B.P; OLIVEIRA, C.C & MENDES, O.M. **Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos**: pesquisas e intervenções. Uberlândia: Edufu, 2015. p. 59-83.

FERREIRA, Jorgetânia da Silva. Do silêncio ao preconceito: a (des)caracterização do emprego doméstico no pensamento acadêmico. **Revista História e Perspectivas**, n. 23, jan.-dez 2000, Uberlândia.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. **Usos e abusos da História Oral**. Editora da Fundação Getúlio Vargas, RJ, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GOMES, Marineide. (org.). **Estágios na formação de professores**: possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 4.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, B. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. 2ª ed. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. (1979). Conferência. Tradução de Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantelar-a-casa-do-mestre/>. Acesso em: 02/05/2023.

MAIA, C. J. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto comunista. São Paulo: Boitempo, 2010.

NORONHA, G.C. & LIMA, I.R.S. & NASCIMENTO, M.R. **O golpe de 2016 e a corrosão da democracia no Brasil**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2020.

SHARPE, J. A História Vista de Baixo. P. 27. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THOMPSON, Eduard Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha & KHOURY, Yara Maria H. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1985.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é de todos**. 1958.

https://theav.weebly.com/uploads/8/4/7/3/8473020/1958_aculturaedetodos_raymondwilliams.pdf

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.